

**LUIZA SOARES MARAGNO**

**A INTERSUBJETIVIDADE E A REFERÊNCIA NOS ARTIGOS DE  
OPINIÃO VENCEDORES DAS OLIMPÍADAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA 2016 E 2019**

**Porto Alegre**

**2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
**LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E**  
**ENUNCIATIVAS**

**A INTERSUBJETIVIDADE E A REFERÊNCIA NOS ARTIGOS DE**  
**OPINIÃO VENCEDORES DAS OLIMPÍADAS DE LÍNGUA**  
**PORTUGUESA 2016 E 2019**

**ORIENTADORA: PROF. DRA. CARMEM LUCI DA COSTA SILVA**

Dissertação de mestrado na área de Estudos da Linguagem, linha de pesquisa Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE**

**2023**

### CIP - Catalogação na Publicação

Maragno, Luiza Soares  
A INTERSUBJETIVIDADE E A REFERÊNCIA NOS ARTIGOS DE  
OPINIÃO VENCEDORES DAS OLIMPÍADAS DE LÍNGUA PORTUGUESA  
2016 E 2019 / Luiza Soares Maragno. -- 2023.  
115 f.  
Orientadora: Carmem Luci da Costa Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Artigo de opinião. 2. Intersubjetividade. 3.  
Referência. 4. Émile Benveniste. 5. Gênero do  
discurso. I. Silva, Carmem Luci da Costa, orient. II.  
Título.

**Luíza Soares Maragno**

**A INTERSUBJETIVIDADE E A REFERÊNCIA NOS ARTIGOS DE  
OPINIÃO VENCEDORES DAS OLIMPIADAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA 2016 E 2019**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 17 de abril de 2023

Resultado: Aprovado (Conceito Geral A).

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva (Orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Alessandra Jacqueline Vieira  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Carolina Knack  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Jane da Costa Naujorks  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

## **A função da arte/1**

*“Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovaloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar!”*

Eduardo Galeano

## AGRADECIMENTOS

Por diversas vezes, ao longo da minha trajetória, vi e senti que tive um “Santiago Kovaloff” em diversos momentos, o qual não só me ensinou a olhar a imensidão que é viver, mas também me mostrou que pedir auxílio é uma atitude corajosa. A cada “Santiago”, obrigada por me ajudar a ver para além do que eu conseguia sozinha.

Começo agradecendo à minha orientadora, Profa. Dra. Carmem, com quem sempre senti que poderia contar e com quem aprendo, a cada conversa, sobre a vida e sobre a linguagem. Profa. Carmem, desde as aulas na graduação, foi uma inspiração em tantas áreas que é um privilégio poder aprender para além da sala de aula junto dela.

Às professoras que compuseram a banca deste trabalho, Professoras Doutoras Alessandra Vieira, Carolina Knack e Jane Naujorks.

Ao Giovane, meu amigo e referência em tantos momentos. Cada encontro que temos é único, e aprender sobre a academia e a vida com ele é para poucos. Muito obrigada sempre.

À Raphaela, minha amiga, que me inspira com a forma como vê e sente o mundo, disposta a descobrir novos caminhos.

Aos meus pais, pelo suporte indiscutível desde sempre em minha vida, por terem apoiado meus sonhos e, por isso, fazerem parte das minhas conquistas. Ao Jorge e ao Felipe, meus fiéis companheiros, que estiveram ao meu lado sempre e foram muito mais do que companhia, me fizeram conhecer o amor, cada um em sua singularidade.

À professora Zoraide, que me recebeu de braços abertos na Bahia, apoiou meus sonhos e me ensinou muito sobre a vida, em especial, a saber ouvir.

À professora Maria Tereza, que muito me auxiliou desde a escolha da profissão até hoje, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

À Vitória, minha amiga, que desde sempre é um exemplo de companheirismo e dedicação. Tenho muita sorte por tê-la ao meu lado. À Bárbara e à Amanda, amigas especiais que apoiaram meus passos tanto na vida pessoal quanto na vida acadêmica.

A cada um que me ajudou, me ensinou e sonhou comigo, muito obrigada.

## RESUMO

Esta dissertação tem como tema a intersubjetividade e a referência nos artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa 2016 e 2019. Para o tratamento do tema, busca-se cumprir o seguinte *objetivo geral*: verificar como os artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa (OLP) 2016 e 2019 realizam, nas enunciações escritas, as operações de intersubjetividade e de referência. A esse objetivo geral, vinculam-se os seguintes *objetivos específicos*: 1) constituir um aparato teórico para a análise das produções escritas vencedoras das OLP 2016 e 2019; 2) formular princípios metodológicos para a análise das produções escritas vencedoras das OLP 2016 e 2019, modo de enunciação atualizado em gênero artigo de opinião; 3) analisar os artigos de opinião selecionados, bem como discutir e refletir sobre os principais resultados. O cumprimento dos objetivos geral e específicos é realizado por meio do desenvolvimento de questões teóricas, metodológicas e analíticas. No primeiro capítulo, são abordadas, a partir da perspectiva enunciativa de Émile Benveniste, as noções de *intersubjetividade* e de *referência*, assim como elementos do processo enunciativo relacionados a essas noções. No segundo capítulo, são apresentados os elementos do gênero do discurso, conforme propostos por Mikhail Bakhtin e por estudiosos do artigo de opinião a partir da abordagem bakhtiniana. A construção desse aparato teórico é proposta com vistas ao estabelecimento de uma relação de complementaridade entre os estudos benvenistianos e os estudos bakhtinianos para ancorar a análise das produções escritas vencedoras das OLP 2016 e 2019. A ideia de relação complementar entre Bakhtin e Benveniste encontra abrigo em dois pontos. O primeiro ponto envolve considerar o fato de que foram os dois estudiosos, como apontam Flores e Teixeira (2009), precursores *stricto sensu* da perspectiva enunciativa de linguagem. O segundo ponto está relacionado ao fato de Bakhtin ser um filósofo da linguagem e Benveniste um linguista, o que permite, na análise dos artigos, a abordagem de elementos gerais do gênero, segundo Bakhtin e estudiosos do artigo de opinião, e a abordagem de elementos específicos do processo enunciativo, segundo Benveniste e suas noções de *intersubjetividade* e de *referência*. No terceiro capítulo, delimita-se o objeto de estudo. Para isso, percorre-se a criação da Olimpíada de Língua Portuguesa, os objetivos dos organizadores com o projeto, a forma como neste é definido e avaliado o gênero artigo de opinião. Também nesse capítulo, é apresentado um quadro com os *princípios metodológicos* e com os *operadores de análise*. Os princípios são relacionados ao gênero artigo de opinião, conforme postulados de Bakhtin e de estudiosos vinculados ao filósofo da linguagem. Os operadores são relacionados aos elementos do processo enunciativo vinculados à perspectiva de Émile Benveniste. No quarto capítulo, é operacionalizada a análise dos artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa 2016 e 2019. A análise aponta como resultados a possibilidade de o presente estudo subsidiar novas análises de artigos de opinião em concursos, como as Olimpíadas de Língua Portuguesa, e estudos de artigos de opinião em sala de aula de Língua Portuguesa, principalmente no Ensino Médio.

**Palavras-chave:** *artigo de opinião; referência; intersubjetividade; gênero do discurso.*

## RÉSUMÉ

Le thème de ce mémoire est l'intersubjectivité et la référence dans les articles d'opinion gagnants des *Olímpiadas de Língua Portuguesa 2016* et *2019*. Afin d'aborder ce thème, on cherche à atteindre l'*objectif général* suivant : vérifier comment les articles d'opinion gagnants des *Olímpiadas de Língua Portuguesa (OLP) 2016* et *2019* réalisent, dans les énonciations écrites, les opérations d'intersubjectivité et de référence. Les objectifs spécifiques suivants sont liés à cet objectif général : 1) constituer un appareil théorique d'analyse des productions écrites gagnantes des OLP 2016 et 2019 ; 2) formuler des principes méthodologiques pour l'analyse des productions écrites gagnantes des OLP 2016 et 2019, mode d'énonciation actualisé en genre article d'opinion ; 3) analyser les articles d'opinion sélectionnés, ainsi que discuter et réfléchir sur les principaux résultats. L'accomplissement de l'objectif général et des objectifs spécifiques passe par le développement de questions théoriques, méthodologiques et analytiques. Dans le premier chapitre, sur la base de la perspective énonciative d'Émile Benveniste, les notions d'*intersubjectivité* et de *référence* sont abordées, ainsi que des éléments du processus énonciatif liés à ces notions-là. Dans le deuxième chapitre, les éléments du genre du discours sont présentés, tels que proposés par Mikhail Bakhtine et par les spécialistes de l'article d'opinion basés sur l'approche bakhtinienne. La construction de cet appareil théorique est proposée en vue d'établir une relation de complémentarité entre les études benvenistiennes et les études bakhtiniennes afin d'ancrer l'analyse des productions écrites gagnantes des OLP 2016 e 2019. L'idée d'une relation complémentaire entre Bakhtine et Benveniste s'appuie sur deux points. Le premier point consiste à considérer le fait que les deux chercheurs étaient, comme le soulignent Flores e Teixeira (2009), des précurseurs *stricto sensu* de la perspective énonciative du langage. Le deuxième point est lié au fait que Bakhtine est un philosophe du langage et Benveniste est un linguiste, ce qui permet, dans l'analyse des articles, l'approche des éléments généraux du genre, selon Bakhtine et les spécialistes de l'article d'opinion, et l'approche des éléments propres au processus énonciatif, selon Benveniste et ses notions d'*intersubjectivité* et de *référence*. Dans le troisième chapitre, l'objet d'étude est délimité. Pour y parvenir, on examine la création des *Olímpiadas de Língua Portuguesa*, les objectifs des organisateurs avec le projet, la manière dont le genre article d'opinion y est défini et évalué. Toujours dans ce chapitre, un tableau avec les principes méthodologiques et avec les opérateurs d'analyse est présenté. Les principes sont liés au genre article d'opinion, selon les postulats de Bakhtine et des savants associés au philosophe du langage. Les opérateurs sont liés aux éléments du processus énonciatif associés à la perspective d'Émile Benveniste. Dans le quatrième chapitre, l'analyse des articles d'opinion gagnants des *Olímpiadas de Língua Portuguesa de 2016* et *2019* est opérationnalisée. L'analyse souligne comme résultats la possibilité de la présente étude de subventionner des nouvelles analyses d'article d'opinion dans des compétitions, telles que les *Olímpiadas de Língua Portuguesa*, et des études à propos d'articles d'opinion dans des classes de Langue Portugaise, tout spécialement au lycée.

**Mots-clés:** article d'opinion ; intersubjectivité ; référence ; genre de discours.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Explicação do número de vagas por categoria.....	74
<b>Figura 2</b> – Análise do fragmento 1 publicada no site da OLP. ....	89
<b>Figura 3</b> – Análise do fragmento 2 publicada no site da OLP. ....	89
<b>Figura 4</b> – Análise do fragmento 3 publicada no site da OLP. ....	90
<b>Figura 5</b> – Análise do fragmento 4 publicada no site da OLP. ....	90
<b>Figura 6</b> – Análise do fragmento 5 publicada no site da OLP. ....	91
<b>Figura 7</b> – Análise do fragmento 6 publicada no site da OLP. ....	91
<b>Quadro 1</b> – Síntese dos conceitos benvenistianos necessários a este percurso.....	28
<b>Quadro 2</b> – Síntese das noções centrais de Benveniste indispensáveis a este trabalho. ....	38
<b>Quadro 3</b> – Síntese dos conceitos-chave dos estudos benvenistianos indispensáveis a este trabalho.....	39
<b>Quadro 4</b> – Gêneros do discurso e modos de enunciação.....	58
<b>Quadro 5</b> – Síntese do percurso da OLP desde a sua primeira edição até 2021. ....	64
<b>Quadro 6</b> – Divisão das UFs nos 7 polos. ....	75
<b>Quadro 7</b> – Síntese de cada etapa. ....	76
<b>Quadro 8</b> – Critérios de avaliação do gênero artigo de opinião, divulgados em 2019, na 6ª edição da OLP. ....	83
<b>Quadro 9</b> – Princípios metodológicos e operadores de análise.....	93
<b>Tabela 1</b> – Organização do número de vagas do município por categoria a partir do número de escolas com textos válidos. ....	73
<b>Tabela 2</b> – Número de alunos semifinalistas por categoria.....	74

# SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>17</b>
<b>O ENTRELAÇAMENTO ENTRE LINGUAGEM, LÍNGUA E ENUNCIÇÃO: AS COSTURAS DE ÉMILE BENVENISTE</b> .....	<b>17</b>
1.1 Linguagem e língua: simbolização e significação.....	18
1.2 Enunciação e discurso: processo e produto .....	23
1.3 Intersubjetividade e referência .....	29
1.4 O modo de enunciação escrita: discurso escrito e leitura.....	31
1.5 Síntese e encaminhamentos teóricos .....	36
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>41</b>
<b>A CONDIÇÃO DE DIÁLOGO NO DISCURSO DO ARTIGO DE OPINIÃO: A RELAÇÃO INTERSUBJETIVA EU-OUTRO</b> .....	<b>41</b>
2.1 Os elementos do gênero do discurso conforme Bakhtin e complementaridades possíveis com os elementos do processo enunciativo conforme Benveniste .....	43
2.2 O artigo de opinião como gênero do discurso.....	49
2.3 O modo de enunciação do artigo de opinião: elementos do processo enunciativo conforme Benveniste inscritos nos elementos do gênero artigo de opinião.....	57
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>60</b>
<b>O OBJETO DE ANÁLISE: CONTEXTUALIZAÇÃO E PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>60</b>
3.1 O artigo de opinião na Olimpíada de Língua Portuguesa.....	60
3.1.1 A Fundação Itaú Social .....	60
3.1.2 O Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).....	61
3.1.3 A Olimpíada de Língua Portuguesa .....	63
3.1.4 O Caderno <i>Pontos de vista</i> .....	77
3.1.5 O artigo de opinião na OLP.....	85
3.2 Princípios metodológicos: operadores de análise do artigo de opinião.....	92
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	<b>94</b>
<b>NÃO HÁ LINHA DE CHEGADA, POIS A PESQUISA É, CONSTANTEMENTE, O MEIO DO CAMINHO</b> .....	<b>94</b>
4.1 Análise dos artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa ....	95
4.1.1 Artigo de opinião vencedor no ano de 2016.....	96
4.1.2 Artigo de opinião vencedor no ano de 2019.....	101
4.2 Efeitos das análises: reflexões acerca dos principais resultados .....	106
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>114</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ponto de vista persegue o homem. E, dado que isso também é posicionamento a partir de uma história vivida na linguagem, as considerações iniciais desta dissertação partem de um relato que se faz necessário para compreender como cheguei aqui e para onde pretendo ir.

Desde pequena, eu dizia que seria professora. As brincadeiras de dar aula para ursinhos enfileirados, atentos a cada fala daquela criança de 7 anos, não ficaram no passado. Transformaram-se em sonho e, depois, em meta de vida. Sempre gostei da docência; meu pai, professor de contabilidade por mais de 35 anos, mostrou-me o que era amar o trabalho que tinha, as histórias que partilhava e o que aprendia com cada aluno. Felizmente, segui os passos dele, ainda que em outra área do conhecimento, uma vez que os cálculos nunca foram meus grandes amigos.

Iniciei meus estudos no curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul aos dezoito anos, feliz com a perspectiva que o novo mundo de possibilidades parecia permitir. Ao longo das disciplinas cursadas, a linguística delineava-se como um desejo de aprofundar os estudos pelos quais me interessava. É fato que demorei para me formar. Conciliar a vida profissional com os estudos não foi fácil, mas há um ponto necessário nesse relato: constituir-me professora junto da formação acadêmica certamente foi uma das experiências mais enriquecedoras que tive. Ao mesmo tempo em que eu vivia os questionamentos de aluna na sala da graduação, iniciava minhas aulas com turmas cheias de estudantes prontos para escrever textos com suas opiniões sobre os mais variados assuntos.

A sala de aula é um lugar instigante. Nunca depende só de uma pessoa o que acontece naquele espaço. É um contrato não verbal em que todos partilham conhecimento, trocam experiências e aprendem uns com os outros. Aprender não é tarefa unilateral. Ensinar também não. E aprender a ensinar é desafiador. Construir mecanismos para que uma pessoa consiga organizar as ideias a fim de transformá-las em frases, parágrafos e textos, sem que exista uma cultura de valorização para isso, é desgastante. No entanto, é somente a partir desse processo libertador que é a educação que os estudantes conseguirão os meios necessários para viverem. Por isso, optar por essa profissão é tão desafiador.

Delimitar um objeto de estudo não é tarefa fácil. Sustentar um posicionamento também não. Daí a necessidade de abordar, nesta dissertação, a importância da

constituição e da defesa de um ponto de vista. Trata-se de um estudo que, pautado na relação do humano com a linguagem, visa a uma dupla contribuição: para o leitor e para a mim, enquanto pesquisadora em formação. A definição dos recortes temático e teórico depende desse ponto de vista ao qual me vinculo, que é o da interdependência humana em relação à linguagem.

Muitas pessoas acreditam que ensinar é atividade para poucos, é um dom, algo mais do campo místico do que do real. Acredito que ser professor é estar constantemente disposto a olhar o mundo por meio de perspectivas novas, é abrir o caminho de novas possibilidades para os estudantes e, ao mesmo tempo, ter o próprio trajeto marcado por trocas imensuráveis que só a sala de aula pode proporcionar. A pesquisa, por sua vez, é um modo de trazer para o professor perspectivas novas. Eis porque me direcionei ao mestrado. Com esta dissertação, pretendo abrir novas possibilidades na minha trajetória como professora e proporcionar que meus futuros estudantes sejam convocados também a trilhar novos saberes, uma vez que aprender e ensinar são ações entrelaçadas.

Desse modo, meus estudos acadêmicos não podem negar ou esquecer o que sou fora do ambiente científico. Minha vida de estudante na pós-graduação se mistura à vida de professora que, a cada aula, sente que mais aprende do que ensina. Lecionar é uma troca constante. Aqui nesta dissertação, proponho-me a explicar algumas ideias que surgiram a partir de dúvidas e, posteriormente, de pesquisas nas áreas do texto e da enunciação e, se possível, também promover diálogos a partir desses assuntos. Para tanto, utilizo como referência e base os estudos de Émile Benveniste, linguista com contribuição imensurável para o que entendemos por linguagem como atrelada à nossa condição humana. Por que adoto Benveniste para alicerçar este estudo?

Benveniste marcou minha vida desde o início da graduação e segue o fazendo. As suas reflexões sobre o simbólico da linguagem, sobre a língua constituída por forma e sentido em seus dois modos de existir – sistema e discurso – e sobre a nossa inscrição como sujeitos de discurso são pontos necessários que fazem a minha inserção nessa perspectiva linguística para pensar ensino e pesquisa *em* textos. Exemplo disso foi o meu trabalho de conclusão do curso de Letras, o qual procurou analisar se elementos benvenistianos auxiliariam a compreensão das competências basilares da avaliação da prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Além disso, vale destacar que muitos pesquisadores brasileiros também se valeram de Benveniste para refletirem sobre texto (leitura, análise e produção escrita). Meu caminho aqui, então, é constantemente atravessado pelo de outros, nesse vasto

campo de estudos da linguagem constituído por e a partir de Émile Benveniste. Tal linguista nasceu em 1902, na Síria, e naturalizou-se francês em 1924. Sua formação linguística deu-se a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, decorrentes, principalmente, do *Curso de Linguística Geral*.

Há muito ainda por estudar em Benveniste; no entanto, nesta dissertação, compartilho o que pesquiso (no tempo presente mesmo, visto que a pesquisa não é linha de chegada, é sempre o meio), a fim de que o ir e vir de ideias se instaure por este caminho – o qual se cruza com o caminho de quem me lê.

Assim, esta pesquisa tem como tema *a intersubjetividade e a referência nos artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa 2016 e 2019*. Esse tema será abordado por meio dos seguintes objetivos:

### **Objetivo Geral:**

Verificar como os artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa (OLP) 2016 e 2019 realizam, nas enunciações escritas, as operações de intersubjetividade e de referência.

### **Objetivos específicos:**

1. Constituir um aparato teórico para a análise das produções escritas vencedoras das OLP 2016 e 2019.
2. Formular princípios metodológicos para a análise das produções escritas vencedoras das OLP 2016 e 2019, modo de enunciação atualizado em gênero artigo de opinião.
3. Analisar os artigos de opinião selecionados, discutir e refletir sobre os principais resultados.

Para cumprir esses objetivos, esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *O entrelaçamento entre linguagem, língua e enunciação: as costuras de Émile Benveniste*, é subdividido em cinco seções, por meio das quais procuro constituir os termos e as noções que alicerçam a nossa reflexão. A divisão do capítulo é a seguinte:

- “Linguagem e língua: simbolização e significação”. Nessa seção, trato de noções indispensáveis a esta pesquisa, visto que são inerentes às discussões referentes à linguagem e à maneira como nos estruturamos a partir dela. A fim de organizar este percurso proposto aqui, foram utilizados como base os textos “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1963), “Da subjetividade na linguagem” (1958), “Os níveis da análise linguística” (1962/1964) e “A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967).
- “Enunciação e discurso: processo e produto”. Nessa seção, procuro retomar as noções de enunciação e discurso, com os elementos relacionados a esses fenômenos, como intersubjetividade, referência e integração forma-sentido. Assim, sustentam teoricamente a seção os textos “O aparelho formal da enunciação” (1970) e “A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967).
- “Intersubjetividade e referência”. Nessa seção, são retomadas essas duas noções, indispensáveis para esta pesquisa. Para tanto, valemo-nos dos textos “O aparelho formal da enunciação” (1970), “A natureza dos pronomes” (1956) e “Da subjetividade na linguagem” (1958).
- “Os modos de enunciação escrita: discurso escrito e leitura”. Nessa seção, são abordados estudos de pesquisadores que se valeram de Benveniste para tratarem de texto e de escrita, como a reflexão de Valdir do Nascimento Flores presente no artigo “A enunciação escrita em Benveniste: notas para uma precisão conceitual” (2018), o estudo de Carolina Knack na dissertação “Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação” (2012) e as reflexões de Jane da Costa Naujorks, com a tese “Leitura e enunciação: princípios para uma análise do sentido na linguagem” (2011).
- “Síntese e encaminhamentos teóricos”. Nessa seção, é apresentada a síntese do capítulo com os principais tópicos que sustentam a pesquisa desenvolvida nesta dissertação.

Após a apresentação dos pressupostos teóricos, o segundo capítulo, intitulado *A condição de diálogo no discurso do artigo de opinião: a relação intersubjetiva eu-outro*,

também foi seccionado com vistas a uma melhor organização metodológica do estudo em termos de reflexão acerca da natureza do *corpus* – o artigo de opinião – e com vistas à apresentação dos princípios e dos procedimentos metodológicos que alicerçam a análise. Os tópicos envolvem:

- “Os elementos do gênero do discurso conforme Bakhtin e complementaridades possíveis com os elementos do processo enunciativo conforme Benveniste”. Nessa seção, serão abordadas a conceituação e a caracterização do gênero artigo de opinião em termos de tema, estrutura composicional e estilo, à luz da abordagem bakhtiniana de gêneros do discurso, com possíveis aproximações da abordagem benvenistiana da enunciação.
- “O artigo de opinião como gênero do discurso”, momento em que abordaremos o modo como estudiosos concebem o artigo de opinião enquanto um gênero do discurso a partir da reflexão bakhtiniana e como modo de enunciação a partir da reflexão benvenistiana presente em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970).
- “O modo de enunciação do artigo de opinião: elementos do processo enunciativo conforme Benveniste inscritos nos elementos do gênero artigo de opinião”, seção na qual sintetizaremos os principais pontos do capítulo relacionados à problemática de nossa dissertação.

Depois de tratarmos dos gêneros do discurso e do artigo de opinião como gênero, com pontos de convergência entre os elementos do gênero e os elementos do processo enunciativo, no terceiro capítulo, intitulado *O objeto de análise: contextualização e princípios metodológicos*, abordaremos as seguintes seções:

- “O artigo de opinião na Olimpíada de Língua Portuguesa”. Nessa seção, contextualizamos o material empírico do presente trabalho, os artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa, e os critérios elencados para a seleção dos melhores textos em 2016 e 2019.

- “Princípios metodológicos: operadores de análise do artigo de opinião”. Nessa seção, apresentamos os princípios metodológicos que sustentarão a análise, isto é, os procedimentos de realização das análises dos artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa.

Por fim, o quarto capítulo, intitulado *Não há linha de chegada, pois a pesquisa é, constantemente, o meio do caminho*, trata dos seguintes itens:

- “Análise dos artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa”. Nessa seção, apresentamos a análise dos artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa a partir dos princípios metodológicos, centrada na observação do funcionamento das operações de intersubjetividade e referência.
- “Efeitos da análise: reflexões a partir dos resultados”. Nessa seção, apresentamos os principais resultados, com a reflexão sobre eles voltada para o ensino dos gêneros, em especial o ensino do gênero artigo de opinião na escola.

Esta dissertação, assim, procura relacionar meus interesses relativos ao ensino na Educação Básica e a pesquisa na Universidade. Este é o encontro da professora com a pesquisadora. Esperamos que o leitor dialogue com as reflexões aqui apresentadas, frutos desse encontro.

# CAPÍTULO I

## O ENTRELAÇAMENTO ENTRE LINGUAGEM, LÍNGUA E ENUNCIÇÃO: AS COSTURAS DE ÉMILE BENVENISTE

Este capítulo propõe estudar textos presentes nas obras *Problemas de Linguística Geral I* (doravante *PLG I*) e *Problemas de Linguística Geral II* (doravante *PLG II*) para a construção do ponto de vista que sustenta este estudo. Émile Benveniste, considerado sucessor de Saussure, conforme Normand (1996), insere no centro da linguística a noção de *discurso*, segundo Dessons (2006). Para que a noção de *discurso* entre em cena, foi necessário Benveniste tratar da *enunciação*, noção que se ancora na visão de linguagem e língua do linguista. Por isso, este capítulo trata das noções entrelaçadas de *linguagem*, *língua* e *enunciação* em Benveniste. Como ocorre esse entrelaçamento?

Para responder a tal questão, organizamos o capítulo em quatro seções. Na primeira seção, intitulada *Linguagem e língua: simbolização e significação*, abordamos as discussões referentes à linguagem com sua propriedade simbólica e à língua com sua significação em sistema e discurso, engendrada em forma e sentido. Essa primeira seção se organiza em torno dos textos “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1963), “Da subjetividade na linguagem” (1958), “Os níveis da análise linguística” (1964) e “A forma e o sentido na linguagem” (1967)<sup>1</sup>. Na segunda seção, intitulada *Enunciação e discurso: processo e produto*, abordamos as noções de *enunciação* e *discurso*, centrando-nos nos fenômenos da intersubjetividade, da referência e da integração forma-sentido, fenômenos centrais para nossos percursos metodológico e analítico. Sustentam teoricamente essa segunda seção os textos “O aparelho formal da enunciação” (1970) e “A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967)<sup>2</sup>. Na terceira seção, intitulada *Intersubjetividade e referência*, abordamos estas duas noções indispensáveis para a pesquisa desenvolvida nesta dissertação. Na quarta seção, *O modo de enunciação escrita: discurso escrito e leitura*, são abordados estudos de pesquisadores que se valeram de

---

<sup>1</sup> Seguimos a orientação de Flores (2013) de que é preciso delimitar um *corpus* teórico a partir da obra de Benveniste. Por isso, selecionamos textos gerais sobre linguagem, textos sobre enunciação e textos sobre a temática forma-sentido.

<sup>2</sup> Todos os artigos referenciados encontram-se na obra *Problemas de Linguística Geral I*, 3ª edição, 1991, e *Problemas de Linguística Geral II*, 1ª edição, 1989. Ao longo desta dissertação, o ano referenciado, após as citações diretas, será o ano de publicação das referidas edições no Brasil.

Benveniste para tratarmos de texto e escrita. E, por fim, a quinta seção, intitulada *Síntese e encaminhamentos teóricos*, retoma aspectos importantes desenvolvidos nos tópicos anteriores e conecta-se com a discussão que será desenvolvida nos capítulos seguintes.

A partir dessa breve apresentação do capítulo, podemos nos encaminhar para a seção 1.1.

## 1.1 Linguagem e língua: simbolização e significação

Émile Benveniste define a linguagem como a faculdade humana de simbolizar, característica universal e imutável do homem que se realiza pela língua. A criança nasce com a linguagem – faculdade simbólica –, a qual tem como função reproduzir a realidade. Conforme aponta o linguista no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, artigo publicado em 1963,

[...] a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 1991, p. 36).

Ou seja, colocar a língua em emprego implica *reproduzir*<sup>3</sup>, pelo discurso, o que foi vivido e, também, aquilo que se carrega do vivido: a experiência e a marca deixada pelo acontecimento. Ouvir implica tomar para si o discurso e, por meio dele, recriar o acontecimento para conseguir compreender o que o locutor expressou.

Ademais, tal afirmativa é importante ao postular o caráter da linguagem de reproduzir simbolicamente o mundo e de, nessa reprodução simbólica, fazer com que este se apoie na sua (da linguagem) própria organização formal. Aqui se está diante do poder fundador da linguagem: estabelecer significação entre as coisas, pois “a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*” (BENVENISTE, 1991, p. 37). Essa organização, por ser formal, mas também simbólica, é instituída socialmente: aprende-se o sentido do símbolo para

---

<sup>3</sup> Reforçamos, aqui, que *reproduzir* não significa *repetição* ou *espelhamento da realidade*, e sim uma *recriação da realidade* (nova produção desta) via exercício da língua no discurso. Trata-se, pois, de uma realidade de discurso.

interpretá-lo e significá-lo. Tal citação benvenistiana é central para esta pesquisa, uma vez que compreender que a constituição do humano passa por esse entendimento de que a linguagem tem sua propriedade simbólica, que lhe é constitutiva, possibilita que a língua signifique e que, conseqüentemente, o homem signifique por meio dela. É o que defende Benveniste ao sustentar que “a linguagem é a atividade significante por excelência, a imagem mesma do que pode ser a significação” (BENVENISTE, 1989, p. 223).

Por isso, é indiscutível o olhar benvenistiano para essa questão: a linguagem significa (o que é de sua própria natureza) e, por significar, explica o meio humano. O homem carrega a linguagem, vive por meio do simbólico (o qual o constitui). No texto “A forma e o sentido na linguagem”, artigo publicado em 1967, lemos:

[...] antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar (BENVENISTE, 1989, p. 222, grifo do autor).

Vale ressaltar que a linguagem é realizada dentro de uma língua, visto que a primeira é o intermédio entre o homem e outro homem, entre o homem e o mundo e entre o espírito e as coisas. Daí a linguagem ser valorada, também, por essa função mediadora que serve para que o homem viva; tal afirmativa é justificada, por exemplo, via observação de crianças no início da fala: elas não adquirem a linguagem, porque já nascem com ela. O que elas adquirem é a língua: aprendem as coisas do mundo pelo nome, e não pela coisa representada; aprendem primeiro o “todo” para, depois, entenderem a regra (seja de gramática, seja de outra área do conhecimento). Isso é, também, uma forma de provar como homem e animal diferem um do outro. Ainda no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1991), analisam-se os estudos do linguista: enquanto o homem produz discurso a partir de discursos, o animal apenas se comunica por ação motora. Desse modo, é o ser humano quem exerce a capacidade de simbolizar o mundo por meio da linguagem e não o animal, que apenas repete a ação, sem exercer a etapa do pensamento. Logo, é isso que faz com que o homem consiga significar o mundo por meio da linguagem, ou seja, por meio de uma língua atualizada em discurso.

É preciso ressaltar que a linguagem, para Benveniste, constitui a vida do homem. Não se pode constituir o homem fora da linguagem. Como o linguista defende em “Da subjetividade na linguagem”, “Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e

não o vemos nunca inventando-a” (BENVENISTE, 1991, p. 285). Com efeito, Benveniste defende que a relação entre homem e linguagem é uma relação de interdependência em que um se define pelo outro: a linguagem define-se por ser constitutiva do humano e o humano se define por estar sempre na linguagem.

Deslocando os apontamentos de Benveniste para esta dissertação, é interessante refletir sobre o quanto essa propriedade simbólica possibilita que uma língua atualizada em discurso signifique, questão de que trataremos no capítulo 4, quando analisaremos discursos escritos, os artigos de opinião das Olimpíadas de Língua Portuguesa. As escolhas lexicais e gramaticais dos estudantes, ao escreverem, por exemplo, um artigo de opinião, carregam o modo como inseriram, em outros discursos, suas experiências de vida para expressarem suas posições a outros. Tudo isso reforça o quanto a língua em emprego contém a significação e estabelece a comunicação intersubjetiva.

Conclui-se que a linguagem como propriedade simbólica e constitutiva do humano é o que possibilita que as línguas signifiquem e que o homem signifique por meio delas.

Para delimitar o conceito de *língua* presente na teoria de Émile Benveniste, esta dissertação baseia-se, em especial, em dois textos-chave do linguista: “Os níveis da análise linguística”, publicado em 1964, presente nos PLG I (1991), e “A forma e o sentido na linguagem”, publicado em 1967, presente nos PLG II (1989). O primeiro, pensado para o Congresso Internacional de Linguistas, em Cambridge, apresenta o dado, o fato como ponto necessário ao ponto de vista metodológico. É a partir disso que o linguista opera. Já o segundo texto, divulgado no Congresso de Genebra para uma plateia de filósofos, abrange tópicos centrais acerca das noções gêmeas de *forma* e de *sentido* (pensadas pelo linguista de modo diferente da perspectiva filosófica). É válido ressaltar que tais noções são basilares para Benveniste, uma vez que nascem juntas no domínio da linguagem.

No texto de 1964, o linguista inicia a reflexão delimitando o conceito de *nível*, porque apenas esse conceito é capaz de “fazer justiça à natureza *articulada* da linguagem e ao caráter *discreto* dos seus elementos” (BENVENISTE, 1991, p. 127, grifos do autor). O que Benveniste explica é que a linguagem realizada em língua é articulada porque integra unidades e apresenta caráter discreto porque segmenta e distingue um elemento de outro. Tudo isso opera nessa “arquitetura singular das partes e do todo” que compõe a condição primordial que todas as unidades de cada nível devem apresentar a fim de qualificarem-se com *status* linguístico: o sentido.

Ao longo do texto, o autor define “nível” como um operador, recupera discussões a respeito da “palavra”, que explica ter posição intermediária, visto que se decompõe em níveis inferiores e integra unidades superiores. Essas relações retomam a discussão da natureza articulada e do caráter discreto da língua:

A transição de um nível ao seguinte põe em jogo propriedades singulares e despercebidas. Pelo fato de serem discretas, as entidades linguísticas admitem duas espécies de relação: entre elementos de mesmo nível ou entre elementos de níveis diferentes. (BENVENISTE, 1991, p. 133)

Ou seja, no mesmo nível, a relação é discreta, uma vez que é distribucional, porque segmenta e distingue. Em níveis diferentes, a relação é integrativa, dada sua natureza articulada. Tudo isso opera na língua, esse sistema orgânico de signos linguísticos, o qual nos leva às suas operações de análise: a segmentação e a substituição.

Ademais, as noções de *forma* e *sentido* atuam para determinar a diferença entre constituir e integrar. A esse respeito, Benveniste aponta: “Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem” (BENVENISTE, 1991, p. 135).

Por conseguinte, essas duas noções são inseparáveis, daí serem consideradas noções gêmeas, porque se definem uma pela outra e articulam-se na língua. Assim, sintetiza o linguista em *Os níveis da análise linguística*:

A forma de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior.  
O sentido de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior. (BENVENISTE, 1991, p. 135-136)

A noção de *língua*, então, é determinada como a estrutura articulada da linguagem, sua função é a de *reproduzir* a realidade, é ser interpretante de tudo, o interpretante por excelência. Esse sistema orgânico de signos linguísticos, significante, não é inato, e sim adquirido. Além disso, é necessário destacar que a língua, para Benveniste, apresenta dois domínios: o semiótico e o semântico, afirmativa que é de caráter indispensável para este trabalho.

O semiótico é uma estrutura significante: aqui, a análise é intralinguística, estando dentro da estrutura do signo. Isto é, “o signo se define como uma unidade semiótica; ele é dotado de significação na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua, e a totalidade destes signos forma a totalidade da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 227).

A observação categórica do linguista fortalece a ideia de que um signo ou está dentro do sistema, ou está fora do sistema; ou é reconhecido pelos integrantes da comunidade linguística, ou não existe. Se a unidade não encontra significação, não faz parte da língua, não constitui um signo, o qual “Existe quando é reconhecido como significante pelo conjunto dos membros da comunidade linguística, e evoca para cada um, a grosso modo, as mesmas associações e as mesmas oposições” (BENVENISTE, 1989, p. 65).

Já o domínio semântico é transcendente à língua enquanto sistema, visto que o domínio da língua passa a ser o do seu emprego, na comunicação, na ação propriamente dita. A esse respeito, Benveniste postula:

A noção de semântico nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação: vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. É a língua como instrumento da descrição e do raciocínio. Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência. (BENVENISTE, 1989, p. 229).

Ou seja, no domínio do semiótico, o ser humano reconhece e identifica o signo como pertencente à sua língua e, por isso, significa; no domínio semântico, o ser humano compreende a palavra agenciada no discurso e comunica sentidos a outros. Aqui, a organização da língua é a partir da comunicação, da palavra, da frase, da produção de discurso. Significar e comunicar são duas ações humanas em uma língua, como sistema e como discurso. Se, no semiótico, o signo é fundante e está dentro do sistema; no semântico, a frase sempre é particular, um acontecimento diferente: o *aqui* e o *agora* são determinantes no segundo domínio.

Nesses dois domínios, o linguista observa o modo de engendramento entre forma e sentido. No domínio semiótico, o sentido da forma envolve o reconhecimento/identificação de suas oposições pelo falante como pertencente à língua-sistema. No domínio semântico, o sentido das formas (palavras) está na compreensão do modo como estão agenciadas no discurso. Por isso, muitos estudos textuais em enunciação, como o de Mello (2012), exploram o par sintagmatização-semantização, pois esse par atrela-se à dupla forma-sentido no domínio da língua em emprego.

Pensar o universo do discurso e seus elementos requer olharmos para o processo enunciativo. Por isso, na próxima seção, exploramos o par enunciação-discurso.

## 1.2 Enunciação e discurso: processo e produto

A reflexão enunciativa de Émile Benveniste é uma das peças-chave de sua obra, cunhada *a posteriori* por estudiosos como *Teoria da Enunciação*, sendo o linguista considerado como um dos fundadores *stricto sensu* da Linguística da Enunciação, conforme Flores e Teixeira (2009).

Para entender os postulados benvenistianos relacionados à enunciação e ao universo do discurso, dois textos são essenciais ao estudo proposto aqui: “O aparelho formal da enunciação”, publicado em 1970, e “A forma e o sentido na linguagem”, publicado em 1967, ambos presentes nos PLG II (1989).

No primeiro texto, o linguista afirma:

É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Em outros termos, aqui, é possível entender que Benveniste organiza a reflexão como um percurso teórico e também metodológico, apresentando o conceito de *enunciação* como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82) e os elementos dela constitutivos: o ato, a situação em que ocorre e os instrumentos linguísticos necessários para que ela se realize. Então, é preciso distinguir a noção de *enunciação* da noção de *enunciado*, visto que a primeira é postulada como a língua que acontece, a língua que deixa de estar no campo da possibilidade e passa a ter existência e materialidade. Ademais, o caminho percorrido para que a enunciação aconteça é de ordem intersubjetiva, daí podermos relacionar com o discurso, mas sempre tratando as duas noções interligadas: uma diz respeito ao processo (à enunciação) e outra, ao produto (ao discurso). Isso porque, para que exista discurso, é preciso que alguém se declare locutor e implante outro como alocutário para tratar de algo (referência) e porque a enunciação existe, justamente, pela necessidade de o locutor referir pelo discurso para possibilitar a outro correferir. Nesse sentido a relação *eu-tu* (intersubjetividade) e referência (*ele*) estão entrelaçadas no processo enunciativo.

Outra característica importante da enunciação é a noção de *apropriação*, fato que envolve o locutor tomar a língua e declarar a sua posição de locutor, por meio de índices específicos e procedimentos acessórios, bem como implantar o outro diante de si. Dessa maneira, fala-se, aqui, de uma atividade, o processo em que a língua passa a acontecer. Acompanhamos essa argumentação nas palavras do linguista:

[...] a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. (BENVENISTE, 1989, p. 84, grifo do autor).

Isto é, o linguista aborda as categorias de pessoa, de espaço e de tempo. Ademais, assim que o indivíduo se define como locutor, também define o outro como alocutário. Dessa forma, Benveniste justifica por que a língua é utilizada “para a expressão de uma certa relação com o mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 84), dada a sua importância na constituição do sujeito no mundo.

Nessa perspectiva, é indispensável constatar que, na enunciação, o locutor passa a se constituir como sujeito quando a língua deixa de ser sistema para se tornar discurso. Além disso, uma vez que o sujeito se constitui, a alocação faz com que se identifique a presença do outro, o “tu” (tributário do “eu”), o que marca a intersubjetividade. “Eu” e “tu”, assim, fazem da alocação um espaço necessário de comunicação intersubjetiva.

É preciso definir a enunciação no quadro formal de sua realização, ou seja: cada manifestação individual que atualiza o processo enunciativo possibilita definir a identificação dos caracteres formais do processo. Nesse quadro formal, Benveniste evidencia o ato, a situação e os instrumentos. Traçando-se um paralelo com o objetivo desta dissertação, tem-se, aqui, um ponto-chave, uma vez que o modo de enunciação artigo de opinião pode ser analisado a partir desses elementos.<sup>4</sup>

O ato envolve a maneira como o locutor declara sua posição, faz a passagem a sujeito e implanta o outro (o alocutário) diante de si. O ato está relacionado à condição de diálogo da enunciação, pois, desde que alguém “se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si” (BENVENISTE, 1989, p. 84, grifo do autor). Essa condição é reforçada pelo linguista quando defende que “Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 1989, p. 84).

---

<sup>4</sup> Essa relação entre modo de enunciação e gênero artigo de opinião será abordado no item 2.2. desta dissertação.

Essa relação se torna explicitada pelos pronomes *eu-tu*, que marcam a polaridade das pessoas no discurso, visto que *eu-tu* trocam de lugar na enunciação. Com efeito, uma enunciação, ao suscitar outra de retorno, marca a inversibilidade dos seus protagonistas, conforme ressalta Benveniste: “O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 1989, p. 87, grifos do autor).

Já a situação está relacionada ao modo como a língua se acha empregada para o locutor constituir a referência no discurso e possibilitar ao outro co-referir, visto que a língua é empregada na enunciação “para a expressão de uma certa relação com o mundo” e pela necessidade de o discurso reportar determinado fato, conforme também o linguista defende no artigo “A forma e o sentido na linguagem”.

Para que o locutor implante o outro e refira pelo discurso, vale-se dos instrumentos da enunciação (formas mais aparentes – índices específicos de pessoa, tempo e espaço –, demais formas da língua – termos nominais –, o aparelho de funções – intimação, interrogação e asserção – e os procedimentos acessórios).

As formas mais aparentes, consideradas “formas específicas” por Benveniste (1989), têm a função de “colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 84). Essas formas são atualizadas por pronomes *eu-tu*, indivíduos linguísticos internos à enunciação. Também os índices de ostensão são indivíduos linguísticos que nascem de uma enunciação em referência a pessoas, momentos e lugares. Como vinculada aos índices específicos, está a temporalidade, que se produz *na e pela* enunciação. O presente é o tempo necessariamente ligado ao ato de enunciação, pois a explicitação do passado e do futuro ocorre, para Benveniste, a partir do eixo do presente, que “se renova a cada produção do discurso”. (BENVENISTE, 1989, p. 85). As demais formas, as nominais, uma vez enunciadas, estão em relação constante também com o locutor e com o seu discurso.

Quanto ao aparelho de funções, este igualmente comporta elementos que permitem ao locutor influenciar o outro e, assim, acentuar a relação discursiva com este. Acerca desse ponto, Benveniste cita a interrogação, a intimação e a asserção como grandes funções influenciadoras. A primeira, a interrogação, é definida pelo autor como “uma enunciação construída para suscitar uma ‘resposta’” (1989, p. 86), ou seja, quaisquer pronomes, partículas, modo verbal e entonação utilizados pelo locutor que vivem à comunicação intersubjetiva por meio do par pergunta-resposta. A intimação, por sua vez, é outra função que, no “agora”, ordena, faz um apelo/súplica ao alocutário. O

linguista aponta que categorias como o modo verbal imperativo e o uso do vocativo “implicam uma relação viva e imediata do enunciador ao outro” (BENVENISTE, 1989, p. 86). Por fim, há a asserção, a qual, ainda que não tão incisiva, também pertence às funções, visto que comunica uma certeza, sendo “a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 86). Isto é, a opção pelo “sim” ou pelo “não” indica a atitude assertiva do “eu”, corroborada por elementos como o modo indicativo da certeza. Tudo isso caracteriza a enunciação (e, portanto, seu aparelho de funções), já que oferece a condição para que a interlocução aconteça.

Quanto aos procedimentos acessórios, estes se relacionam ao modo como o locutor converte a língua em discurso, via engendramento de formas para a produção de sentidos. Aqui, estamos diante das ideias de *sintagmatização*, defendida em “A forma e o sentido na linguagem”, e de *semantização*, presente em “O aparelho formal da enunciação”. A sintagmatização (forma) envolve o modo como o locutor agencia a língua, vale dizer, o modo como organiza sintaticamente o discurso para produzir sentido (semantização) e referir por meio desse discurso.

Arelado à enunciação está a noção de *enunciado*. O enunciado é o produto da enunciação, o resultado do processo no qual o locutor se apropria da língua para que ela aconteça. Benveniste entende que essa noção concerne à materialidade linguística. Por isso, compreendemos que, além de individual, cada enunciado é único.

Outro aspecto importante para a compreensão dessas noções discutidas anteriormente nesta dissertação é observado no texto “A forma e o sentido na linguagem”. Aqui, Benveniste organiza as noções de *semiótico* e de *semântico* para fins metodológicos (e teóricos) e abre o caminho para tratarmos da relação entre enunciação e enunciado, concebendo este último como vinculado à frase, conforme passagem a seguir:

Se o ‘sentido’ da frase é a ideia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar. Na maior parte dos casos, a situação é condição única, cujo conhecimento nada pode suprir. A frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece. (BENVENISTE, 1989, p. 231)

Ainda em “A forma e o sentido na linguagem”, discute-se a significação da língua:

[...] o sentido da frase está na totalidade da ideia percebida por uma compreensão global; a forma se obtém pela dissociação analítica do enunciado processada até as últimas unidades semânticas, as palavras. Além disso, as

unidades não podem mais ser dissociadas sem deixar de preencher sua função. Esta é a articulação semântica. (BENVENISTE, 1989, p. 232).

Daí por que materialidade linguística que é o enunciado ocorre a partir da enunciação: o processo em que a língua acontece toma forma e significa.

Passa-se, então, à reflexão sobre o discurso, também produto da enunciação e relacionado ao enunciado e à frase. A noção de *discurso* em Émile Benveniste é muito forte, além de basilar na compreensão de sua teoria. Para a análise proposta por este trabalho, o discurso é de extrema relevância e necessita atenção. A fim de delimitar-se o escopo teórico para esta dissertação, utilizaram-se, em especial, duas publicações do linguista:

- a) “A forma e o sentido na linguagem”, publicado em 1967, presente no PLG II (1989);
- b) “O aparelho formal da enunciação”, publicado em 1970, presente no PLG II (1989).

Tais obras são indispensáveis à constituição da análise a ser aqui realizada.

O acontecimento e a experiência do acontecimento são traços do discurso. Isto é, as situações cotidianas de uso da língua pressupõem a alternância entre “eu” e “tu” em uma recriação de realidades via discurso. Logo, parafraseando Benveniste, “a linguagem é o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva”, dada a pressuposição e a apreensão da alocação – a qual nada mais é do que a relação discursiva entre os protagonistas da enunciação.

O discurso, como produto da enunciação, carrega a intersubjetividade (a relação entre as pessoas *eu-tu*) e a referência (o fato – *ele* – reportado no discurso por *eu* a um *tu*). Assim, o discurso dá a ver o modo como o locutor se posiciona, como implanta o outro e como estabelece “certa” relação com o mundo. Esses elementos do discurso se realizam por meios linguísticos, os instrumentos da enunciação, o que faz com que a língua exerça a sua função mediadora das relações entre os humanos e entre estes e o mundo. Tal função mediadora ocorre ora para o locutor informar, ora para impor a adesão do outro, ora para suscitar resposta etc. É no funcionamento semântico, isto é, via discurso que a língua possibilita ao locutor “a integração da sociedade e a adequação ao mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 229).

O discurso é resultante da atividade do locutor que coloca a língua em ação e que, ao fazê-lo, refere-se à situação de seu discurso e manifesta a sua atitude de locutor. Ao agenciar formas e ao organizá-las, o locutor traduz uma “certa” ideia para o outro. Essa ideia somente encontra forma, conforme Benveniste, em um agenciamento sintagmático. Por isso, o linguista defende que “o sentido da palavra é o seu emprego” e o sentido da frase (do discurso) é a sua ideia. Trata-se da sintagmatização enquanto relação entre palavras agenciadas e da semantização enquanto produção de sentidos (ideias) resultantes do agenciamento das palavras na frase. Estamos, aqui, diante da relação entre a forma e o sentido no emprego da língua, questão fundamental a ser verificada nos artigos de opinião que examinaremos.

Em “Os níveis da análise linguística”, artigo publicado em 1964, presente nos PLG I (1991), Benveniste salienta a importância ímpar do discurso, pois é ele que garante a existência e a configuração de uma língua: “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura” (BENVENISTE, 1991, p. 140).

O discurso, conforme acompanhamos em Benveniste, sinaliza a existência da enunciação, lugar em que o humano pode encontrar a língua e o outro para referir sobre “certa” relação que estabelece com o mundo. E é no discurso que nós, humanos, podemos deixar nosso registro na linguagem. Em nosso estudo, verificaremos o registro humano deixado na escrita de artigos de opinião e, para tratar do modo de enunciação escrita, seguimos nosso discurso na próxima seção.

Resumindo, tem-se o quadro 1.

**Quadro 1** – Síntese dos conceitos benvenistianos necessários a este percurso.

ENUNCIACÃO	ENUNCIADO/FRASE/DISCURSO
Acontecimento de língua	Resultado do acontecimento
Ato de apropriação	Materialidade linguística resultante do ato
Processo	Produto
<b>SINGULARIDADE</b>	

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Passemos à seção sobre intersubjetividade e referência.

### 1.3 Intersubjetividade e referência

Nesta seção, trataremos das noções principais de nosso estudo: *intersubjetividade* e *referência*, pois as duas funcionarão como categorias de análise do gênero artigo de opinião. Para tanto, valer-nos-emos para esta discussão dos textos “A natureza dos pronomes” e “Da subjetividade na linguagem”, em diálogo com o texto “O aparelho formal da enunciação”.

No texto “A natureza dos pronomes”, publicado em 1956, Benveniste aborda a noção de “instância do discurso”, “isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” (BENVENISTE, 1991, p. 273). Aqui, podemos aproximar esta noção à de enunciação, conforme acompanhamos em “O aparelho formal da enunciação” – abordagem presente na seção anterior –, ainda que o termo não apareça diretamente no texto de 1956. Benveniste (1956/1991) concebe o “eu” como o locutor e o “tu” como o alocutário, aquele implantado no discurso pelo “eu”. Nessa relação “eu-tu”, os protagonistas se situam em relação a um fato a que “eu” se refere, o que instancia o “ele” na relação. “Ele” é, então, considerado por Benveniste como uma “não pessoa”, visto que se refere a algo ou alguém fora da inversibilidade de pessoas no discurso, conforme acompanhamos na reflexão do autor:

a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de não importa quem ou não importa o que, exceto a própria instância, podendo sempre esse não importa quem ou não importa o que ser munido de uma referência objetiva. (BENVENISTE, 1991, p. 292).

Nesse artigo, Benveniste argumenta que a instância de discurso é a única realidade à qual se referem os pronomes “eu e “tu”: “Eu” significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém’ “eu” e somente pode ser “identificado pela instância de discurso que o contém” (BENVENISTE, 1991, p. 278). Assim, a situação de “alocução” está relacionada, para o linguista, às pessoas do discurso *eu-tu*, que podem se inverter de lugar e assumirem suas posições no discurso. O papel desses pronomes é o de, conforme destaca o autor, possibilitar a conversão da língua em discurso.

Benveniste observa ainda que a referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une a “eu/tu” uma série de “indicadores” associados às referências de tempo e espaço. Assim, o dispositivo *eu-tu-aqui-agora* remete a marcadores *sui-referenciais* que colocam o locutor em relação com o seu discurso e

possibilitam ao outro se inverter de posição. Segundo o autor, isso resolve o problema da comunicação intersubjetiva, visto cada língua oferecer signos vazios que se tornam plenos, quando assumidos pelo locutor a cada instância de discurso (BENVENISTE, 1991). São índices próprios que possibilitam “a cada um dos locutores” se proporem “alternadamente como ‘sujeito’” (BENVENISTE, 1991, p. 281).

A reflexão sobre a polaridade de pessoas no discurso leva Benveniste à reflexão sobre a relação entre subjetividade e intersubjetividade, discussão empreendida em “Da subjetividade na linguagem” (1958). Nesse texto, o linguista concebe a linguagem como o cerne de sua discussão, afirmando que ela não é um instrumento criado pelo homem, mas sim constitutiva do homem. Não há homem constituído fora da linguagem e não há linguagem sem homem, pois é “um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1991, p. 285). Essa relação entre homens que falam encontra respaldo na discussão sobre a polaridade das pessoas, visto o fundamento da “subjetividade” se determinar por meio do estatuto linguístico da “pessoa”, Tal fundamento se dá em uma relação de contraste, conforme acompanhamos na passagem a seguir:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. *Eu* não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que *eu* me torne *tu* na alocução daquele que por sua vez se designa por *eu*. (BENVENISTE, 1991, p. 286, grifos do autor).

A partir dessa formulação, vemos que Benveniste estabelece que, no quadro do discurso, a comunicação linguística se torna possível sob a condição de intersubjetividade. Essa relação intersubjetiva também é possível porque, na instância de discurso, *eu* e *tu* se invertem para tratar de algo ou alguém, o *ele*, não pessoa, como lugar da referência que garante a *eu-tu* estabelecerem uma realidade de discurso.

A referência, conforme abordamos na seção anterior, é parte integrante e necessária da enunciação, pois envolve o fato ao qual o locutor se reporta para possibilitar ao outro a continuidade discursiva. A necessidade de referir do locutor garante a possibilidade de correferir do alocutário. Desse modo, observamos que *intersubjetividade* e *referência* são necessariamente instâncias conjugadas da enunciação.

Essa discussão se estende ao discurso escrito, pois Benveniste defende que “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (BENVENISTE, 1989, p.90). Novamente, vemos que *intersubjetividade*

(dois planos da escrita), o enunciar do locutor e o ato de fazer o outro se enunciar (alocutário), está novamente atrelado à *referência*, ao fato que é objeto de manifestação do discurso

As noções de *intersubjetividade* e *referência*, destacadas nesta seção, são fundamentais em nosso estudo do gênero artigo de opinião, considerado também um modo de enunciação, questão a ser tratada na seção seguinte.

#### **1.4 O modo de enunciação escrita: discurso escrito e leitura**

Para iniciar esta seção, é preciso ressaltar que os estudos produzidos a partir dos postulados benvenistianos são necessários e suscitam, em novos estudos, grandes e pertinentes reflexões. A reflexão a ser realizada na presente seção apresenta elementos para pensarmos a enunciação escrita, o texto escrito e a leitura. Começamos pela enunciação escrita.

Valdir do Nascimento Flores, linguista e um dos nomes brasileiros mais importantes da área dos estudos enunciativos hoje, dedica uma de suas publicações a pensar sobre a noção de *enunciação escrita* proposta por Émile Benveniste no texto “O aparelho formal da enunciação”, de 1970. Em artigo publicado em 2018 e intitulado “A enunciação escrita em Benveniste: notas para uma precisão conceitual”, o autor dialoga com os postulados benvenistianos do aparelho formal, expandindo a discussão pertinente acerca do termo “enunciação escrita” e da possibilidade de formular alguns princípios sobre o tema.

Benveniste, no texto de 1970, escreve: “Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever, e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (BENVENISTE, 1991, p. 90). Acompanhamos, nessa passagem do linguista, o aspecto de intersubjetividade da enunciação escrita: o plano de quem escreve e o plano de quem lê. O quadro formal da enunciação é composto, conforme já abordado neste trabalho, pelo ato, pelas situações em que esse ato se realiza e pelos instrumentos necessários à sua realização. Flores (2018, p. 402), ao sublinhar tais elementos, ressalta um percurso metodológico pontuado por Benveniste: “Em outras palavras, o linguista, para proceder à análise enunciativa, deve [...] partir do ato, examinar a situação em que se dá esse ato e, finalmente, descrever os instrumentos (os recursos linguísticos) que tornaram possível o ato”.

O ato é o momento singular em que o locutor é inserido como parâmetro indispensável para que exista a enunciação. Além disso, esse ato carrega a condição de diálogo, visto que o locutor, ao se declarar como tal e se marcar como “eu”, implanta um alocutário, o “tu”.

Já a situação “é constituída pela instância do discurso, ou seja, pelo conjunto das circunstâncias que inclui as coordenadas de tempo, espaço e pessoa” (FLORES, 2018). Dito de outra forma, a situação é a instância espaço-temporal na qual *eu* e *tu* não só referem, como também correferem para construírem o sentido daquilo que abordam.

Vale destacar que todos esses elementos que compõem o aparelho formal da enunciação não o tornam um modelo pronto e fechado em si mesmo. Por isso, Flores afirma que “o dito aparelho formal da enunciação não é algo que está pronto aprioristicamente e que caberia ao locutor acessar, tomar posse, mas é algo construído a cada enunciação a partir dos recursos da língua em uma dada situação” (FLORES, 2018, p. 404).

Outra questão importante a essa discussão são os índices específicos e os procedimentos acessórios que auxiliam o locutor no ato de enunciar. Os primeiros são os índices de pessoa, de ostensão de espaço e as formas temporais; recursos estes que constituem o aparelho formal da enunciação. Ademais, há os procedimentos acessórios, que, segundo Flores (2018), “estão ligados à singularidade que cada enunciação evoca, portanto, à língua toda” (p. 405). Como vimos anteriormente, esses procedimentos acessórios se ligam ao modo como o locutor agencia as formas no discurso para produzir sentido e incluem o emprego do aparelho de funções. O autor faz importantes observações sobre a enunciação escrita na passagem a seguir:

Sem dúvida, é verdade que Benveniste considera a *enunciação escrita* nesses termos, mas ele também a considera como podendo ser constituída de *dois planos*. Em cada um, o locutor enuncia a sua posição de locutor, a partir do que se torna o parâmetro de todas as condições necessárias da enunciação. É esse aspecto que, em minha opinião, interessa à abordagem da *enunciação escrita*: o fato de sempre haver uma variável – o locutor – ‘parametrizadora’ de tudo o que constitui a enunciação. Nesse sentido, não há *enunciação escrita* sem locutor. Pode-se conceber até haver diferentes locutores em diferentes planos da *enunciação escrita* [...] mas não há *enunciação escrita* sem locutor. Com isso, desloca-se a problemática da autoria do texto para outra dimensão: a da presença do locutor. Assim ‘enquanto realização individual’, a enunciação é sempre referida àquele que enuncia, o locutor, independentemente do plano em que ele enuncia. (FLORES, 2018, p. 412, grifos do autor).

Isto é, o locutor pode entender que o leitor é alocutário a partir do seu ponto de vista no ato em que se inscreve; contudo, o leitor é sempre um locutor quando lê. Por conseguinte, “O leitor enuncia a leitura, a sua leitura” (FLORES, 2018, p. 413) e, por isso, também é parâmetro da enunciação. Assim, se há um locutor no plano da escrita, também há um locutor no plano da leitura. Escrita e leitura são, portanto, enunciações e atualizam todos os elementos que o ato enunciativo prevê.

Os elementos apontados por Flores (2018) dialogam, de um lado, com a caracterização de texto escrito proposta por Knack (2012), em sua dissertação de mestrado intitulada *Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação*, e, de outro lado, com a reflexão sobre leitura e enunciação elaborada por Naujorks (2011), em sua tese de doutorado intitulada *Leitura e enunciação: princípios para uma análise do sentido na linguagem*.

Knack (2012) apresenta elementos importantes para o percurso proposto neste trabalho, uma vez que a autora pesquisa sobre o emprego do termo *texto* em ocorrências na obra de Émile Benveniste que suscitam múltiplas interpretações. Por isso, neste trabalho, vamos adotar o que postula Knack (2012) em sua pesquisa.

A autora define, num primeiro momento, o texto como “*produto de uma atividade discursiva que envolve locutores (sujeitos falantes), inscritos em determinado tempo e espaço – produto que se caracteriza por constituir uma unidade global de sentido*” (KNACK, 2012, p. 85-86, grifos da autora). Ou seja, Knack (2012) se aproxima da ideia de que tanto um texto falado quanto um texto escrito são materialidades produzidas a partir do locutor (aquele que fala, escreve ou lê). Isso é corroborado quando a pesquisadora ressalta que “tanto a *enunciação falada* quanto a *enunciação escrita* podem ser consideradas *formas complexas do discurso* e estudadas, como tais, a partir do quadro formal e a partir dos demais aspectos da enunciação” (KNACK, 2012, p. 90, grifos da autora).

Ademais, a reflexão de Knack (2012) sobre o termo é interessante, visto que, embora Benveniste use “texto”, não aponta que tal utilização faça referência à “ideia de produto do uso da língua pelo locutor” (KNACK, 2012, p. 94). A autora destaca:

a Enunciação possibilita olhar para o *texto* como *língua-discurso*, não apenas como um produto, mas como um *processo*, um modo de ação do locutor que toma a língua por sua conta e que, na relação intersubjetiva com o alocutário, produz referências para constituir-se como tal e para expressar sua relação com o outro e com o mundo, agindo, por intermédio desse *texto*, para a constituição

desse mundo, desse alocutário e de si mesmo como *sujeito*. (KNACK, 2012, p. 148, grifos da autora).

Então, conclui-se que o texto pressupõe a estrutura enunciativa, com índices específicos e procedimentos acessórios importantes para a realização do discurso. É nele e por meio dele que se transmite uma mensagem a um alocutário. Vale destacar, ademais, que Knack retoma a concepção proposta por Silva (2009) sobre intersubjetividade. Tal questão é importante, também, para este trabalho, visto que as três instâncias enunciativas propostas por Silva, a intersubjetividade cultural, a intersubjetividade da alocação ou dialógica e a intersubjetividade linguístico-enunciativa, atravessam simultaneamente o ato enunciativo, isto é, constituem o texto:

Essas três instâncias são constitutivas do *texto*, porque este se trata do *exercício de linguagem* de um homem, na relação com outro homem, inseridos em determinada sociedade e que, apropriando-se da língua, tornam-se locutores e nela e por ela se inscrevem como sujeitos. (KNACK, 2012, p. 149-150, grifos da autora).

Assim, chega-se ao ponto necessário a esta dissertação: o texto escrito. É importante destacar que, no texto escrito, o locutor sinaliza o “aqui” e o “agora”, porque estes têm a sua significação ampliada a depender de onde e quando o texto é lido por outro locutor. Tal aspecto é importante, já que “na fala ou na escrita, as formas à disposição do locutor são as mesmas, o aparelho formal da enunciação ofertado pela língua é o mesmo, o que se distingue é o funcionamento (inter)subjetivo e referencial das formas nesses dois planos” (KNACK, 2012, p. 154). Isso dialoga com o que Benveniste aponta ao afirmar que a sintagmantização e a semantização das formas da língua também são subjetivas. Ainda que o “aqui-agora” mude, isto é, que o “eu” e o “tu” não participem do mesmo espaço e tempo (porque há o espaço-tempo presente da escrita e o espaço-tempo presente da leitura) e se encontrem em situações enunciativas diferentes, um texto escrito suscita um efeito no alocutário, mas não há um retorno deste no tempo presente da escrita. Knack também aponta as referências instauradas: “O alocutário (*tu*) depara-se com **referências** instauradas pelo locutor (*eu*) e, a partir de marcas formais no texto escrito, busca *re-constituir* os **sentidos** que aquele que escreveu buscou direcionar e afunilar” (KNACK, 2012, p. 176, grifos da autora). Isso porque, como define Benveniste, a subjetividade não se encontra somente nos índices específicos, mas na organização das formas da língua, por meio de outros procedimentos. Isso imprime ao texto escrito dois atos: o do locutor que escreve e o do locutor que lê.

A partir da definição enunciativa de texto escrito conforme Knack (2012), passa-se à caracterização enunciativa da leitura proposta por Naujorks (2011). Em sua tese, a autora propõe a “teoria enunciativa da leitura” e, para tanto, traça um percurso a partir de algumas noções. Tanto a subjetividade quanto a intersubjetividade são necessárias ao que apresenta a estudiosa, em especial devido às noções de *locutor* e *sujeito*. A esse respeito, Naujorks (2011) retoma este trecho do texto “Da subjetividade na linguagem” (1991): “capacidade do locutor para se propor como sujeito” (PLG I, p. 286) a fim de situar a distinção locutor/sujeito, importante à tese defendida pela autora:

Do nosso ponto de vista, é importante manter a distinção locutor/sujeito, porque ela atende a uma especificidade de nosso trabalho, qual seja: permite ver que há no ato/processo de leitura uma dupla instância conjugada, para usar uma expressão benvenistiana, a instância do locutor – aquele que fala, em nosso caso, aquele que lê – e a instância do sujeito – aquele que se marca singularmente no ato de enunciação, em nosso caso, aquele que se marca singularmente no ato de leitura. (NAUJORKS, 2011, p. 90).

Assim, a autora define as figuras enunciativas *locutor-leitor* e *sujeito-leitor*, argumentando que, na leitura, há uma passagem do primeiro para o segundo. Isso é demarcado porque, para a teoria enunciativa da leitura, o leitor não é mais um “tu”, e sim um produtor de sentidos a partir da leitura, ou seja, um “eu”. Ademais, Naujorks retoma a ideia de *reciprocidade* nas relações “eu-tu” como concebida por Benveniste e a desloca para a leitura:

Em um primeiro momento, o locutor-leitor se apropria do enunciado e, com ele, coloca-se em uma relação de diálogo. O locutor, em nossa visão, dialoga com o enunciado, o texto. [...] o enunciado é um “tu” da relação “eu-tu”. O enunciado, nesse processo, é um tipo de interlocutor. É com ele que o locutor-leitor estabelece uma troca propondo-se como sujeito, o sujeito-leitor. (NAUJORKS, 2011, p. 92).

Ou seja, o locutor-leitor se apropria da leitura, o que, conseqüentemente, implica as noções de *pessoa*, *tempo* e *espaço*. Daí a autora postular que, nesse processo, o enunciado passa a ser o interlocutor, o “tu”, de quem lê e se enuncia. Percebe-se, então, que Naujorks (2011) e Knack (2012) dialogam quanto à subjetividade e à intersubjetividade do ato enunciativo da leitura.

Naujorks (2011, p. 93) aponta que “ler é enunciar em duas dimensões [...] impossíveis de separação empírica”, uma vez que locutor-leitor passa a ser sujeito-leitor, processo que ocorre na relação entre o “eu” que se torna sujeito-leitor e o enunciado lido,

identificado pela autora como o “tu”. Essa passagem produz um “ele”, a referência. A outra dimensão é da ordem da re-constituição de um sentido, “que deriva desse ato de reconstrução” e que “não coincide integralmente com as representações daquele que produziu o texto” (NAUJORKS, 2011, p. 93), o que conduz a autora a considerar essa re-constituição como um ato de apropriação do texto pelo leitor. A partir dessa reflexão, a leitura enunciativa pode ser compreendida como apropriação de sentidos e, também, como atualização de sentidos. Isto é, na enunciação da escrita, “o ‘eu’ lê uma enunciação anterior (o tu), na qual está contida uma relação eu-tu-ele-aqui-agora, e com isso produz referência”, de maneira que o ato de ler é “construir um novo sistema de referências em um novo eu-tu-ele-aqui-agora” (NAUJORKS, 2011, p. 97), ou seja, o ato intersubjetivo que é a leitura atualiza o discurso lido em um novo discurso.

Por fim, Naujorks (2011) retoma a relação entre forma e sentido também na leitura:

Ler é reconhecer todas as palavras (signos) que fazem parte do enunciado como tendo ou não um sentido e, a partir de então, compreender essas palavras, em um encadeamento no enunciado, uma vez que estão em uso, apresentam um sentido que está atrelado ao agenciamento, às circunstâncias, ao sujeito. (NAUJORKS, 2011, p. 101).

Assim, entende-se que

a leitura, portanto, só ocorre porque o leitor, em seu ato, consegue transitar, conjuntamente, entre as funções da língua de significar e de comunicar sem necessidade de reconhecer esse trânsito, pois o leitor utiliza a língua para se enunciar e produzir discurso, no caso, leitura. (NAUJORKS, 2011, p. 100).

Tais concepções de leitura e de texto escrito a partir de uma visão enunciativa são necessárias às reflexões da presente dissertação, já que o objeto de nosso estudo produz variadas discussões, como a que Flores aponta acerca da enunciação escrita, por exemplo. Além disso, tais concepções são importantes para a análise que será feita dos textos ganhadores da OLP de 2016 e 2019, porque os estudiosos da perspectiva de Benveniste (Flores, Naujorks e Knack), indispensáveis a este trabalho, abordam os postulados do linguista e dialogam com o que nos é indispensável.

## 1.5 Síntese e encaminhamentos teóricos

Este primeiro capítulo percorreu a perspectiva teórica benvenistiana da enunciação, norteadora das discussões produzidas nesta pesquisa, bem como discussões derivadas de Benveniste, como aquelas acerca da enunciação escrita (FLORES, 2018), do texto escrito (KNACK, 2012) e da leitura (NAUJORKS, 2011).

Os conceitos abordados na seção “Linguagem e língua: simbolização e significação” são necessários à compreensão do que é língua (sistema e discurso – organizada em forma e sentido, condição de o locutor enunciar via organização de formas para produzir sentidos, manifestar a sua atitude e referir a outro), linguagem (propriedade simbólica como condição de as línguas significarem em sua função mediadora entre os humanos) e de como estruturamos o viver a partir disso. Vale lembrar que os textos utilizados, “Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1963), “Da subjetividade na linguagem” (1958), “Os níveis da análise linguística” (1964) e “A forma e o sentido na linguagem” (1967), foram de suma importância para o encaminhamento e o esclarecimento da seção em questão.

Já a seção “Enunciação e discurso: processo e produto” foi marcada como um momento em que o aparelho formal e sua construção foram analisados, a fim de subsidiar-se o aparato teórico que será utilizado nos capítulos seguintes. Tanto a enunciação (ato individual de utilização da língua no qual o locutor se posiciona, implanta o outro e refere pelo discurso) quanto o discurso (produto da enunciação, que registra o modo como o locutor se enuncia e suscita do outro uma resposta) foram noções delineadas. A escolha do texto “O aparelho formal da enunciação” (1970), bem como a noção de *discurso* presente no texto “A forma e o sentido na linguagem” (1967), foi indispensável para dar seguimento à dissertação.

Por fim, a seção intitulada “O modo de enunciação escrita” retomou pesquisas de estudiosos que se dedicam à análise e à construção de reflexões imprescindíveis para o campo teórico benvenistiano, como Flores (2018), Knack (2012) e Naujorks (2011).

O presente capítulo buscou delimitar o ponto de vista norteador desta pesquisa, sob o olhar dos postulados de Émile Benveniste e de linguistas especialistas nesses postulados. A necessidade de entender determinados conceitos é basilar para o “fazer do linguista”, uma vez que esta dissertação surge de questionamentos sobre as práticas humanas e sobre como essas se manifestam na linguagem, em especial na produção de artigos de opinião no âmbito de uma olimpíada nacional. Dessa maneira, os Quadros 2 e 3, nas páginas seguintes, sintetizam o exposto neste primeiro capítulo, resumindo e relacionando os conceitos-chave aqui definidos.

**Quadro 2** – Síntese das noções centrais de Benveniste indispensáveis a este trabalho.

Noções centrais de Benveniste para o estudo	Princípios teóricos para o estudo
A <i>linguagem</i> – propriedade simbólica como condição de as línguas significarem em sua função mediadora entre os humanos.	A linguagem, como propriedade simbólica de as línguas significarem, é constitutiva do humano.
A <i>língua</i> (sistema e discurso) é organizada em forma e sentido em seus dois domínios (o sistêmico e o discursivo).	A <i>língua</i> (sistema e discurso) é organizada em forma e sentido, condição de o locutor enunciar via organização de formas para produzir sentidos, manifestar a sua atitude e referir a outro.
A <i>enunciação</i> é o ato individual de utilização da língua por meio do qual o locutor se posiciona discursivamente, implanta o outro e refere pelo discurso.	A <i>enunciação</i> é a passagem da língua- sistema para a língua-discurso e condição da relação <i>eu-tu</i> , na qual os protagonistas da enunciação situam-se em relação a <i>ele</i> (fato a que <i>eu</i> se reporta) por meio de instrumentos linguísticos (formas específicas, formas nominais, procedimentos acessórios e aparelho de funções).
O <i>discurso</i> é o produto da enunciação, que registra o modo como o locutor se enuncia (via índices específicos, procedimentos acessórios, formas nominais e aparelho de funções), a fim de manifestar a sua atitude de locutor ao outro sobre o que refere e de suscitar desse outro uma resposta.	O <i>discurso</i> atualiza o seu funcionamento intersubjetivo e referencial no modo como o locutor agencia formas para a produção de sentidos. A atitude do locutor e a acentuação discursiva de sua relação com o outro materializam-se no discurso por meio de índices específicos, procedimentos acessórios, formas nominais e aparelho de funções.
O discurso atualiza intersubjetividade (relação <i>eu-tu</i> ) e referência ( <i>ele</i> ).	O discurso escrito, ao atualizar um funcionamento intersubjetivo e referencial, contém formas que atualizam o fato referido pelo locutor e que instanciam a sua posição enquanto tal para possibilitar ao outro correferir na inversibilidade enunciativa.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Assim, a partir de Benveniste, concebemos que, para o discurso existir, tanto a intersubjetividade quanto a referência precisam estar entrelaçadas no processo enunciativo. Por isso, essas noções norteiam os princípios formulados para este estudo, uma vez que, quando o “eu”, locutor, declara-se como tal, projeta no outro um “tu”, o seu alocutário, para tratar de algo, que nomeamos como referência, o que só ocorre porque a relação “eu-tu” está posta e, conseqüentemente, é a intersubjetividade.

**Quadro 3** – Síntese dos conceitos-chave dos estudos benvenistianos indispensáveis a este trabalho.

<b>Caracterização de enunciação escrita, texto escrito e leitura enunciativa (FLORES, 2018; KNACK, 2012; NAUJORKS, 2011)</b>	<b>Princípios para escrita e leitura</b>
A enunciação escrita é constituída de dois planos (o da escrita e o da leitura).	Não há enunciação escrita sem locutor e alocutário. A escrita e a leitura instauram a intersubjetividade (relação <i>eu-tu</i> ).
O texto escrito envolve tanto quem o escreve quanto quem o lê.	A materialidade produzida pelo ato de enunciar resulta em um discurso escrito por intermédio do qual o locutor refere e possibilita ao outro correferir.
A leitura é a “apropriação do texto pelo locutor-leitor, que passa, na sua relação interlocutiva com o texto/enunciado, a sujeito-leitor. Nesse ato o sujeito se apropria de uma enunciação anterior, atualizando-a, através do uso de formas específicas que situam o locutor em relação à sua enunciação” (NAUJORKS, 2011, p. 85).	A leitura enquanto ato enunciativo é, ao mesmo tempo, apropriação e atualização de sentidos, nas quais o locutor-leitor passa a sujeito-leitor.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Organizaram-se, assim, as principais ideias deste capítulo, tendo em vista a relevância da obra de Émile Benveniste e de seus conceitos. O legado benvenistiano vai muito além dos textos publicados no século passado, na medida em que a reflexão proposta pelo linguista estimula novas pesquisas. Se Benveniste nos deu o problema da

significação, certamente nos presenteou, na mesma medida, com a possibilidade de estudar a fundo o que organiza a vida do homem, a língua e suas implicações na sociedade.

## CAPÍTULO II

### A CONDIÇÃO DE DIÁLOGO NO DISCURSO DO ARTIGO DE OPINIÃO: A RELAÇÃO INTERSUBJETIVA EU-OUTRO

Neste capítulo, pretendemos abordar nosso objeto de estudo, o artigo de opinião, considerando-o um gênero de discurso como uma prática humana engendrada em um modo de enunciação específico. Para tanto, o capítulo apresenta três seções, quais sejam: (2.1) os elementos do gênero do discurso conforme Bakhtin e complementaridades<sup>5</sup> possíveis com os elementos do processo enunciativo conforme Benveniste; (2.2) o gênero artigo de opinião como gênero do discurso; (2.3) os modos de enunciação do artigo de opinião: elementos do processo enunciativo conforme Benveniste inscritos nos elementos do gênero artigo de opinião, seção na qual sintetizaremos os principais pontos do capítulo relacionados à problemática de nossa dissertação.

A ideia de relação complementar entre Bakhtin e Benveniste encontra abrigo em dois pontos. O primeiro ponto envolve considerar o fato de que foram os dois estudiosos, como apontam Flores e Teixeira (2009), precursores *stricto sensu* da chamada *Linguística da Enunciação* ou perspectiva enunciativa de linguagem e, portanto, compartilham alguns fundamentos teóricos, principalmente os ligados à condição de diálogo da enunciação. O segundo ponto está relacionado ao fato de Bakhtin ser um filósofo da linguagem e Benveniste um linguista. Assim, Bakhtin parece situar suas problemáticas em âmbitos gerais, enquanto Benveniste apresenta noções específicas possíveis de serem operacionalizadas em análises das materialidades da enunciação. Por isso, consideramos que os elementos do gênero de Bakhtin podem ser explorados, em relação de complementaridade, com o modo como a enunciação está materializada no discurso em seu funcionamento intersubjetivo e referencial, via engendramento de formas para produção de sentidos. Ademais, para tratarmos o gênero artigo de opinião como modo de enunciação, conforme os postulados de Émile Benveniste, faremos, neste capítulo 2, um diálogo com o texto desse autor intitulado “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968).

---

<sup>5</sup> Silva (2009) defende que as teorias podem estar em uma relação de complementaridade, sem necessariamente caracterizar-se como uma oposição. Isso se aplica ao que propomos nesta dissertação, já que vai ao encontro do que defendemos em relação aos postulados benvenistianos e bakhtinianos, em relação complementar, com vistas ao estudo do gênero artigo de opinião.

A problemática dos gêneros em seus desdobramentos para a Escola Básica está prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que está em constante aprimoramento. Provas disso são as atualizações das práticas educacionais necessárias a cada etapa escolar em conformidade com o caminho percorrido pelos estudantes. Esse importante documento fundamenta o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes brasileiros, uma vez que se compromete com “uma formação voltada a possibilitar uma participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso das linguagens” (BRASIL, 2018, p. 481). A partir disso, reforça-se que os estudos voltados às linguagens são indispensáveis na construção do conhecimento e da singularidade de cada aluno. Segundo Bakhtin, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 1992, p. 265), fundamento bakhtiniano que dialoga com as ideias de Benveniste de que “bem antes de servir para comunicar a língua serve para viver” (BENVENISTE, 1989, p. 222) e de que “antes da enunciação a língua não é senão possibilidade de língua” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Ou seja, ambos os estudiosos defendem a língua em sua manifestação concreta. Assim, é indispensável não só que a educação e a língua participem da vida do aluno em manifestações concretas de emprego, como também que a língua esteja presente na educação. Para isso, retomemos algumas discussões propostas no texto “Estrutura da língua e estrutura da sociedade, de Benveniste (1968/1989). Nesse texto, o linguista defende a língua como prática humana atrelada ao uso que as classes humanas fazem da língua, conforme argumentação do autor a seguir:

Eu poderia descrever este fenômeno [língua como prática humana] como uma apropriação por grupos ou classes do aparelho de denotação que é comum a todos. Cada classe social se apropria de termos gerais, atribui a eles referências específicas e os adapta assim à sua própria esfera de interesse, (BENVENISTE, 1989, p. 102).

Nessa reflexão, o linguista observa a inserção de valores novos e diferenciações lexicais próprias à dada esfera para a organização em estilo particular de determinado modo de enunciação específico dessa esfera, visto haver um funcionamento de língua próprio relacionado aos princípios fundamentais da atividade social. Assim, o locutor se situa no discurso, colocando-se em dada atividade social porque inserido na sociedade. Nesse sentido, há modos de enunciação específicos atrelados às distintas atividades sociais.

A língua está presente na educação: a Escola é uma instituição social com funcionamento próprio de língua e com modos de enunciação específicos de atividades de diferentes esferas da sociedade. É o caso do gênero artigo de opinião, vinculado à esfera jornalística, que se constitui como uma determinada prática humana enunciativa, é um modo específico de enunciação. Esse modo de enunciação vem para a escola com as marcas da atividade social a que se vincula: a atividade jornalística.

Assim, se “o homem é ainda e cada vez mais um objeto para ser descoberto, na dupla natureza que a linguagem fundamenta e instaura nele” (BENVENISTE, 1989, p. 103), é a educação o espaço que nos permite compartilhar, descobrir e redescobrir a necessidade de defender um ensino cada vez mais em diálogo com as práticas humanas e com as atividades sociais.

Logo, este capítulo tem como objetivo tratar teoricamente do objeto que será analisado, o artigo de opinião, bem como apontar princípios metodológicos para a sua abordagem.

Como nosso interesse é tratar o artigo de opinião em um projeto nacional específico, vale destacar a importância de projetos de abrangência nacional, como a Olimpíada de Língua Portuguesa, na construção do ensino. Aprender e ensinar são ações entrelaçadas; por conseguinte, estimular as instituições educacionais a compartilhar os dizeres de seus alunos com um país que é tão plural como o Brasil é uma forma de pensar a língua e seus aspectos de forma mais ampla, de entender a riqueza do dizer do outro e do seu próprio dizer; ademais, tudo isso reforça o que Bakhtin aponta sobre a língua integrar a vida e esta entrar na língua, assim como o argumento de Benveniste de que a enunciação é o que dá vida (existência) à língua.

Desse modo, este capítulo foi organizado em seções que serão o norte da construção dos princípios metodológicos que guiarão a análise proposta. Entender como o gênero do discurso artigo de opinião é um modo de enunciação que marca a atitude do locutor quando implanta o outro na alocação leva-nos a pensar como esse gênero se organiza, questão a ser tratada na próxima seção.

## **2.1 Os elementos do gênero do discurso conforme Bakhtin e complementaridades possíveis com os elementos do processo enunciativo conforme Benveniste**

Como as diretrizes oficiais há algum tempo afirmam que o texto é indispensável na educação, consideramos que a escolha de um texto para ser trabalhado em sala de aula

é passo necessário na relação de ensino-aprendizagem. Por isso, pesquisadores da área educacional destacam a importância da leitura na Escola Básica, como Marisa Lajolo (1982). A autora postula que o ato da leitura vai além de decifrar o sentido e que atribui significação, ou seja, relaciona, reconhece, aceita e confronta o texto com a vida. Observar isso na produção e na leitura de artigos de opinião é uma forma de abordar o caráter intersubjetivo desse gênero.

O ponto de partida para uma atividade escolar permite que o professor escolha, dentre múltiplos caminhos, qual o objetivo da prática pedagógica: se a análise será destinada ao gênero discursivo, ao papel deste no mundo, à relação com outros gêneros, às escolhas do autor do texto quanto ao modo como as formas se organizam para a produção de sentidos.

Tudo isso faz parte do planejamento de atividades educacionais voltadas para a formação do aluno, que necessita (e tem o direito de) ser apto a lidar com as mais variadas situações possíveis da vida e com os modos de enunciação relacionados a essas situações.

Portanto, para que esta dissertação se ancore em um objeto que possa depois contribuir com o ensino-aprendizagem na Escola Básica, estamos tratando de um modo de enunciação que circula nas práticas humanas de uso da língua. Essas práticas humanas concretizam discursos via enunciações. Para Bakhtin, esses discursos estão organizados em gêneros, considerados pelo estudioso como “tipos *relativamente* estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1992, p. 262).<sup>6</sup> O estudo do enunciado, unidade da comunicação discursiva, tem como base uma concepção dialógica de linguagem. Para o autor, o dialogismo envolve a relação tanto entre enunciados, pois defende que “cada enunciado é um elo na cadeia/corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 1992, p. 272), quanto entre interlocutores, visto que “Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado” (BAKHTIN, 1992, p. 301). Interessa-nos, neste estudo, o diálogo entre interlocutores, pois nos aproximamos da noção de comunicação intersubjetiva de Benveniste, segundo o qual, desde o momento que o locutor assume a língua e se declara como tal, ele “implanta o outro diante de si” (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Nessa condição de diálogo, Bakhtin destaca a alternância dos protagonistas do enunciado, uma vez que cada falante/escrevente conclui seu enunciado para dar lugar à

---

<sup>6</sup> Destacamos que a reflexão sobre gêneros de discurso de Bakhtin (1992), bastante cara ao nosso estudo, alicerça-se no texto *Os gêneros do discurso*, o qual sabemos ter um caráter de não acabamento.

compreensão ativa de outro (sua possível resposta – imediata, tardia, silenciosa etc.). Essa alternância também se aproxima da estrutura do diálogo como concebida por Benveniste, para quem uma enunciação suscita outra de resposta, de modo que o que caracteriza a enunciação é “*a acentuação da relação discursiva com o parceiro*” (BENVENISTE, 1989, p. 87).

É alicerçado em uma concepção dialógica que Bakhtin (1992) aponta o emprego da língua como aquilo que dá existência a tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros do discurso, com seus elementos característicos, conforme passagem a seguir:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados\* (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciado, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 1992, p. 261-262).<sup>7</sup>

Assim, existem elementos que, se analisados de forma mais específica, podem auxiliar o processo educacional e ilustrar outros elementos comuns a cada gênero do discurso. Conforme os estudos de Bakhtin, os tipos relativamente estáveis de enunciados indicam como a língua é atualizada e, por consequência, que especificidades podem ser levadas em consideração na análise. Para este estudo, tomam-se o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional como atualizando linguística e enunciativamente os elementos do processo enunciativo, conforme Benveniste (1989).

Vale destacar, antes de abordarmos especificamente a caracterização de cada um desses elementos, que Bakhtin não ignora a diversidade dos gêneros do discurso: “A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana” (BAKHTIN, 1992, p. 262). Logo, a caracterização de cada um desses elementos receberá uma reflexão complementar a partir da abordagem linguístico-enunciativa de Benveniste, conforme pontuações do capítulo anterior.

---

<sup>7</sup> Reforçamos que Bakhtin e Benveniste concebem o enunciado de formas diferentes, conforme explicado ao longo deste estudo.

Passemos, então, às especificidades dos gêneros do discurso, tratando do conteúdo temático, da construção composicional e do estilo.

O conteúdo temático envolve a ideia definida pelo autor. É muito comum associarmos o conceito de “conteúdo” à ideia de assunto. No entanto, para Bakhtin, a ideia de conteúdo temático extrapola tal definição e é associada à capacidade de ser ocupado em um determinado gênero. Fiorin (2008) retoma essa questão, em conformidade com Bakhtin, ao postular que o conteúdo temático

não é o assunto específico de um texto, mas é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero. Assim, as cartas de amor apresentam o conteúdo temático das relações amorosas. Cada uma das cartas trata de um assunto específico (por exemplo, o rompimento de X e Y, por causa de uma traição) dentro do mesmo conteúdo temático. As aulas versam sobre um ensinamento de um programa de curso. As sentenças têm como conteúdo temático uma decisão judicial. (FIORIN, 2008, p. 62).

Ou seja, diversos gêneros do discurso podem abordar o mesmo assunto, o que os diferencia é o modo como este é abordado, sua finalidade e seu campo de abordagem, sendo isso o que especifica de qual conteúdo temático se trata em cada texto. Para Bakhtin (1992), o tema é o próprio objeto de discurso e a relação valorativa do autor com o tema determina os outros elementos: a construção composicional e o estilo. Em uma relação complementar com Benveniste, na linha da reflexão de Fiorin (2008), podemos considerar, em nosso estudo, que o conteúdo temático se define no gênero como a ideia concebida pelo autor, conforme Bakhtin, e como relacionado a “dado domínio de sentido”. Essa concepção bakhtiniana de tema do gênero pode ser associada à noção benvenistiana de *referência*, visto esta se vincular à ideia da frase/enunciado/discurso, conforme abordagem de “A forma e o sentido na linguagem”.

Tal ideia reforça o que Bakhtin afirma: “Todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros” (BAKHTIN, 1992, p. 275), questão que reforça o aspecto da intersubjetividade defendido em nosso estudo, conforme Benveniste, aspecto segundo o qual uma enunciação suscita outra de retorno. Desse modo, como um assunto é abordado e quem é implantando como alocutário são fatores que determinam a tematização do conteúdo.

Por exemplo, no artigo de opinião, é comum que o assunto seja relacionado a temas atuais, em grande parte de interesse coletivo, como o desmatamento. Essa questão pode ser abordada em diversos gêneros do discurso: desde uma reportagem, que faz parte

da área jornalística, até um poema, que compõe a área lírica. Para figurar como conteúdo temático do artigo de opinião, é necessário identificar a atitude do locutor (Benveniste) em relação ao tema, o que envolve a relação valorativa do locutor em relação a esse conteúdo temático (Bakhtin). Justamente essa relação valorativa vai determinar a construção composicional e o estilo do gênero.

A construção composicional, para Bakhtin (1992), relaciona-se aos procedimentos de organização, disposição e acabamento do enunciado, que podemos, em relação de complementaridade, associar aos procedimentos acessórios da enunciação como entendidos por Benveniste a partir da observação do modo como as formas se engendram no discurso para produzir sentido: trata-se da relação entre a sintagmatização (forma) e a semantização (sentido) do discurso. Além disso, a construção composicional, como modo de organização de dado gênero, está relacionada ao seu estilo, o qual envolve a escolha dos meios linguísticos por meio dos quais o locutor expressa a sua atitude valorativa em relação a determinado tema, que circula na sociedade, como sustenta Bakhtin na seguinte passagem:

A relação orgânica e indissolúvel do estilo com o gênero se revela nitidamente também na questão dos estilos de linguagem ou funcionais. No fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de cada campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 1992, p. 266).

Assim, observamos que o estilo não se separa do tema e da construção composicional, pois ele é um elemento que marca a estabilidade de algum gênero, como seu aspecto social, ao mesmo tempo que carrega a atitude valorativa e individual do locutor sobre esse tema. Tudo isso ocorre, porque: “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 1992, p. 268).

Se “onde há estilo há gênero” (BAKHTIN, 1992, p. 268), então esse aspecto é necessário na construção do conhecimento acerca dos gêneros do discurso, em especial, aqui, acerca do artigo de opinião. Encontramos, em Bakhtin (1992), a caracterização do estilo como relacionado, de um lado, à seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais vinculados às formas do gênero e, de outro, à expressão individual que se

constrói a partir de uma orientação social de caráter apreciativo.<sup>8</sup> Podemos novamente, em uma relação complementar com Benveniste (1989), associar o estilo ao modo como o locutor engendra formas (procedimentos acessórios da enunciação), ao modo “como se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário” (BENVENISTE, 1989, p. 86) – por meio do aparelho de funções, e ao modo como manifesta a sua atitude de locutor e se declara como tal por meio de índices específicos; tudo isso é importante para os elementos que marcam o estilo do gênero. Essas escolhas suscitam do outro uma resposta, que pode ser de concordância, de discordância, de desejo de complementá-la, ou de usá-la para construir o seu próprio discurso, conforme acompanhamos na argumentação de Bakhtin:

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). (BAKHTIN, 1992, p. 272).

Os gêneros do discurso, então, como tipos de enunciados – estilísticos, temáticos e composicionais – relativamente estáveis, exercem determinada função na sociedade (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e se ligam a determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, visto que se vinculam à vontade discursiva do falante/locutor:

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. (BAKHTIN, 1992, p. 282).

Assim, a atualização da língua para Bakhtin envolve, em determinada situação, a atualização de determinado gênero, que revela uma intenção discursiva, o que

---

<sup>8</sup> É interessante observar que Benveniste, em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), reflete sobre a presença do estilo, quando aborda a língua como prática humana ligada ao uso particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua. O autor cita o vocabulário especializado ligado a certos grupos profissionais, o vocabulário do sagrado e o estilo particular. Para o linguista, pode haver “analogias menos visíveis entre as estruturas profundas, o próprio funcionamento da língua e os princípios fundamentais da atividade social” (BENVENISTE, 1989, p. 102).

entendemos, a partir de Benveniste, como a própria atitude/posição discursiva do locutor. Um dos gêneros de discurso estáveis na sociedade é o artigo de opinião, que se organiza com aspectos da estabilidade desse gênero ao mesmo tempo que carrega a expressão da individualidade do locutor que, em cada artigo de opinião, declara-se como tal.

## 2.2 O artigo de opinião como gênero do discurso

O objeto de análise desta pesquisa é o *modo de enunciação artigo de opinião*, expressão a ser definida no final do item, está muito presente nas atividades da sociedade e é importante empreender um estudo teórico e analítico sobre seu funcionamento, porque tem ampla divulgação e faz parte da vida cotidiana dos indivíduos. Conforme texto publicado por Boff et al. (2009, p. 1) e intitulado “O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação”, o gênero em questão “é um meio de interação entre autor e os leitores de jornais e revistas impressas e de circulação online”.

A proposta, aqui, é de pesquisar e compreender a necessidade do estudo e da prática desse gênero do discurso, aliados aos estudos benvenistianos de intersubjetividade e referência, pensando a formação escolar e os processos de ensino-aprendizagem necessários à formação dos alunos brasileiros para a vida e para a sociedade na qual estão inseridos. Tal proposta apoia-se nas ideias defendidas por Bakhtin de que os gêneros fazem parte das mais diversas atividades humanas, além de serem relativamente estáveis, o que nos possibilita identificá-los a partir de suas especificidades que são comuns aos indivíduos. Por isso,

Na medida em que os gêneros estão intimamente ligados às mais variadas mobilizações humanas, cabe à escola protagonizar ações que permitam ao estudante conhecer a especificidade e a finalidade de cada gênero, considerando-se as necessidades enfrentadas no dia a dia. (BOFF *et al.*, 2009 p. 2).

Essa reflexão de Boff et al. (2009) alia-se à argumentação de Bakhtin (1992) de que os “gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna” (BAKHTIN, 1992, p. 282) e de que a aprendizagem dos gêneros vincula-se às situações de uso da língua nas quais eles comparecem, conforme passagem a seguir:

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão

aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos que criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. (BAKHTIN, 1992, p. 284).

Por isso, é importante a escola propiciar a familiaridade dos alunos com os gêneros do discurso, principalmente com aqueles que têm uma grande circulação social, para que o estudante os domine na produção e na leitura:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 1992, p. 285).

Daí a necessidade de organizar práticas escolares que considerem o aluno para além da sala de aula, isto é, como participante ativo de sua vida, que necessita de conhecimento basilar para lidar com as situações comunicativas do cotidiano. Para tanto, esta dissertação elege o gênero artigo de opinião para análise. A escolha desse gênero é feita com base em seu papel fundamental à abordagem de temas atuais, que provocam tanto quem escreve quanto quem lê. Independentemente da área (seja política, seja cultural) e do nível de conhecimento do autor (seja especialista, seja leigo), o artigo de opinião permite que a construção do ponto de vista se dê por meio de processo interativo. Isso ocorre porque ele “pertence à ordem do argumentar, uma vez que o sujeito enunciator assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende” (BOFF et al., 2009, p. 03), ou seja, alguém enuncia seu posicionamento, o qual é levado em consideração por quem o lê, provocando neste uma reação, que pode ser de reflexão, de concordância, de discordância etc. Além disso, a postura do enunciator é crítica e ativa, o que subsidia características singulares ao gênero: a persuasão, o convencimento por meio de provas (citação de especialista na área, uso de dados elencados, apoio em eventos históricos etc.), a relevância da temática para o debate saudável dos envolvidos, bem como a citação de argumentos contrários já na tentativa de “proteger” o próprio ponto defendido, refutando pensamentos divergentes.

Além disso, a BNCC marca a necessidade do respeito à pluralidade de ideias e posições:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 484).

Isso é construído a partir de um ensino voltado não só para a compreensão de situações e contextos, mas também para a “produção de sentido nas práticas sociais de linguagem” (BRASIL, 2018, p. 484). O artigo de opinião é um dos gêneros do discurso que atua de forma ativa para a promoção desses valores, já que prioriza o posicionamento, o qual deve ser embasado no respeito e no uso de dados para o estabelecimento de diálogo entre os alunos.

Outros aspectos que merecem destaque são o meio em que esse gênero é divulgado – jornais impressos e digitais, com um espaço delimitado, o qual pode ser uma página inteira, meia página – e a definição de quem será o leitor, o que define o tipo de linguagem que será utilizada (se mais rebuscada ou comum):

A escolha por um dos níveis depende do público a que se destina o texto. A fim de manter a coerência temática e a coesão, o produtor vale-se de operadores argumentativos (elementos linguísticos que orientam a sequência do discurso: mas, entretanto, porém, portanto, além disso etc.) e dêiticos (este, agora, hoje, neste momento, ultimamente, recentemente, ontem, há alguns dias, antes de, de agora em diante). (BOFF et al., 2009, p. 05).

Ou seja, é necessário que o estudante, ao aprender sobre tal gênero do discurso, possa entender e identificar, além do veículo em que este é divulgado e o público ao qual é dirigido, o quanto tudo isso influencia nas escolhas lexicais feitas pelo autor. Além dos operadores argumentativos e dos dêiticos, Boff cita o tempo verbal que é mais comum (o presente do indicativo) para que o tópico seja apresentado, bem como o uso do pretérito para dados e evidências. Outras características apontadas no artigo são os seguintes: o uso de citações, como forma de argumento de autoridade, isto é, que reforcem e deem embasamento ao ponto de vista defendido; a escolha do modo como o texto será escrito, se impessoal ou pessoal; e a delimitação do problema que será discutido – o que é indispensável para a construção composicional do artigo. Tudo isso, ao ser trabalhado no ambiente escolar, propicia ao estudante mecanismos para identificar e realizar textos que tenham como foco o gênero de discurso artigo de opinião.

Antes de passarmos aos elementos característicos do gênero do discurso em questão, é válido reforçar que a escolha do artigo de opinião também se dá por conta da

tipologia utilizada: a dissertação. O tipo dissertativo-argumentativo é aquele que delimita o posicionamento, o que o difere, por exemplo, do tipo narrativo, marcado por um enredo e por características específicas de tempo, espaço e personagens, e do tipo expositivo, o qual não explicita claramente o ponto de vista, e sim detalhes do assunto destacado.

A fim de visualizar-se e caracterizar-se os elementos-base do gênero analisado, eles foram organizados, segundo a proposta de Boff et al. (2009), da seguinte maneira:

- a) situação-problema;
- b) discussão;
- c) solução-avaliação.

A **situação-problema** é definida como

A questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto. Busca contextualizar o assunto a ser abordado, por meio de afirmações gerais e/ou específicas. Nesse momento, pode evidenciar o objetivo da argumentação que será sustentada ao longo do artigo, bem como a importância de se discutir o tema. (BOFF et al., 2009, p. 06).

Ou seja, pode-se fazer um paralelo da situação-problema à escolha do conteúdo temático, visto que, a partir do momento em que ele é definido, há diversos gêneros do discurso que podem abordá-lo. No entanto, o artigo de opinião, com suas especificidades, delimita seu campo de abordagem, de atuação específica da linguagem, que, como apresentado pela autora, passa pela contextualização do assunto e da justificativa da necessidade de discuti-lo.

Já a **discussão** explora a argumentação, característica necessária aos textos opinativos, uma vez que, além de marcar um ponto de vista, é indispensável que este seja embasado em dados, argumentos de autoridade, para que o raciocínio do autor fique evidente e, conseqüentemente, produza enunciações que também percorrerão o caminho opinativo, o que vai ao encontro do que aponta Bakhtin sobre ser o enunciado “um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 1992, p. 289).

Boff et al. (2009, p. 6) pontuam que a discussão

expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão examinada. Para Guedes, todo texto dissertativo precisa argumentar, ou seja, apresentar provas a favor da posição que assumiu e provas para mostrar que a posição contrária está equivocada. Os argumentos baseiam-se nos conceitos apresentados, na adequação dos fatos para exemplificar esses conceitos, bem

como na correção do raciocínio que estabelece relações entre conceitos e fatos (2002, p. 313). Para evitar abstrações, geralmente faz uso da exposição de fatos concretos, dados e exemplos, com o emprego de sequências narrativas, descritivas e explicativas.

Nessa perspectiva, aproximamos a noção de *discussão* das noções de *estilo* e de *construção composicional*. Em relação ao primeiro, fica claro que há tanto o estilo coletivo, na escolha do gênero do discurso em questão e nas especificidades que são solicitadas para a sua realização, quanto o estilo individual, visto que as escolhas lexicais, gramaticais e fraseológicas, bem como os operadores argumentativos (citações, exemplos, dados, argumentos de autoridade) elencados e os dêiticos selecionados para esse momento do texto, são indispensáveis para a construção do raciocínio, da opinião que está sendo exposta e defendida.

Vale destacar que todas essas seleções operam para a construção do estilo do gênero do discurso artigo de opinião e, simultaneamente, revelam a atitude do locutor e a acentuação discursiva de sua relação com o parceiro, conforme reflexão de Benveniste.

Por sua vez, a **solução-avaliação** é outra especificidade do gênero do discurso selecionado. Costuma-se identificá-lo da metade para o final do texto, porque, em sua organização estrutural, é comum ter-se primeiro a delimitação da situação-problema, depois a apresentação dos argumentos que sustentam o posicionamento defendido e, por fim, a possibilidade de resolução da situação-problema ou de reforço da importância de o assunto ser debatido: “[...] evidencia a resposta à questão apresentada, podendo haver uma reafirmação da posição assumida ou uma apreciação do assunto abordado” (BOFF et al., 2009, p. 06).

A partir dessas características, é inevitável salientar o quanto o modo de enunciação artigo de opinião opera como relação discursiva entre interlocutores, reforçando o quanto a língua integra a vida por meio da realização dos enunciados e o quanto estes promovem a entrada da vida na língua. Ademais, o artigo de opinião configura-se como um gênero necessário para a educação, porque instiga o debate, a busca por conhecimento para justificar posicionamentos, além de preparar os estudantes para identificarem jornais, revistas, periódicos etc. que trazem o artigo de opinião como componente de suas publicações e de que maneira isso é enriquecedor para a sociedade.

Além de Boff et al. (2009), Cunha (2002) e Ohuschi e Barbosa (2011) são autoras que também nos auxiliam a pensarmos os elementos do gênero artigo de opinião, bem

como as relações complementares que estabeleceremos entre esse gênero e elementos da reflexão de Benveniste, base teórica de nosso estudo.

Cunha (2002) concebe o artigo de opinião da seguinte maneira:

[...] o artigo de opinião expõe o ponto de vista de um jornalista ou de um colaborador de jornal, fazendo uso de dêiticos e do presente do indicativo como tempo de base, num texto claramente argumentativo. Comentando sempre algo já dito, o artigo de opinião é um gênero de “enunciação subjetiva” (Moirand, 1999) no qual o dialogismo é raramente mostrado. (CUNHA, 2002, p. 170).

Na reflexão de Cunha (2002), observamos a presença de questões que se complementam com as questões benvenistianas, pois o uso de dêiticos se relaciona aos índices específicos de pessoa, tempo e espaço em relação a quem enuncia, que, segundo Benveniste (1989, p. 101), são complexas relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação. Por isso, o modo de enunciação do gênero artigo de opinião, conforme a autora, vale-se de um tempo presente em remissão também ao espaço de quem se enuncia. Quando ela aponta o artigo de opinião como uma “enunciação subjetiva”, segundo Moirand, atentamos para o fato de que, nesse gênero, as marcas de pessoa subjetiva “eu” estão indicadas explicitamente para revelar a atitude do locutor do ângulo que enuncia, já que enuncia a sua posição de locutor e se coloca em “relação constante e necessária com sua enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 84) de modo declarado e marcado.

Também é marca do artigo de opinião, de acordo com Cunha (2002), a argumentação, questão que podemos complementar com a reflexão de Benveniste sobre o domínio da língua em emprego e em ação, que coloca o locutor em uma relação com o outro, “impondo a adesão, suscitando a resposta” (BENVENISTE, 1989, p. 229). Quando a autora afirma que isso é um dialogismo raramente mostrado, refere-se à quase ausência de discurso citado nesse gênero, diferentemente da notícia, que é carregada de vozes explicitamente marcadas como pertencentes a outros. O artigo de opinião raramente traz citações com fontes bibliográficas, visto citações longas fazerem parte do artigo acadêmico. Entendemos que, quando Cunha (2002) defende que o dialogismo no artigo de opinião é raramente mostrado envolve a diferença do artigo científico, que necessariamente o dialogismo é mostrado. No entanto, a autora chama a atenção que, embora não apareça muitas vezes um dialogismo mostrado, é fundamentalmente dialógico. Vale destacar que o argumento de autoridade aparece, aqui, como exceção, pois geralmente é usado a fim de corroborar um posicionamento. Além disso, ele é uma

forma de argumentação utilizada com frequência no gênero artigo de opinião, o que se pode caracterizar como um dos procedimentos acessórios da enunciação desse gênero.

Cunha (2002) destaca que o “artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor, para fazer a aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito” (CUNHA, 2002, p. 179), questão que podemos relacionar ao aspecto de intersubjetividade nesta pesquisa. Vemos, nas palavras da autora, que podemos considerar, nessa característica do gênero artigo de opinião, o modo de acentuação da relação discursiva com o parceiro, que, conforme Benveniste, é aquela que impõe uma adesão ao suscitar uma resposta no processo enunciativo de leitura.

Além de Cunha, salientamos o estudo de Ohuschi e Barbosa (2011), que seguem Bakhtin (1992) para defenderem que os gêneros são constituídos a partir de três aspectos principais: o conteúdo temático, que é ligado ao sentido global do texto; a construção composicional, relativa à estrutura organizacional do texto; o estilo, voltado para a seleção dos meios linguísticos. Segundo as autoras, o artigo de opinião pertence à ordem do argumentar, porque, segundo elas, “está voltado ao domínio social da discussão de assuntos sociais controversos, objetivando um posicionamento frente a eles, exigindo para tal, sustentação e tomadas de posição” (OHUSCHI; BARBOSA, 2011, p. 305). Conforme as pesquisadoras, o gênero artigo de opinião vale-se de artifícios, como o uso da palavra do outro, para dar mais credibilidade ao seu discurso, o que está em relação com a ideia bakhtiniana de que “palavra do outro” se transforma dialogicamente para tornar-se “palavra pessoal alheia” (BAKHTIN, 1992, p. 405-406). Isso pode encontrar respaldo na reflexão de Benveniste (1989) de que “eu” e “outro” e indivíduo e sociedade estão em relação mútua e em uma realidade dialética. Essa reflexão de Benveniste em “Da subjetividade da linguagem” encontra respaldo em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”. Com efeito, Benveniste defende que o exercício da língua está nas práticas sociais e nas relações inter-humanas, em que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente por meio da língua. Cada humano se funda na dupla natureza da língua: individual e social.

A partir dessa exposição geral do artigo de opinião, as autoras caracterizam os elementos do gênero artigo de opinião. Com relação ao conteúdo temático, as autoras destacam o posicionamento de um jornalista ou especialista a respeito de um acontecimento sociopolítico que tenha sido noticiado anteriormente e/ou que tenha relevância social. Com relação à construção composicional, as pesquisadoras ressaltam

as formas de organização textual, ou seja, os procedimentos que se referem à estruturação e ao acabamento do texto, e, segundo as autoras, a estruturação do gênero é marcada pela predominância de sequências argumentativas. Com relação ao estilo, as estudiosas salientam que este está ligado aos recursos escolhidos pelo locutor, formas textuais, lexicais e gramaticais que provocam efeitos de sentido que vão ao encontro da ideia defendida pelo autor. Após esses apontamentos, as autoras analisam um artigo de opinião e chegam ao seguinte resultado:

Constatamos, com a análise do artigo “A urna e a escola”, que o autor mobiliza os recursos linguísticos para defender a sua tese, provocando efeitos de sentido que levam o leitor a concordar com a sua opinião. Verificamos as seguintes características do gênero: o texto pertence à esfera jornalística, publicado na Revista Veja, tem como produtor um jornalista, trata de uma questão polêmica, o conteúdo temático faz alusão à opinião de acontecimento sociopolítico, a construção composicional encontra-se de forma bem estruturada, o estilo mostra o modo peculiar com o qual o articulista defende as ideias, por meio de diversos recursos linguísticos, como conjunções, advérbios, adjetivos, aposto, aspas etc. (OHUSCHI; BARBOSA, 2011, p. 312).

A reflexão presente nesta seção sobre o gênero artigo de opinião a partir de Bakhtin encaminha-nos para o fechamento do presente capítulo. Destacaram-se as relações de complementaridade entre os elementos do gênero em Bakhtin e os estudiosos do artigo de opinião a partir de Bakhtin. Na próxima seção deste capítulo, tais destaques serão postos em relação complementar com Benveniste e os estudiosos a partir deste. Essas relações de complementaridade têm o propósito de alicerçar nossos princípios metodológicos para a análise dos artigos de opinião selecionados. Assim, tal discussão, ainda provisória e embrionária, sobre as relações de complementaridade não pode ser tomada como uma construção teórica fechada a ser deslocada para outros contextos, pois sabemos o risco que aproximações teóricas podem trazer se forem construídas como reflexões definitivas. Passemos, por conseguinte, às relações de complementaridade.

Tratados os elementos do gênero a partir de Bakhtin e os elementos do processo enunciativo a partir de Benveniste, passamos a apresentar nossa concepção de artigo de opinião como um gênero com modo de enunciação específico. A reflexão de Bakhtin sobre os gêneros do discurso e a expressão “modo de enunciação” de Benveniste convocaram-nos a novamente colocar em relação de complementaridade o filósofo e o linguista. Isso porque Bakhtin defende que os gêneros estão ligados aos campos de atividade humana e Benveniste defende, em *Estrutura da língua e a estrutura da sociedade*, a língua como prática humana e como expressão de certos grupos em relações espaço-

temporais específicas que determinam os modos de enunciação. Nessa linha, concebemos o artigo de opinião como um gênero de discurso (Bakhtin) que atualiza modos de enunciação (Benveniste) relacionados aos elementos do processo enunciativo, em que o locutor manifesta sua atitude sobre um fato social a outro e, com isso, situa-se no discurso e se inclui na sociedade. Nessa prática humana ligada ao modo de enunciação artigo de opinião, consideramos que as operações de (inter)subjetividade e referência são fundamentais e perpassam os elementos do gênero (conteúdo temático, construção composicional e estilo). Essa relação entre gênero de discurso e modo de enunciação continuará na sequência de nosso estudo nos próximos itens e capítulos.

### **2.3 O modo de enunciação do artigo de opinião: elementos do processo enunciativo conforme Benveniste inscritos nos elementos do gênero artigo de opinião**

Tanto Bakhtin quanto Benveniste são referências importantes para os estudos da linguagem, bem como para a linguística que se dedica à enunciação. Sabe-se que os dois, cada um em sua área, o primeiro relacionado a uma filosofia da linguagem e o segundo a uma linguística que enfrentou questões filosóficas, teorizam sobre o indivíduo e a sociedade, ainda que de maneiras diferentes.

É necessário, portanto, destacar que, para o recorte deste trabalho, optamos pelo viés benvenistiano, com possibilidade de complementaridade das reflexões presentes em Bakhtin. Considerar como o modo de enunciação do gênero artigo de opinião está ligado, como já tratado anteriormente, às relações de complementaridade entre Bakhtin e Benveniste. Para Benveniste, as relações espaço-temporais determinam modos de enunciação distintos ligados às práticas humanas de certos grupos<sup>9</sup>. Em Bakhtin (1992), os gêneros de discurso são gerados em determinadas esferas (campos) de conhecimento. Nessa linha, consideramos o artigo de opinião como um modo de enunciação que é expressão de certos grupos ligados à esfera ou ao campo de conhecimento jornalístico.

Desse modo, com base nas reflexões da seção anterior acerca do artigo de opinião, bem como com base nos encaminhamentos teóricos explicitados neste trabalho, podemos, nesta seção de fechamento do capítulo II, em uma relação complementar entre, de um

---

<sup>9</sup> É necessário pontuar que tais aspectos também estão presentes nos estudos de Bakhtin; contudo, para fins desta dissertação, optamos por nos ancorar em Benveniste.

lado, as reflexões de Bakhtin e de estudiosos deste sobre o gênero artigo de opinião e, de outro lado, as reflexões de Benveniste e dos estudiosos deste, considerar a presença dos seguintes elementos como relevantes em um artigo de opinião a serem considerados em nossa análise:

- a) o conteúdo temático está vinculado à necessidade do locutor de referir sobre determinado fato de relevância social, explicitando a sua atitude de locutor.
- b) a construção composicional está vinculada à escolha dos procedimentos acessórios e do aparelho de funções que buscam impor a adesão do outro.
- c) o estilo está vinculado a formas aparentes que colocam o locutor em uma relação necessária com a sua enunciação, com o outro e com a sociedade em uma acentuação da relação discursiva com o parceiro, suscitando deste uma resposta no ato enunciativo de leitura.

Considerando nosso percurso teórico, torna-se importante apresentarmos um quadro-síntese com nossa concepção de gênero de discurso a partir de Bakhtin e com nossa concepção de modo de enunciação a partir de Benveniste, para sintetizarmos nosso entendimento do modo de enunciação do gênero de discurso artigo de opinião.

**Quadro 4** – Gêneros do discurso e modos de enunciação.

<b>Gêneros do discurso (Bakhtin)</b>	<b>Modos de enunciação (Benveniste)</b>
Tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados por cada campo de utilização da língua e proferidos pelos integrantes desse campo.	Modos determinados, nas práticas sociais de exercício da língua, pelas relações espaço-temporais do falante, que se situa no discurso e se inclui na sociedade.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Nessa linha, o gênero artigo de opinião é um modo de enunciação escrita que revela a expressão de certos grupos ligados à esfera ou ao campo de conhecimento jornalístico, carregando, no processo enunciativo, marcas da atitude do locutor sobre um fato social para convencer o outro (leitor). O locutor, nesse caso de forma mais acentuada, ao se situar no discurso, inclui-se na sociedade. Nesse sentido, concebemos que referência e intersubjetividade estão entrelaçadas no funcionamento do modo de enunciação desse gênero do discurso.

A partir desse fechamento, o próximo capítulo tratará de nosso objeto de análise, isto é, o gênero artigo de opinião proposto pela Olimpíada de Língua Portuguesa, além do modo como se deu a criação do concurso e da organização dos critérios avaliativos, a fim de compreendermos qual o caminho percorrido até os dois textos que analisaremos no capítulo IV (vencedores das edições de 2016 e de 2019 da OLP), contextualizando-os. Ademais, serão apresentados os princípios metodológicos que nortearão nossa análise no capítulo final.

# **CAPÍTULO III**

## **O OBJETO DE ANÁLISE: CONTEXTUALIZAÇÃO E PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS**

Este capítulo tem o propósito de contextualizar nosso objeto de análise e apresentar os princípios metodológicos que nortearão a análise. Sendo assim, está organizado da seguinte maneira: na seção 3.1, intitulada “O artigo de opinião na Olimpíada de Língua Portuguesa”, contextualizamos o objeto de análise desta dissertação, os artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa, e os critérios elencados para a seleção dos melhores textos em 2016 e 2019. Na seção 3.2., intitulada “Princípios metodológicos: operadores de análise do artigo de opinião”, apresentamos os princípios metodológicos que sustentarão a análise, assim como os procedimentos de realização das análises dos artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa.

### **3.1 O artigo de opinião na Olimpíada de Língua Portuguesa**

O processo de ensino-aprendizagem no Brasil, constantemente, atualiza-se para construir conhecimento e pontes para um futuro melhor a todos os estudantes. Pensando nisso, em 2002, a Fundação Itaú Social, do banco Itaú, criou o Prêmio Escrevendo o Futuro, com a colaboração e a coordenação técnica do projeto CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária). Para melhor contextualização e compreensão da trajetória e dos propósitos do Prêmio, organizou-se esta seção cinco subseções: (3.1.1) a Fundação Itaú Social; (3.1.2) o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária; (3.1.3) a Olimpíada de Língua Portuguesa; (3.1.4) o Caderno *Pontos de vista*; e (3.1.5) o Artigo de opinião na OLP.

#### **3.1.1 A Fundação Itaú Social**

A Fundação Itaú Social é uma das áreas de atuação da Fundação Itaú, projeto criado há mais de 30 anos e que atua na área educacional e cultural por meio da fundação citada e de outros dois projetos: o Itaú Cultural e o Itaú BBA. Em 2019, houve a ampliação do projeto, que passou a se chamar Fundação Itaú para Educação e Cultura, a qual procura

defender e garantir direitos, bem como promover educação, cultura, assistência social e o fortalecimento da sociedade civil.

Os pilares nos quais a iniciativa atua são os seguintes: ensino básico, educação e trabalho, cultura e social. Tais pilares buscam fomentar iniciativas para o desenvolvimento das áreas em questão. Por conta disso, foi criado um estatuto social, o qual descreve os objetivos da Fundação. Alguns deles são:

Art. 2º - A Fundação tem por objetivo social promover a educação, a cultura, a assistência social, a defesa e garantia de direitos, bem como o fortalecimento da sociedade civil.

§ 1º - Para a consecução de seu objetivo social, a Fundação poderá:

I – fomentar, desenvolver e realizar, prioritariamente, ações de caráter educacional, visando o desenvolvimento integral do indivíduo, seu preparo para a cidadania e qualificação para o trabalho, contribuindo com a educação brasileira em todos os seus níveis;

II – implementar e apoiar, em seus vários desdobramentos, ações de caráter cultural, intelectual ou artístico, bem como promover os direitos culturais e a democratização do acesso à cultura por meio da fruição, do fomento e da formação, visando a participação dos indivíduos na vida cultural (FUNDAÇÃO ITAÚ, 2022, p. 01).

Além do estatuto, podem-se encontrar, no site da Fundação (<https://fundacaoitau.org.br/>), diversas informações que atestam o caráter sério e íntegro dos projetos desenvolvidos, como os documentos intitulados *Governança*, *Código de Ética*, *Relatório de atividades*, *Demonstrações financeiras* e *Comunicados*. Ademais, vale o destaque para outro site pertencente ao Itaú, <https://www.itausocial.org.br/>, no qual são encontrados os projetos, as publicações relacionadas especificamente à área educacional e a definição do projeto: “[...] um polo de desenvolvimento educacional que articula iniciativas e produz conhecimento”. Tudo isso é feito por meio de implementação e compartilhamento de soluções que contribuem para a melhoria da educação pública brasileira.

### **3.1.2 O Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária<sup>10</sup> (CENPEC)**

Esse Centro, criado em 1987, é uma organização da sociedade civil que, sem fins lucrativos, procura desenvolver ações voltadas à melhoria da qualidade da educação

---

<sup>10</sup> Todas as informações, bem como citações desta subseção, foram retiradas do site <http://www.cenpec.org.br/>.

pública (enfrentando a desigualdade educacional) e ao aprimoramento da política social. Isso contribui para o desenvolvimento dos alunos e para a formação dos profissionais da educação, bem como para o fortalecimento das gestões educacionais e escolares nas instituições em que atua.

No site da organização, encontram-se informações sobre a produção e o compartilhamento de conhecimentos sobre educação, a influência dela em políticas públicas, bem como a implementação de programas, projetos educacionais e o desenvolvimento de pesquisas e estudos sobre educação que são reconhecidos no Brasil e no mundo.

Dentre as produções e os projetos elencados, alguns se destacam pela realização ser mantida, como o projeto que norteia esta dissertação – Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Isso fortalece o compromisso assumido pelo Centro, que é o de “fazer a diferença na educação, ampliando oportunidades, mudando realidades e transformando vidas”.

Além disso, o propósito do Centro, definido como “sonhar, projetar e construir equidade e qualidade educacional para crianças, adolescentes e jovens”, e a visão de que “somos referência na produção de conhecimento em educação. Formulamos tecnologias inovadoras com potencial de escala, alto impacto e resultados mensuráveis” são valores que reforçam a necessidade de iniciativas como essa. Os princípios defendidos pelo Centro são:

**Nossos princípios:**

**Articulação entre teoria e prática:** Valorizamos o diálogo entre o estudo e a pesquisa, por meio da formação continuada, reflexão e avaliação constante das ações educacionais.

**Educação integral e inclusiva:** Partimos um olhar integral sobre o desenvolvimento das(os) estudantes nas dimensões intelectual, física e emocional. Acreditamos no poder transformador da inclusão e criamos e condições para que todas(os) aprendam e se desenvolvam.

**Ação dialógica:** Para transformar realidades, é necessário compreender o contexto e desenvolver ações em diálogo constante com os territórios e as diferentes pessoas que atuam neles.

**Mobilização em rede:** Promovemos a colaboração com comunidades escolares, estudantes, famílias, poder público, sociedade civil e iniciativa privada. Somando esforços, potencializamos ações e avançamos na construção de sonhos em comum. (CENPEC, 2022).

Esses, juntamente dos princípios divulgados pela organização, vão ao encontro do que postula a BNCC, ou seja, reforçam que iniciativas como a OLP são necessárias à atualização e ao desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem em

consonância com a busca por uma educação de qualidade, capaz de minimizar desigualdades. Prova disso são os números que compõem a seção “Alcance”, divulgada no site: projetos atuantes nas 27 unidades da federação, em 88% dos municípios brasileiros, um alcance das ações em cerca de 44 mil escolas públicas de educação básica e mais de 104 mil professoras(es) conectadas(os).

### 3.1.3 A Olimpíada de Língua Portuguesa

Antes de ser chamada de Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, o projeto era intitulado Programa Escrevendo o Futuro, o qual realizava o Prêmio Escrevendo o Futuro. O principal objetivo do Programa é “contribuir para a melhoria da leitura e escrita de estudantes de escolas públicas brasileiras”.

No site oficial<sup>11</sup>, na seção “A Olimpíada”, encontram-se algumas informações que dimensionam o foco no desenvolvimento, a relevância e o aumento da abrangência da OLP, a qual é definida como

um concurso de produção textual de professores(as) e estudantes, de caráter formativo, que foi criado em 2008 com o objetivo de contribuir para a melhoria da leitura e escrita de estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio de escolas públicas brasileiras.

Atualmente, o concurso abrange cinco gêneros que variam conforme o ano escolar: poema para o 5º ano do Ensino Fundamental; memórias literárias para o 6º e o 7º anos do Ensino Fundamental; crônica para o 8º e o 9º anos do Ensino Fundamental; documentário para a 1ª e a 2ª séries do Ensino Médio; e artigo de opinião para a 3ª série do Ensino Médio.

Ademais, uma das características do projeto é de que a OLP ocorre a cada dois anos, o que possibilita que, no ano em que não há o concurso, os docentes possam se aprimorar a partir de cursos e atividades formativas disponibilizadas na plataforma *online* do projeto, bem como analisar os textos finalistas com os estudantes de suas escolas. Na página virtual do projeto, há diversas modalidades de formação docente a distância, além de instruções para as presenciais. A ideia é integrar os usuários, para que partilhem

---

<sup>11</sup> Todas as informações, bem como citações, desta subseção foram retiradas do seguinte site: <http://www.escrevendoofuturo.org.br/>.

suas práticas, desafios e estratégias de ensino, assim como disponibilizar materiais, metodologias, notícias e ações do programa.

Outra informação importante é que, embora a Fundação Itaú Social e o CENPEC sejam os organizadores, junto, atualmente, do Ministério da Educação, outros parceiros fazem da OLP um sucesso, como o Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), o Canal Futura e a Fundação Roberto Marinho.

A fim de entender-se o caminho percorrido pelo projeto, foi traçada uma linha do tempo, retirada do site oficial ([http:// www.escrevendoofuturo.org.br/](http://www.escrevendoofuturo.org.br/)) e apresentada a seguir para uma melhor compreensão do histórico do programa. Dividida em três colunas, a primeira refere-se ao ano; a segunda, intitulada “Informação”, aponta as informações sobre o que ocorreu no referido ano para o aperfeiçoamento da OLP; e a terceira, com o título “Novidade”, apresenta o que mudou entre o período anterior e o ano em questão.

**Quadro 5** – Síntese do percurso da OLP desde a sua primeira edição até 2021.

<b>ANO</b>	<b>INFORMAÇÃO</b>	<b>NOVIDADE</b>
<b>2002</b>	Criação do <b>Programa Escrevendo o Futuro</b> , além de realizada a primeira edição do concurso, que à época chamava-se <b>Prêmio Escrevendo o Futuro</b> . O concurso era para alunos dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Eram três gêneros textuais solicitados (poema, artigo de opinião e reportagem turística). Para auxiliar o docente, foi produzido o Kit Itaú de Criação de Textos, que orientava sobre oficinas dos gêneros textuais.	
<b>2003</b>	Foram promovidas ações de formação de educadores(as), por meio de material pedagógico a fim de ampliar repertórios de práticas de ensino de leitura e escrita.	Foram produzidos os materiais de apoio “Voz do Aluno”, a partir da análise dos textos dos alunos semifinalistas do primeiro

		concurso, e “Voz do Professor”, com base nos relatos de prática elaborados pelos(as) seus(suas) professores(as).
<b>2004</b>	O programa seguiu sua realização em duas vertentes: o concurso, nos anos pares, e as ações de formação presenciais e a distância, nos anos ímpares.	Neste ano, o gênero Reportagem foi substituído por Memórias literárias.
<b>2005</b>	Formação de professores.	Criação da Revista <i>Na Ponta do Lápis</i> , distribuída a todos os professores participantes, e da Comunidade Virtual <i>Escrevendo o Futuro</i> , ambiente virtual do Programa.
<b>2006</b>	Em mais um ano de concurso, o <i>Kit Itaipu de Criação de Textos</i> passou por uma revisão.	O Programa passou a premiar também os professores na categoria <i>Relato de Prática</i> .
<b>2007</b>	Formação de professores.	
<b>2008</b>	Mais uma edição do concurso, agora com o nome de <b>Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro</b> .	Firmada parceria com o Ministério da Educação, ampliando a abrangência das ações e a quantidade de anos escolares atendidos: além do 5º e do 6º anos, foram incluídos os 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e os 2º e 3º

		anos do Ensino Médio. O programa foi incluído como uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação.
<b>2009</b>	Encontros de formação presencial, pautados pela <i>Maleta do Formador</i> , com materiais destinados a reuniões pedagógicas.	Foi produzido o <i>Jogo Q.P. Brasil</i> , para contribuir com a melhoria da capacidade argumentativa dos alunos de Ensino Médio.
<b>2010</b>	2ª edição da Olimpíada, foi enviado a todas as escolas públicas - que atendem um ou mais anos escolares entre o 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio – o material "Coleção da Olimpíada", com Cadernos do Professor nos gêneros: poema, crônica, memórias literárias e artigo de opinião.	
<b>2011</b>	Ano de formação docente. Ocorreram: o seminário "A escrita sob foco: uma reflexão em várias vozes", que reuniu professores, técnicos de secretarias e especialistas de universidades públicas; o lançamento do curso a distância "Sequência didática: aprendendo por meio de resenhas", oferecido para professores e técnicos de todo o Brasil; e a realização do curso "Caminhos para o ensino da escrita", com encontros presenciais realizados nas 27 UFs.	
<b>2012</b>	Ocorreu a 3ª edição da Olimpíada. A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro envolveu todos os	Lançamento do Caderno Virtual <i>Pontos de Vista</i> , com a sequência didática

	estados e mais de 91% dos municípios brasileiros, além de ter a participação de mais de 100 mil professores em todo o país.	do gênero artigo de opinião, adaptada para o meio digital, com áudios, vídeos e jogos. <i>A Comunidade Virtual</i> passou a se chamar Portal Escrevendo o Futuro, com novas seções interativas.
<b>2013</b>	Ano de formação docente.	Foi organizado o "Seminário Nacional Olimpíada em Rede", que reuniu educadores e especialistas envolvidos com políticas públicas para o ensino da língua portuguesa.
<b>2014</b>	Ocorreu a 4ª edição da Olimpíada, a qual manteve a abrangência em todos os estados brasileiros: participação de 91% dos municípios e mais de 170 mil inscrições.	Foram lançados os Cadernos Virtuais, adaptação da Coleção da Olimpíada ao suporte digital, com diversos recursos multimídia (áudios, textos para projeção, vídeos e jogos).
<b>2015</b>	Ano de formação docente.	O Programa passou a oferecer um novo curso, "Leitura vai, escrita vem: práticas em sala de aula".
<b>2016</b>	O Programa realizou a 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, com a participação de 4.876 municípios	Lançamento dos <i>Percurso Formativos</i> - um diagrama interativo que oferece autonomia para o educador

	brasileiros, cerca de 40 mil escolas envolvidas e mais de 170 mil inscrições de professores.	escolher seu caminho de formação.
<b>2017</b>	Ano de formação docente.	Foi realizado o “Seminário Nacional Escrevendo o Futuro: com a palavra, o professor-autor”, que reuniu educadores e pesquisadores para discussões e trocas de experiências sobre o ensino da leitura e da escrita nas diferentes regiões do país. No Portal foram inauguradas duas novas seções: Literatura em Movimento e Banco acadêmico, que reúne pesquisas de todo o país sobre os materiais formativos do Programa.
<b>2018</b>	Não houve Olimpíada.	A equipe do Programa percorreu o país para conversar com os diversos grupos envolvidos em suas ações e redesenhar o formato da Olimpíada de Língua Portuguesa. Entre as novidades, destaca-se a inclusão do gênero documentário. Foram criados dois novos cursos on-line: "Avaliação

		textual: análises e propostas” e “Nas tramas do texto”.
<b>2019</b>	Foi realizada a 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa.	A Olimpíada passou a homenagear um(a) escritor(a). Neste ano, foi escolhida a autora Conceição Evaristo. Também foi lançada a websérie “Meu lugar tem histórias - Olimpíada de Língua Portuguesa: uma escrita coletiva sobre o Brasil”, que narra as transformações na vida de seis estudantes e uma professora ao participarem da Olimpíada. Outra novidade foi o lançamento do jogo de aprendizagem “Pontos de vista”, que convida os estudantes a treinar a argumentação.
<b>2020</b>	Ano de formação docente, com foco em auxiliar os professores no período da pandemia.	Uma novidade foi a Microcertificação dos Percursos Formativos para os educadores.
<b>2021</b>	Foi realizada a 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa que, pela primeira vez, ocorreu de forma remota por conta da pandemia, e homenageou a escritora Geni Guimarães.	Foram destaques o novo formato do concurso com foco nos Relatos de prática, a participação do(a) professor(a) com toda a turma de estudantes nos

		Encontros de Semifinalistas e o critério da reserva de vagas para docentes que atuam em escolas com Inse (Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica) baixo ou muito baixo, e que estão abaixo da meta regional do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).
2022	Ano de formação docente.	Formação para docentes que atuam em escolas com Inse (Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica) baixo ou muito baixo, e que estão abaixo da meta regional do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em dados fornecidos no site [www.escrevendoofuturo.org.br/programa/#quem-somos](http://www.escrevendoofuturo.org.br/programa/#quem-somos).

A partir da análise dos dados retirados do site “Escrevendo o Futuro”, nota-se o quanto a organização busca, constantemente, atualizar-se à medida que a realidade muda. Essa constante atualização envolve, por exemplo, a adoção de novos gêneros, como é o caso do documentário, que ganha cada vez mais espaço na sociedade e tem um papel informativo importante na promoção do conhecimento. Além disso, é válido destacar o

ano de 2018, que serviu como um momento de análise e reorganização da Olimpíada, para que esta estivesse em consonância com a educação brasileira e a serviço desta.

Também vale ressaltar que, em todos os anos do prêmio, os professores têm acesso aos cadernos de estudo, os quais norteiam as práticas educativas relacionadas a cada gênero, bem como servem de base para os professores trabalharem textos, com vistas ao desenvolvimento, por parte dos alunos, de diversas habilidades de leitura e escrita. Ademais, nos anos em que não ocorre a edição da Olimpíada, os professores passam por cursos, com formações planejadas para ajudá-los nas tarefas educacionais e na instrução dos alunos, com foco não só no prêmio, mas também na construção de conhecimento com qualidade.

Algumas informações acerca do regulamento da OLP igualmente são relevantes para compreender-se o modo como os critérios são postulados de forma a garantir um processo seletivo justo e de acordo com os objetivos da educação brasileira. Para tanto, foram examinados os regulamentos de 2019 e 2016, uma vez que advêm das edições desses dois anos os textos selecionados como “vencedores” na categoria artigo de opinião analisados nesta dissertação.

O regulamento divulgado em 2019 define o seguinte:

Na 6ª edição, em 2019, a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro reforça a valorização da interação de crianças e jovens com seu território, e retoma o tema “O lugar onde vivo”. Assim, para participar do concurso, o estudante deve resgatar histórias, estreitar vínculos com a comunidade e aprofundar o conhecimento sobre a realidade, o que contribui para o desenvolvimento de sua cidadania. (ITAÚ SOCIAL; CENPEC; MEC, 2019, p. 01).

Ou seja, a temática selecionada, “O lugar onde vivo”, é uma forma de os participantes aprofundarem o olhar para suas raízes e para sua realidade. Ademais, os professores aptos a participarem da OLP precisam lecionar para os anos aos quais o concurso se destina, no período letivo de 2019, em escolas da rede pública. As inscrições são gratuitas e feitas diretamente no Portal Escrevendo o Futuro; é válido destacar que, por ser um concurso em parceria com o Ministério da Educação, a Secretaria de Educação do município ao qual a escola se vincula precisa aderir ao concurso.

A fim de nortear o trabalho docente, o regulamento reitera o uso dos materiais disponibilizados pelo Portal, o que facilita a produção das oficinas de leitura e escrita, visto que essas encontram base nos cadernos virtuais de apoio ao trabalho do professor. A partir disso, o professor solicitará aos alunos a produção do texto destinado à sua etapa

escolar. Nesta dissertação, a análise focaliza exclusivamente o gênero artigo de opinião, o que fica a cargo dos estudantes da 3ª série do Ensino Médio. Para tanto, o número de caracteres com espaços destinado à produção é de 4.200, isto é, após a produção em sala, os textos são digitalizados obedecendo a essa regra.

Uma observação importante é o Relato de Prática que é solicitado ao docente: trata-se de um diário que registra experiências e reflexões na realização das oficinas. Contudo, ainda que seja uma solicitação, a não realização do relato não atrapalha a avaliação dos textos produzidos pelos alunos.

Outro tópico importante para um entendimento pleno do concurso concerne às etapas de avaliação, as quais são divididas em cinco momentos:

- a) **Etapa escolar:** cada escola cria a própria Comissão Julgadora e seleciona os textos. Ela é composta por 3 a 5 avaliadores e inclui: professores de língua portuguesa que não estão participando do processo, representantes dos pais dos alunos e da comunidade que tenham bom domínio da língua portuguesa. Nesse momento, somente um texto de cada categoria é submetido pelo próprio aluno-autor, com a supervisão do professor, no portal *on-line*.
  
- b) **Etapa municipal:** é criada uma Comissão Julgadora Municipal, que será composta por, no mínimo três integrantes: representantes das redes de ensino participantes, da comunidade que tenham bom domínio da língua portuguesa e professores de língua portuguesa que não estão participando do processo. Nessa etapa, deverão ser selecionados de uma a quinze produções em cada categoria. Para que a Comissão faça tal processo, é preciso verificar o número de vagas a que o município tem direito em cada categoria, dado que se encontra na tabela abaixo, retirada do regulamento da OLP de 2019:

**Tabela 1** – Organização do número de vagas do município por categoria a partir do número de escolas com textos válidos.

Número de escolas que enviaram textos válidos por categoria	Número de vagas do município por categoria
Até 10 escolas	1
De 11 a 24 escolas	2
De 25 a 49 escolas	3
De 50 a 99 escolas	4
De 100 a 199 escolas	8
200 ou mais escolas	15

**Fonte:** Regulamento da OLP 2019, p. 6.

Ou seja, se há até 10 escolas no município, este enviará um texto de cada categoria para a OLP.

- c) **Etapa estadual:** as Comissões Julgadoras Estaduais são coordenadas pelas Secretarias de Educação Estaduais, bem como são acompanhadas pela organização da OLP em todas as 27 unidades federativas, com o apoio de especialistas de universidades públicas. Cada Comissão é presidida por um especialista em língua portuguesa de uma universidade pública e deve ser formada por, no mínimo, 3 (três) integrantes, contemplando: representantes da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime); representantes do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed); representantes da comunidade reconhecidos pelo domínio da língua portuguesa e professores de língua portuguesa não inscritos na Olimpíada. Vale destacar que, nessa etapa, são selecionados até 569 (quinhentos e sessenta e nove) alunos semifinalistas em todo o Brasil (e ainda há a possibilidade de até 15 textos/vídeos suplentes). A tabela a seguir, retirada do regulamento OLP 2019, ilustra o número de alunos por categoria:

**Tabela 2** – Número de alunos semifinalistas por categoria.

Categorias	Número de alunos semifinalistas
Poema	65
Memórias literárias	125
Crônica	125
Documentário	189 (63 trios)
Artigo de opinião	65

**Fonte:** Regulamento da OLP 2019, p. 07.

O número de vagas é de uma para cada UF e o restante é dividido conforme a seguinte explicação:

**Figura 1** – Explicação do número de vagas por categoria.

### Poema e Artigo de opinião

65 vagas – 27 UFs = 38

As 38 vagas restantes, para cada categoria, serão atribuídas às UFs proporcionalmente ao número de textos válidos selecionados pelas Comissões Julgadoras Municipais, calculadas da seguinte maneira:

$$\text{Vaga da UF em cada categoria} = 1 (\text{vaga garantida}) + \left( \frac{\text{n}^\circ \text{ total de textos válidos recebidos pela UF na categoria}}{\text{n}^\circ \text{ de textos válidos do Brasil na categoria}} \right) \times 38$$

**Fonte:** Regulamento da OLP 2019, p. 08.

- d) **Etapa regional:** é a semifinal e ocorre de maneira presencial, reunindo os alunos-autores semifinalistas e os professores. São cinco encontros, um para cada categoria, os quais buscam ampliar as habilidades de leitura e de escrita dos estudantes. As Comissões Julgadoras da etapa regional são formadas por representantes do Ministério da Educação (MEC), do Itaú Social, do Cenpec, da Undime, do Consed, de universidades públicas e por professores de língua portuguesa, formando, um mínimo, de sete pessoas. Ademais, nessa etapa, são selecionados até 135 textos/vídeos, sendo 20 deles do gênero artigo de opinião.

Para que a escolha das produções contemple todas as regiões do Brasil, elas são agrupadas em sete polos, que têm, cada um, uma vaga garantida por categoria, conforme o quadro a seguir, disponibilizado no regulamento:

**Quadro 6** – Divisão das UFs nos 7 polos.

Polo	UFs abrangidas
Sudeste I	SP
Sudeste II	ES, RJ e MG
Sul	PR, SC e RS
Centro-Oeste	GO, MT, MS e DF
Norte	AC, AM, AP, PA, RO, RR e TO
Nordeste I	CE, MA, PI e RN
Nordeste II	AL, BA, PB, PE e SE

**Fonte:** Regulamento da OLP 2019, p. 11.

- e) **Etapa nacional:** a final é composta por uma Comissão Julgadora Nacional, organizada pelo MEC, pelo Itaú Social e pelo Cenpec, sendo formada por, no mínimo, cinco profissionais com conhecimento em língua portuguesa e com conhecimento audiovisual. Nesse momento, são escolhidos 20 textos/vídeos vencedores, compostos pelos quatro primeiros colocados de cada categoria, conforme avaliação da Comissão.

O Quadro 6, a seguir, disponibilizado no regulamento da OLP 2019, contém informações sobre cada etapa:

Quadro 7 – Síntese de cada etapa.

	ETAPAS				
	ESCOLAR	MUNICIPAL	ESTADUAL	REGIONAL	FINAL
ATIVIDADES	Oficinas nas escolas com suporte de material didático disponível no <a href="#">Portal Escrevendo o Futuro</a>	Curso on-line: <a href="#">Avaliação</a> <a href="#">Textual: Propostas e análises</a> , para os membros das Comissões Julgadoras	Curso on-line: <a href="#">Avaliação</a> <a href="#">Textual: Propostas e análises</a> , para os membros das Comissões Julgadoras	Encontros regionais, presença obrigatória de professores e alunos.	Encontro Nacional com professores e alunos para premiação.
COMISSÃO JULGADORA	Comissão Julgadora Escolar (CJEsc)	Comissão Julgadora Municipal (CJM)	Comissão Julgadora Estadual (CJE)	Comissão Julgadora Regional (CENPEC)	Comissão Julgadora Nacional (CJN)
SELEÇÃO	Máximo de 1 texto por categoria	De 1 a 15 textos por categorias	Semifinalistas 65 poemas 125 memórias literárias 125 crônicas 63 (trios) documentários 65 artigos de opinião <b>569 alunos semifinalistas</b>	135 textos/ produções finalistas.  Seleção de 20 Relatos de Prática  <b>173 alunos finalistas</b>	4 vagas por categoria, sendo que no Documentário, o trio de alunos será premiado. <b>28 vencedores</b>
PERÍODO DA SELEÇÃO	Agosto/2019	Setembro/2019	Outubro/2019	Outubro/ Novembro/2019	Dezembro/2019

Fonte: Regulamento da OLP 2019, p. 13.

Como já informado, a OLP busca atualizar-se, assim como estar de acordo com as diretrizes educacionais propostas pelo MEC; sendo assim, os materiais disponibilizados a professores e alunos constantemente são melhorados em novas versões. Provas disso são os Cadernos do Professor, os quais contemplam cada gênero proposto pela OLP com orientações para a produção dos textos em conformidade com o gênero escolhido, como sequências didáticas propostas para a sala de aula. Ademais, cada

gênero de discurso<sup>12</sup> é selecionado para determinadas etapas escolares, mas o Portal Escrevendo o Futuro reforça que é possível adaptar as oficinas para outras séries e anos.

Passemos, agora, ao Caderno *Pontos de vista*, que foi organizado por meio de uma sequência didática, a qual é definida como “um conjunto de oficinas e atividades escolares sobre um gênero textual, organizada de modo a facilitar a progressão na aprendizagem da escrita” (CENPEC, p. 13). Tal sequência didática foi pensada, mais especificamente, para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de estudantes, em especial da 3ª série do Ensino Médio, acerca do gênero de discurso artigo de opinião. Por ser um gênero que exige dos alunos uma capacidade argumentativa mais desenvolvida, a escolha da série final da escolarização é reflexo da preparação que os alunos vão tendo ao longo de todo o período escolar, a fim de que, ao final dela, tenham adquirido os recursos necessários para expor um assunto, posicionar-se sobre ele, defender o posicionamento com argumentos claros e coesos, tal como organizar os períodos por meio de um vocabulário articulado e coerente, com adequação ao gênero e com marcas de autoria.

### 3.1.4 O Caderno *Pontos de vista*

Como o objeto de análise desta dissertação é o gênero artigo de opinião, o Caderno do Professor que será exposto aqui intitula-se *Pontos de vista*, o qual contém orientações para a produção de textos pertencentes ao gênero artigo de opinião. Esse material está disponível gratuitamente no site [www.escrevendoofuturo.org.br](http://www.escrevendoofuturo.org.br), na sua 7ª edição, publicada em 2021, e foi organizado pelo CENPEC, com coordenação de Maria Aparecida Laginestra e com autoria de Ana Luiza Marcondes Garcia, Ana Paula Severiano, Egon de Oliveira, Eliana Gagliardi e Heloísa Amaral, organização de Carolina Suhel Quintanilha Ferreira, Jéssica Nozaki, Louise Cremonezi Nazareth, Marcela Pasqualucci Ronca e Maria Aparecida Laginestra.

O material inicia com uma mensagem dos autores ao docente que indica como o trabalho foi pensado:

Aqui você encontra uma sequência didática, organizada em oficinas, para o ensino da escrita de um gênero textual. As atividades propostas estão voltadas

---

<sup>12</sup> A expressão *gênero textual* também é identificada nos estudos de gênero, mas em uma relação de proximidade entre Bakhtin e a Linguística Textual. Desse modo, preferiu-se manter a expressão *gênero de discurso* em conformidade com o percurso desta dissertação.

para o desenvolvimento da competência comunicativa, envolvendo leitura e análise de textos já publicados, linguagem oral, conceitos gramaticais, pesquisas, produção, aprimoramento de texto dos(as) estudantes etc. Consiste em material de apoio para planejamento e realização das aulas.

O Caderno Pontos de vista também disponibiliza um glossário, **na página 185**, cujo principal objetivo é o de fornecer definições para palavras e expressões cujos sentidos são cruciais para desenvolver as atividades em sala de aula.

Para que os(as) estudantes possam ter contato com os textos trabalhados nas oficinas, no final deste Caderno está a **Coletânea de textos**, que os traz sem comentários ou análises. (CENPEC, 2021, p. 4).

O caderno é composto por 15 capítulos, os quais buscam, de forma didática, propor oficinas, subdividas em etapas, para os docentes tornarem o processo de ensino-aprendizagem dinâmico e com o objetivo de alcançar o domínio da produção e da análise do gênero em questão, que é o artigo de opinião. Dessa forma, cada capítulo procura a reflexão e o entendimento dos passos para a escrita do texto nos moldes desse gênero.

Ademais, a organização apresenta a Olimpíada, seus objetivos – que são: democratizar os “usos da língua portuguesa”, “reduzir o ‘iletrismo’ e o fracasso escolar”, bem como “contribuir para melhorar o ensino da leitura e da escrita” e “contribuir direta e indiretamente para a formação docente” (CENPEC, 2021, p. 08) –, sua consonância com a BNCC, em especial com a perspectiva de linguagem enunciativo-discursiva, também estabelece um lugar central para o texto como unidade de trabalho e introduz o gênero em destaque no Caderno em questão. Vale destacar que são citadas competências específicas de linguagens e suas tecnologias, como forma de ilustrar a adoção ao documento:

No EM, aqui vinculado ao Caderno “Pontos de Vista”, no trabalho com o gênero artigo de opinião, as competências específicas de linguagens e suas tecnologias (Brasil, 2018, p. 490) revelam vínculos com a BNCC, especialmente quanto aos textos apresentados em 1, 2 e 3:

1. *Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo;*
2. *Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza;*
3. *Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.* (CENPEC, 2021, p. 19-20, grifos do original).

Após esse percurso, o material dedica uma página ao tempo das oficinas que serão descritas: a realização é dinâmica, algumas propostas são feitas para uma ou duas aulas, outras, para três ou quatro. Todavia, defende-se que o professor, conhecedor de seus alunos, aproprie-se do material e determine como este será trabalhado da melhor forma possível.

No início de cada capítulo, encontram-se os objetivos, assim como o tópico “Prepare-se!”, o qual explica, brevemente, o que a sequência didática propõe ao docente. A organização dos capítulos, com seus objetivos e com o resumo do que propõe a sequência, é exposta a seguir:

### **1. Argumentar é preciso?**

- Os objetivos são: “Reconhecer a função da esfera jornalística para informar e formar a opinião pública; discutir o papel do debate e da argumentação para o desenvolvimento das pessoas e da sociedade” (CENPEC, 2021, p. 32).
- No tópico “Prepare-se!”, a explicação da primeira oficina é “que se observe a importância da argumentação para a construção de um texto” (CENPEC, 2021, p. 32). Por isso, apresentam-se um artigo de opinião escrito por uma estudante e uma notícia para análise.

### **2. Os movimentos da argumentação**

- Os objetivos são: “Tomar contato com o artigo de opinião; estabelecer a diferença entre opinar e argumentar; definir argumentação” (CENPEC, 2021, p. 46).
- No tópico “Prepare-se!”, é questionada a diferença entre argumentar e opinar; assim, ao docente, é solicitado que se aproprie desses termos para ensiná-los aos alunos.

### **3. Informação *versus* opinião**

- Os objetivos são: “Relacionar e diferenciar notícia de artigo de opinião” (CENPEC, 2021, p. 56).

- No tópico “Prepare-se!”, há o indicativo de que serão analisados uma charge, uma tirinha, uma notícia e um artigo de opinião relacionados ao uso da internet.

#### **4. Questões polêmicas**

- Os objetivos são: “Identificar questões polêmicas; iniciar a prática do debate regrado; reconhecer a importância do debate para a formação de argumentos; escolher ou formular uma questão polêmica” (CENPEC, 2021, p. 70).
- No tópico “Prepare-se!”, é indicado ao docente que defina com os estudantes o que é uma questão polêmica na comunidade deles.

#### **5. A polêmica do texto**

- O objetivo é o de “produzir individualmente um primeiro artigo de opinião” (CENPEC, 2021, p. 80).
- No tópico “Prepare-se!”, há a solicitação de que o professor identifique o que os alunos já sabem sobre o artigo de opinião e o que ainda será necessário aprofundar.

#### **6. Por dentro do artigo**

- O objetivo é o de “ler artigos de opinião para reconhecer e compreender as características principais desse gênero textual” (CENPEC, 2021, p. 86).
- No tópico “Prepare-se!”, o docente é questionado sobre a organização de um texto opinativo em termos de composição da introdução, do desenvolvimento e da conclusão do texto.

#### **7. O esquema argumentativo**

- O objetivo é o de “Analisar o esquema argumentativo e a organização textual de um artigo de opinião” (CENPEC, 2021, p. 100).
- No tópico “Prepare-se!”, o docente é questionado sobre o núcleo da argumentação, se os dados, a conclusão e a justificativa são importantes para o gênero.

## **8. Questão, posição e argumento**

- Os objetivos são: “Reconhecer questões polêmicas e analisar a argumentação do autor” (CENPEC, 2021, p. 110).
- No tópico “Prepare-se!”, há o indicativo de que, nessa oficina, dois textos – uma notícia e um artigo –, relacionados ao mesmo assunto, serão trabalhados.

## **9. Sustentação de uma tese**

- O objetivo é o de “Construir argumentos para defender uma tese” (CENPEC, 2021, p. 124).
- No tópico “Prepare-se!”, é explicado que esta oficina tem como objetivo ensinar os diferentes tipos de argumento (de autoridade, por evidência, por comparação, por exemplificação etc.) e como sua escolha depende do tipo de interlocutor a que um texto visa.

## **10. Como articular**

- Os objetivos são: “Perceber articulações, ou seja, relações e/ou vínculos entre partes diferentes de um texto argumentativo; conhecer e usar expressões que tornam um texto argumentativo articulado” (CENPEC, 2021, p. 139).
- No tópico “Prepare-se!”, há a indicação de que os elementos articuladores, usados frequentemente no gênero artigo de opinião, serão trabalhados em sala de aula.

## **11. Vozes presentes no artigo de opinião**

- O objetivo é o de “Identificar as vozes, ou seja, as diferentes informações e/ou posições a respeito de um assunto com as quais o articulista interage” (CENPEC, 2021, p. 145).
- No tópico “Prepare-se!”, é solicitado que o docente tenha a habilidade de reconhecer as vozes presentes no texto analisado.

## **12. Pesquisar para escrever**

- Os objetivos são: “Buscar informações sobre a questão polêmica; relacionar informações de caráter universal com realidades locais; socializar os resultados das pesquisas” (CENPEC, 2021, p. 157).
- No tópico “Prepare-se!”, há a solicitação de que os alunos sejam estimulados a buscar questões polêmicas locais para que possam utilizá-las nos artigos de opinião que serão escritos. Além disso, o professor deve mediar essa busca para que os temas sejam representativos do lugar onde vivem.

## **13. Aprendendo na prática**

- O objetivo é o de “analisar e reescrever um artigo de opinião produzido por um aluno” (CENPEC, 2021, p. 163).
- No tópico “Prepare-se!”, há a indicação de que o docente auxilie os estudantes no aperfeiçoamento das produções textuais (com acréscimo ou alterações de informações, por exemplo).

## **14. Enfim, o artigo**

- O objetivo é o de “Escrever o texto individualmente” (CENPEC, 2021, p. 175).
- No tópico “Prepare-se!”, ao professor, é solicitado que leia os artigos de opinião produzidos pelos discentes, escrevendo comentários para melhorá-los.

## **15. Revisão final**

- Os objetivos são: “Revisar e melhorar o texto individual” (CENPEC, 2021, p. 179).
- No tópico “Prepare-se!”, há a indicação para definir com a turma como os artigos serão publicados, para que sejam lidos, comentados e debatidos por outras pessoas.

Fica evidente o quanto o concurso, originalmente organizado pela Fundação Itaú Social e, depois, em conjunto pelo CENPEC e pelo MEC, não mede esforços a fim de

contribuir com os processos de ensino-aprendizagem, bem como auxiliar os docentes nas práticas escolares pelas quais são responsáveis. Ademais, o caderno *Pontos de vista* demonstra como a organização da OLP constrói caminhos sólidos e organizados para o professor e seus estudantes em sala de aula, por meio de sequência didática recheada de possibilidades educacionais selecionáveis pelo docente, que é estimulado a identificar quais dessas possibilidades mais se adequam aos seus discentes.

Faz-se necessária, no entanto, uma observação em relação ao conteúdo das edições anteriores, uma vez que, por ser um material importante, os Cadernos do Professor são atualizados. Na edição de 2021, não consta a tabela com os critérios avaliativos para o gênero proposto neste trabalho, algo que, antes, era encontrado ao final do material divulgado. Essa tabela propunha os descritores, utilizados pela banca do concurso, bem como explicitava quais eram os critérios avaliativos e a pontuação atribuída a cada um.

Para fins ilustrativos, será feita, a seguir, a exposição dos critérios de avaliação do gênero artigo de opinião divulgados em 2019, na 6ª edição da OLP, no Caderno do Professor do referido gênero, intitulado *Pontos de vista*.

**Quadro 8** – Critérios de avaliação do gênero artigo de opinião, divulgados em 2019, na 6ª edição da OLP.

## ARTIGO DE OPINIÃO

### Proposta de descritores

CRITÉRIOS	PONT.	DESCRITORES
Tema “O lugar onde vivo”	1,0	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O texto se reporta de forma pertinente a alguma polêmica da realidade local?</li> </ul>
	3,0	<p><b>Adequação discursiva</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Há uma questão polêmica apresentada no texto?</li> <li>• O autor se posiciona claramente em relação à questão apresentada?</li> <li>• A questão polêmica está relacionada a aspectos que afetam a realidade local?</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• A questão polêmica tratada é relevante para o autor, para a comunidade e pode interessar múltiplos leitores?</li> <li>• O autor argumenta como alguém que entende do assunto e se sente autorizado a opinar perante seus leitores?</li> <li>• O autor utiliza dados e informações pertinentes e diversificados para dar sua opinião contribuindo para o debate?</li> </ul>
Adequação ao gênero	2,5	<p><b>Adequação linguística</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O texto deixa transparecer claramente o ponto de partida (os dados) e a conclusão (ou tese) a que o autor pretende chegar?</li> <li>• O ponto de partida que gerou a opinião e a tese defendida estão construídos de maneira clara e coerente para o leitor projetado?</li> <li>• Os argumentos apresentados sustentam a opinião do autor perante o leitor a que se destina o texto?</li> <li>• Estratégias argumentativas como a refutação e posições de diferentes protagonistas do debate estão articuladas entre si e integradas ao propósito do texto?</li> <li>• O texto é coeso? Os elementos de articulação são adequadamente utilizados?</li> </ul>
Marcas de autoria	2,0	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Levando em conta o leitor do texto (alguém que pode conhecer ou não a questão, concordar ou discordar da opinião defendida) e o propósito do texto (formar opinião, mobilizar, desacomodar, fazer mudar de ideia etc.), a tese é defendida por argumentos convincentes?</li> <li>• Ao tentar convencer seus leitores, o autor utiliza diversidade de tipos de argumentos? Estes argumentos estão articulados? A estratégia utilizada é eficaz?</li> <li>• O autor supõe um leitor que quer ou deve saber sua opinião sobre a questão?</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao escrever o texto, o autor considerou diferentes leitores?</li> <li>• O título antecipa a polêmica e motiva a leitura do texto?</li> </ul>
Convenções da escrita	1,5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O texto atende às convenções da escrita (morfossintaxe, ortografia, acentuação, pontuação), levando em conta o leitor considerado no texto?</li> <li>• O texto rompe convenções da escrita (por exemplo, marcas de oralidade ou variedades linguísticas regionais ou sociais) a serviço de produção de sentidos no texto?</li> </ul>

**Fonte:** Acervo da OLP 2019.

Vemos que, nesses descritores, encontramos várias aproximações possíveis com a reflexão de Benveniste, principalmente com a intersubjetividade (relação autor/leitor), com aspectos da acentuação da relação discursiva entre parceiros. Também encontramos elementos que relacionamos à posição e à atitude do locutor e ao modo como se declara como sujeito no discurso, isto é, como expressa a subjetividade. Ademais, há a questão da referência, como atrelada à necessidade de o locutor referir sobre um tema social polêmico, situar-se em relação a ele e impor a adesão do outro, entrelaçando o funcionamento intersubjetivo e o funcionamento referencial do discurso. Também encontramos os elementos do gênero (Bakhtin), pois, no artigo de opinião, o tema está ligado à questão polêmica e à relação valorativa do autor; a construção composicional está vinculada à argumentação como um debate de posições e o estilo ligado às escolhas lexicais e gramaticais que marcam a posição do locutor a outro sobre o fato social que aborda. Passamos, no item seguinte, a tratar o artigo de opinião na OLP.

### **3.1.5 O artigo de opinião na OLP**

A partir da exposição dos objetivos da OLP, bem como do Caderno do Professor voltado para o gênero artigo de opinião, passa-se, nesta seção, ao estudo do gênero artigo de opinião no Programa, ou seja, como ele é definido segundo quais pressupostos. É válido destacar, ademais, que o gênero artigo de opinião sempre fez parte do concurso, o que denota o quanto ele é fundante e essencial para os objetivos propostos pela OLP.

O Caderno propõe que, antes do estudo do gênero, o professor retome o quanto é indispensável para a formação cidadã dos seus alunos conhecer e discutir questões que atravessam o dia a dia de cada um. Isso é destacado como “um pleno exercício da cidadania” (CENPEC, 2021, p. 26). Além disso, reforça-se o importante papel da esfera jornalística, pois “retratar a realidade e contribuir para a reflexão a seu respeito são [...] duas intenções básicas do jornalismo” (CENPEC, 2021, p. 27). Também se faz uma diferenciação entre matérias não assinadas (notícias em geral) e matérias assinadas (editoriais, artigos de opinião etc.), visto que estas últimas, por serem autorais e reforçarem o ponto de vista do autor (chamado no Caderno de *articulista*<sup>13</sup>), geralmente são procuradas pelo público que tem interesse nesse posicionamento, para comentá-lo, discuti-lo, avaliá-lo. Informa-se, ainda, que os meios de circulação mais comuns para se encontrar artigos de opinião são jornais, revistas e a internet em geral.

Outra característica marcante é o assunto, ou seja, as questões polêmicas. Elas produzem discussões/debates de pessoas com posicionamentos diferentes, os quais, espera-se, necessitam de embasamento para justificá-los:

Ao escrever seu artigo, o articulista toma determinado acontecimento, ou o que já foi dito a seu respeito, como objeto de crítica, de questionamento e até de concordância. Ele apresenta seu ponto de vista inserindo-o na história e no contexto do debate de que pretende participar. Por isso mesmo tende a incorporar ao seu discurso a fala dos participantes que já se pronunciaram a respeito do assunto, especialmente os mais marcantes. (CENPEC, 2021, p. 29).

Tudo isso corrobora a importância de esse gênero ser estudado e desenvolvido na escola, uma vez que estimula o estudante a argumentar, isto é, a “buscar razões que sustentem uma opinião ou tese” (CENPEC, 2021, p. 29). Observação válida também é o tema proposto pela OLP, “O lugar onde vivo”, visto que “estimula a participação nos debates da comunidade, ajuda a formar opinião sobre questões relevantes e a pensar em como resolvê-las. Portanto, escrever artigos de opinião pode ser um importante instrumento para a formação do cidadão” (CENPEC, 2021, p. 29).

Ao longo das oficinas, o docente é estimulado a, além de aumentar seus conhecimentos sobre o gênero, levar para a sala de aula um material consistente, que faça

---

<sup>13</sup> Definido como um profissional/especialista que escreve “matérias assinadas (autorais) sobre algum assunto que está sendo discutido na mídia impressa, internet ou televisão”. Além disso “nem sempre sua opinião coincide com a do veículo para o qual escreve” (CENPEC, 2021, p. 28); por isso, há sua assinatura no texto, quer dizer, sua responsabilização pelo que escreve.

com que os estudantes reflitam sobre o papel do artigo de opinião, bem como sobre suas características. Algumas delas são listadas na página 48:

**Características dos artigos de opinião**

- Costumam circular em veículos jornalísticos e de grande penetração popular: sites de notícias, jornais e revistas impressos etc.;
- Geralmente são escritos por especialistas num determinado assunto, pessoas publicamente reconhecidas por suas posições ou autoridade;
- Abordam assuntos e/ou acontecimentos polêmicos atuais, recentemente noticiados e de interesse público;
- Dirigem-se a um(a) leitor(a) que o jornal considera como potencialmente envolvido no debate, na qualidade de cidadão(ã);
- Têm como finalidade defender uma opinião ou tese, a qual é sustentada com base em argumentos coerentes. (CENPEC, 2021, p. 48).

Tais especificações vão ao encontro do que apresentamos na seção 2.1 desta dissertação, em que os postulados de Bakhtin, associados aqui ao gênero do discurso artigo de opinião, foram analisados (conteúdo temático, estilo e construção composicional). Ademais, reforça-se a associação à organização dos elementos-base do gênero artigo de opinião (situação-problema, discussão e solução-avaliação), proposta por Boff et al. (2008), as reflexões de Cunha (2002) e Ohuschi e Barbosa (2011).

Vemos que essa caracterização também pode ser colocada em relação de complementaridade com Benveniste, conforme apontamos no final do segundo capítulo, envolvendo a atitude do locutor sobre um dado tema polêmico (referência do discurso), a acentuação de sua relação discursiva com o outro via busca de adesão (intersubjetividade) e o uso de marcas aparentes da enunciação pelo locutor para se colocar em relação constante e necessária com a sua enunciação, com o outro e com a sociedade.

O estudo do artigo de opinião também é atravessado pela definição da argumentação, aspecto indispensável a esse gênero. A esse respeito, a obra “O processo avaliatório e a elaboração de ‘protocolos de avaliação’”, de Egon de Oliveira Rangel (2004), é adaptada para a proposta da oficina:

Pode-se definir a argumentação como a ação verbal pela qual se leva uma pessoa e/ou todo um auditório a aceitar uma determinada tese, valendo-se, para tanto, de recursos que demonstrem sua consistência. Esses recursos são as verdades aceitas por uma determinada comunidade, assim como os valores e os procedimentos por ela considerados corretos ou válidos. Dessa forma, argumentação é um termo que se refere tanto a *esse ato de convencimento quanto ao conjunto de recursos utilizados* para realizá-lo.

Por isso mesmo, a argumentação sempre parte de um objetivo a ser atingido (a adesão à tese apresentada) e lança mão de um conjunto de estratégias próprias para isso, levando em conta aquilo que faz sentido para quem lê ou ouve. Daí a importância de conhecer-se o(a) leitor(a) ou o(a) ouvinte; afinal, a título de

exemplo, o argumento que funciona muito bem para um grupo de estudantes adolescentes não terá o mesmo efeito sobre uma comunidade de senhoras católicas – e vice-versa. (CENPEC, 2021, p. 49, grifo do original).

Ainda na mesma seção, é válido destacar como a progressão do estudo do gênero se dá por meio de debates, os quais são um meio de auxiliar na construção da argumentação dos alunos. Por exemplo, com vistas a se preparar para um debate, o estudante fará uma busca de argumentos que sustentem o ponto de vista defendido, bem como estará atento à escolha do nível de linguagem, de articuladores, ou seja, da adequação tanto do conteúdo quanto da linguagem para que seu objetivo (o convencimento do público em relação ao seu posicionamento) seja alcançado. A fim de fornecer ainda mais subsídios ao docente, o Caderno explica:

Argumentar é uma ação verbal na qual se utiliza a palavra oral ou escrita para defender uma tese, ou seja, uma opinião, uma posição, um ponto de vista particular a respeito de determinado fato. (...)

Assim como num jogo, quem argumenta faz suas “jogadas” para se sair vencedor: entre outras ações, afirma, nega, contesta, explica, promete, profetiza, critica, dá exemplos, ironiza. (...)

Todo(a) jogador(a) desenvolve estratégias, isto é, um plano e um estilo próprios de ação verbal para, por meio deles, vencer o adversário. No jogo argumentativo, entretanto, é preciso convencer, ou seja, vencer com a ajuda de todos, que precisam aderir à tese, graças à eficiência das estratégias e à força dos argumentos. Daí o valor social da argumentação, na medida em que se trata de uma vitória coletiva. (CENPEC, 2021, p. 51).

Além de promover o diálogo e a construção do conhecimento com o protagonismo do aluno na apreensão dos conteúdos, encaminham o docente para as próximas etapas, como forma de encadear os assuntos e fazer do processo de ensino-aprendizagem um momento de reflexão e significância.

Por fim, cabe salientar, também, a seção “análise de textos”, disponível no site do programa, ainda que somente alguns trechos das produções estejam públicos. A organização do material aponta que, “Para auxiliar professores e avaliadores a esmiuçarem o que os alunos-autores têm a dizer nas múltiplas camadas de suas escritas, selecionamos um texto de cada um dos gêneros e o analisamos”. Desse modo, são utilizados os critérios de avaliação que constavam no Caderno *Pontos de Vista*, com perguntas para orientar o leitor a acompanhar a forma de análise proposta.

Para ilustrar-se o que a OLP espera de uma produção que atenda ao gênero artigo de opinião, apresenta-se, nas imagens abaixo, o trecho do artigo selecionado pelo

concurso, bem como o critério de avaliação com a explicação dos organizadores destacada abaixo:

**Figura 2** – Análise do fragmento 1 publicada no site da OLP.

escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-on-line/acesso-ao-curso-de-avaliadores/artigo/2253/analise-de-texto-artigo-de-opiniao

avaliação do Caderno **Pontos de Vista**. Para ler a análise do fragmento, clique na caixinha de cor lilás.

CLIQUE AQUI PARA LER O TEXTO ANALISADO COMPLETO

*O desvio será bom ou ruim?*

↓ Marcas de autoria – O título antecipa a polêmica e motiva a leitura do texto?

Ao lermos o título, podemos antecipar que a polêmica girará em torno de um desvio. Apesar disso, ela aparece de forma simples e direta, sem motivar muito o leitor. A pergunta é uma boa opção para o título de textos do gênero, mas deve mobilizar e convocar o leitor a descobrir o que ela apenas insinua e sugere, abrindo caminho para a reflexão, provocando a vontade de querer conhecer a polêmica e o ponto de vista do aluno-autor sobre a questão tratada. São exemplos de títulos, pensados como pergunta: "Desviar faz crescer ou morrer?" e "O desvio da estrada: será uma pedra no caminho?".

X FECHAR

Fonte: Site escrevendoofuturo.org.br.

**Figura 3** – Análise do fragmento 2 publicada no site da OLP.

escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-on-line/acesso-ao-curso-de-avaliadores/artigo/2253/analise-de-texto-artigo-de-opiniao

*O lugar onde eu vivo é uma cidade do extremo Sul do Estado do Espírito Santo, com uma população de sete mil quinhentos e treze habitantes, de acordo com o Censo do IBGE de 2010. O município tem o nome de Apiacá, não é tão grande e, na maioria das vezes, tudo o que acontece todos os moradores logo ficam sabendo, seja uma novidade ou problemas característicos de uma cidade pequena. Isso facilita a discussão constante de assuntos polêmicos.*

↓ Tema – O texto se reporta de maneira pertinente a alguma questão polêmica da realidade local?

Com o primeiro parágrafo, o aluno-autor procurou contextualizar informações sobre "o lugar onde vive", movido, possivelmente, pela necessidade de atender ao tema, vinculado à realidade local. É interessante observar a ideia de que a polêmica, em uma cidade pequena como a apresentada, parece "correr de boca em boca", o que talvez contribua para justificar o trabalho com os argumentos, como será demonstrado, ao longo da análise. Ainda, é fundamental frisar que a apresentação/descrição da cidade apenas faz sentido, em artigos de opinião, se nela houver alguma informação que possa gerar um "efeito argumentativo". Vamos continuar a leitura para checar se esse efeito se concretiza?

X FECHAR

Fonte: Site escrevendoofuturo.org.br.

**Figura 4** – Análise do fragmento 3 publicada no site da OLP.

*Em nosso município, o governo propôs e quer fazer um desvio de estrada, porque nossa cidade está localizada justamente onde muitos caminhões passam, com bastante frequência, vindos de Minas Gerais, com sentido à BR 101. Isso acontece diariamente e nossa pequena Apiacá, todos os dias, é invadida por enormes carretas que, muitas vezes, competem por espaço com os carros dos moradores e com as bicicletas das crianças.*

}

⬇ Adequação linguística – O texto deixa transparecer claramente o ponto de partida (dados)?

Adequação discursiva – A questão polêmica tratada é relevante para o autor, para a comunidade? E para outros leitores?

Convenções da escrita – O texto atende às convenções?

Eis o ponto de partida: a proposta de construção de um desvio de estrada. Observe que há uma escolha acertada na oposição entre pequena cidade e enormes carretas; enormes carretas e carros/bicicletas, gerando um “efeito argumentativo”, que poderia levar o leitor à apreciação da questão polêmica - vale a pena construir um desvio para evitar a invasão das carretas? – embora ausente, de forma explícita, no texto. Vale ressaltar que a questão tratada é de relevância social e vincula-se a aspectos que afetam a realidade local. Nota-se que há, ainda, a necessidade de revisão do parágrafo, pois apresenta repetições, tais como, “propôs e quer fazer” e “diariamente e todos os dias”.

X FECHAR

**Fonte:** Site escrevendoofuturo.org.br.

**Figura 5** – Análise do fragmento 4 publicada no site da OLP.

*O problema é que, por ser muito frequente a passagem dos caminhões, muitas das vezes acontecem engarrafamentos dentro da cidade, o que acaba atrasando as viagens dos caminhoneiros. Além disso, o tráfego diário até mesmo estraga o asfalto da cidade, por causa do peso dos caminhões. O desvio que o governo pretende fazer facilitará a passagem dos caminhões, acabará com os engarrafamentos e os caminhoneiros não perderão mais tempo nas viagens, por causa desses problemas.*

}

⬇ Adequação discursiva – O autor se posiciona claramente em relação à questão apresentada?

Aqui, o engarrafamento (que atrasa as viagens dos caminhoneiros) e o tráfego (que estraga o asfalto da cidade) anunciam um dizer a favor do desvio. Parece que o aluno-autor procurou apresentar sua tese, que deve ser sustentada pelo trabalho com diferentes tipos de argumentos.

X FECHAR

**Fonte:** Site escrevendoofuturo.org.br.

**Figura 6** – Análise do fragmento 5 publicada no site da OLP.

escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-on-line/acesso-ao-curso-de-avaliadores/artigo/2253/analise-de-texto-artigo-de-opinioao

*Como falamos, nossa cidade é pequena e, por isso, a possível ação está dando o que falar no município, dividindo opiniões: uns acham que seria muito bom, que ajudaria bastante o município, deixaria a cidade com o trânsito muito mais livre, diminuiria riscos de acidentes de bicicleta com as crianças e não atrapalharia o sono dos que moram próximo ao asfalto, já que os caminhões circulam por toda a noite; outro acham que seria muito ruim, pois deixaria a cidade "morta", ou seja, sem movimento nenhum, pois o comércio da cidade depende muito desses caminhoneiros que por aqui passam, devido ao tamanho da cidade e ao seu pouco desenvolvimento econômico.*

**Adequação linguística** – Os argumentos apresentados sustentam a opinião do autor perante o leitor a que se destina o texto?

**Adequação linguística** – Estratégias argumentativas como a refutação e posições de diferentes protagonistas do debate estão articuladas entre si e integradas ao propósito do texto?

Na sequência, uma tentativa de evidenciar os "dois lados da moeda", com a apresentação de opiniões favoráveis e contrárias ao desvio. O movimento de dar lugar a vozes de opositores, favorecendo o diálogo, a fim de retomar/sustentar a posição defendida é bastante esperado em textos do gênero. Porém, a mera apresentação de opiniões dos que "acham que seria muito bom" e de "outros acham que seria muito ruim" corrobora a hipótese de que o texto foi produzido basicamente em função das conversas informais com moradores. O que chama a atenção é a ausência do trabalho com os diferentes tipos de argumento, pois o texto parece organizado sem a preocupação com a pesquisa e a investigação, que poderiam gerar argumentos importantes para a sustentação da tese. Nesse sentido, valeria a pena investir: no levantamento de dados sobre outros pequenos municípios que já passaram pelo problema, a fim de conhecer quais decisões foram tomadas (argumentos por exemplificação e comparação); na leitura e seleção de estudos de especialistas sobre os possíveis efeitos/impactos da passagem recorrente de caminhões, por exemplo, na estrutura das casas (argumentos de autoridade) ou mesmo na análise de leis municipais (argumentos por princípio).

X FECHAR

**Fonte:** Site [escrevendoofuturo.org.br](http://escrevendoofuturo.org.br).

**Figura 7** – Análise do fragmento 6 publicada no site da OLP.

*Na minha opinião, o governo deveria investir no município, em casas populares, construir hospitais bem qualificados e deveria valorizar a área turística. Tudo isso, além de gerar muitos empregos e melhorar a qualidade de vida da população, iria ajudar muito a cidade a crescer, tanto economicamente quanto fisicamente. Assim, a estrada do desvio, hoje distante do município, seria uma rodovia de trânsito rápido próximo da cidade, e o comércio não dependeria apenas dos caminhoneiros, pois teria outras formas de se desenvolver, aproveitando crescimento de nosso município.*

**Marcas de autoria** – Levando em conta o leitor e o propósito do texto, a tese construída é defendida por argumentos convincentes? Ao tentar convencer seus leitores, o autor utiliza diversidade de tipos de argumentos?

No último parágrafo do texto, o aluno-autor investiu na apresentação da "sua opinião", parecendo recorrer a uma possível proposta de intervenção, na tentativa de apresentar uma solução para o problema. Tal escolha acabou por determinar a conclusão prematura do texto, sem o "movimento reflexivo" esperado: a apresentação variada de argumentos consistentes, capazes de convencer o leitor.

X FECHAR

**Fonte:** Site [escrevendoofuturo.org.br](http://escrevendoofuturo.org.br).

A partir das ilustrações anteriores, retiradas do site do concurso, identificam-se os critérios que norteiam a avaliação, bem como encaminham a discussão sobre como ajudar o estudante a organizar sua produção de acordo com o solicitado. Ao final da seção, a OLP destaca que, "Para tornar o texto analisado um 'fiel exemplar olímpico' do gênero", a avaliação precisa indicar alguns tópicos indispensáveis:

- explicitar a questão polêmica;
- enfatizar a tese defendida pelo aluno-autor;
- inserir argumentos, de diferentes tipos, para sustentar a tese;
- utilizar conectivos e expressões que introduzem argumentos (coesão);
- investir nas marcas de autoria.

Ademais, o encaminhamento do estudo do gênero proposto pelo Caderno se aproxima da teoria benvenistiana abordada nesta dissertação, visto que a escolha do conteúdo temático por parte dos discentes que são estimulados a pensar em relação ao tema da OLP “O lugar onde vivo” relaciona-se à atitude do locutor sobre o tema, isto é, sobre a referência do discurso. Além disso, os mecanismos argumentativos propostos pelo Caderno evidenciam a busca de adesão, numa acentuada relação discursiva, ou seja, de intersubjetividade. Tudo isso, em constante vínculo com o outro e com a sociedade, possibilita-nos fazer aproximações com os pressupostos benvenistianos, mobilizados neste trabalho em complementaridade com os estudos de Bakhtin. Isso nos parece possível por meio da jornada aqui empreendida, a qual pretende uma relação entre os elementos do gênero de Bakhtin com o modo como a enunciação encontra-se materializada no discurso (identificada a intersubjetividade e a referência, assim como a organização das formas para a realização de sentidos).

Dessa maneira, seguimos o percurso para a próxima seção deste capítulo, a qual se dedica a construir os princípios metodológicos em consonância com os capítulos anteriores.

### **3.2 Princípios metodológicos: operadores de análise do artigo de opinião**

Nesta seção, procuraremos amarrar os capítulos 1 e 2 desta dissertação em uma construção metodológica, a qual considera os princípios teóricos formulados no final do segundo capítulo com a especificação dos operadores de análise. Para fins ilustrativos, foi feito um quadro-síntese, no qual, à esquerda, encontram-se os princípios metodológicos e, à direita, os operadores que nortearão a análise a partir dos princípios. É claro que outras possibilidades poderiam compor este momento de organização dos operadores de análise; no entanto, a fim de manter-se o foco e a organização desta

dissertação, foram pensados três operadores, com os quais se pretende materializar o percurso estabelecido.

**Quadro 9** – Princípios metodológicos e operadores de análise.

<b>Princípios metodológicos</b>	<b>Operadores de análise</b>
O conteúdo temático do artigo de opinião aponta a referência do discurso e a atitude do locutor sobre um fato social atual.	Análise da <b>referência</b> do discurso e das <b>marcas</b> que explicitam a posição do locutor.
A construção composicional está vinculada ao modo como o locutor engendra as formas no discurso para referir e produzir sentidos em um debate de posições, que atualiza a argumentação.	Análise dos <b>procedimentos acessórios</b> e do <b>aparelho de funções</b> atualizados no discurso que buscam situar a referência e impor a adesão do outro.
O estilo evidencia formas aparentes que colocam o locutor em uma relação necessária com a sua enunciação, com o outro e com a sociedade em uma acentuação da relação discursiva entre parceiros, suscitando destes uma resposta no ato enunciativo de leitura.	Análise dos índices específicos de pessoa, tempo e espaço em relação com formas nominais, procedimentos acessórios e aparelho de funções com vistas à exploração do modo como suscitam a resposta do outro na instância da <b>comunicação intersubjetiva</b> .

**Fonte:** Elaborado pela autora.

A partir disso, exploraremos, no gênero artigo de opinião, o que devemos considerar na enunciação, a saber, “o próprio ato, as situações em que se realiza e os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 1989, p. 83), sem desconsiderar os elementos desse gênero como entendidos a partir de Bakhtin. Com essa exploração, colocamos em relevo o funcionamento (inter)subjetivo e referencial desse gênero de discurso.

Passemos, pois, ao capítulo de análise.

## **CAPÍTULO IV**

### **NÃO HÁ LINHA DE CHEGADA, POIS A PESQUISA É, CONSTANTEMENTE, O MEIO DO CAMINHO**

A pesquisa no Brasil é indispensável a todas as áreas da vida; na educacional, não seria diferente. Esta dissertação é (no tempo presente, porque não se finda) operada, em primeira instância, a partir de um ponto de vista: o da importância de um ensino pautado na relação do humano com a linguagem. Por isso, foi feito um recorte teórico a partir dessa interdependência homem-linguagem. Esse interesse acadêmico vincula-se ao meu caminho na Escola Básica, porque, conforme o exposto, encontro-me professora e pesquisadora ao longo destas páginas.

Com efeito, a pesquisa, no Brasil, busca esforços para manter-se ativa e presente na sociedade. As dúvidas dos mais variados campos, as quais surgem ao longo dos percursos traçados, são naturais e saudáveis. A busca por respondê-las é uma necessidade que desenvolvemos ao longo do caminho acadêmico. Dessa forma, este capítulo IV, fruto do estudo para responder a dúvidas que iniciaram esta dissertação, procura analisar dois textos vencedores na categoria do gênero artigo de opinião, um da OLP de 2016 e outro da OLP de 2019, a partir dos princípios metodológicos e dos operadores de análise construídos no capítulo III.

Para fins de organização, retomemos o percurso até aqui.

No capítulo I, centramos nossa pesquisa na exposição dos estudos benvenistianos, enfatizando o quanto a contribuição do linguista é essencial às pesquisas na área dos estudos da linguagem. Além disso, foi proposto um recorte para o presente estudo, visto que não seria possível analisar os textos à luz de todos os critérios que podem ser sugeridos a partir da teoria de Benveniste.

No capítulo II, organizamos os elementos do gênero do discurso conforme propostos por Mikhail Bakhtin em relação de complementaridade com os elementos do processo enunciativo conforme concebidos por Émile Benveniste, com foco no gênero artigo de opinião.

No capítulo III, buscamos delimitar o objeto de estudo. Para isso, percorremos a criação da Olimpíada de Língua Portuguesa, os objetivos dos organizadores com o projeto, a forma como eles definem e avaliam o gênero artigo de opinião. Ademais, apoiamos nosso trabalho, de um lado, nos postulados Bakhtin, em seu texto “Os gêneros

do discurso” (1992), e, de outro lado, nos postulados de Benveniste acerca dos elementos do processo enunciativo, deslocando tais elementos para pensarmos o gênero artigo de opinião, a fim de definirmos princípios metodológicos que pudessem subsidiar a análise proposta no presente capítulo.

#### 4.1 Análise dos artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa

Para facilitar-se a análise, retomam-se, aqui, os princípios e os operadores fundamentados no capítulo III, os quais procuram analisar:

**Quadro 9** – Retomada dos princípios metodológicos e dos operadores de análise.

<b>Princípios metodológicos</b>	<b>Operadores de análise</b>
O <b>conteúdo temático</b> do artigo de opinião aponta a referência do discurso e a atitude do locutor sobre um fato social atual.	Análise da <b>referência</b> do discurso e das <b>marcas</b> que explicitam a posição do locutor.
A <b>construção composicional</b> está vinculada ao modo como o locutor engendra as formas no discurso para referir e produzir sentidos em debate de posições, que atualiza a argumentação.	Análise dos <b>procedimentos acessórios</b> e do <b>aparelho de funções</b> atualizados no discurso que buscam situar a referência e impor a adesão do outro.
O <b>estilo</b> evidencia formas aparentes que colocam o locutor em uma relação necessária com a sua enunciação, com o outro e com a sociedade em uma acentuação da relação discursiva entre parceiros, suscitando destes uma resposta no ato enunciativo de leitura.	Análise dos índices específicos de pessoa, tempo e espaço em relação com formas nominais, procedimentos acessórios e aparelho de funções com vistas à exploração do modo como suscitam a resposta do outro na instância da <b>comunicação intersubjetiva</b> .

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Na análise dos artigos, procuraremos seguir essa ordem relacionando princípios e operadores de análise, ilustrando-os com expressões e passagens dos artigos analisados.

Faz-se importante também retomar os estudos de Ohuschi e Barbosa (2011), as quais, por meio de uma exposição geral do artigo de opinião, caracterizaram os elementos

desse gênero. Acerca do conteúdo temático, as autoras destacam o posicionamento do autor a respeito de um assunto que seja de relevância social. Em relação à construção composicional, as pesquisadoras apontam para o modo como o texto é organizado, quais procedimentos são empregados na estrutura e no acabamento textual – neste gênero, em especial, por meio de sequências argumentativas. Quanto ao estilo, as estudiosas afirmam que este é ligado aos recursos linguísticos selecionados pelo autor, os quais produzem efeitos de sentido com vistas ao reforço do posicionamento defendido no texto.

Passa-se, desse modo, à análise dos artigos de opinião. Cada um faz parte da seleção de textos vencedores na categoria artigo de opinião dos anos de 2016 e 2019, respectivamente. Observaremos as características do gênero artigo de opinião, segundo Cunha (2002), Ohuschi e Barbosa (2011) e Boff et al. (2009), em consonância com a obra de Bakhtin. Focaremos nos três princípios metodológicos destacados no quadro 9, organizados a partir de Bakhtin (conteúdo temático, construção composicional e estilo), bem como nos operadores de análise derivados de Benveniste, também destacados no quadro 9.

#### 4.1.1 Artigo de opinião vencedor no ano de 2016

O primeiro texto escolhido para análise é vencedor da categoria artigo de opinião no ano de 2016 da OLP. Tal texto foi escrito pelo aluno José Augusto Somavilla, sob a orientação da professora Gisele da Rocha, da E. E. E. M. Menino Jesus, em Jacuizinho, no Estado do Rio Grande do Sul<sup>14</sup>. O texto transcrito a seguir respeita o original:

1	<b>A semente do ouro<sup>15</sup></b>
2	“Nas encostas do rio, esperança, um novo lugar para se viver”. Assim diz o hino
3	de Jacuizinho, município localizado a Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e
4	banhado pelo rio que o nomeia, cujas águas além da fertilidade, trazem inúmeras histórias.
5	Uma dessas histórias é de luta e foi protagonizada pelos Monges Barbudos, messiânicos
6	que enunciavam a igualdade e a preservação ambiental, alertavam que a vida vale mais

<sup>14</sup> Essas informações encontram-se em domínio público e foram divulgadas pela organização do concurso no site [escrevendoofuturo.org.br](https://www.escrevendoofuturo.org.br).

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/concurso/edicoes-antiores/2019>, p. 272-273. Acesso em: 19 mar. 2023.

7 que o dinheiro e eram contrários à cultura da soja, chamada por eles de “semente do ouro”,  
8 por trazer degradação ambiental e prejuízos à saúde.

9 Em 1930, os Monges foram exterminados em um triste episódio que ficou  
10 conhecido como “Massacre do Fundão”. Seus ensinamentos e alertas foram  
11 completamente soterrados e a soja foi tornando-se gradativamente a maior cultura do  
12 município, sobretudo, a partir de 1960. Contudo, hoje, transcorrido mais de meio século  
13 desde a primeira safra, são visíveis os benefícios trazidos pela semente. Grande percentual  
14 do PIB municipal é proveniente dos impostos relativos ao produto, possibilitando a oferta  
15 de serviços básicos de qualidade aos munícipes, como saúde, educação, habitação,  
16 assistência social e outros.

17 Isso faz que os prefeitos, até o momento, também produtores de soja, e a  
18 população acreditem piamente que o grão é sinônimo de avanços. Porém, a meu ver,  
19 certos estavam os Monges: a soja traz rentabilidade, mas os prejuízos são superiores aos  
20 lucros obtidos.

21 Por exigir altos investimentos em infraestrutura, essa cultura tornou-se privilégio  
22 dos grandes agricultores, os quais, para aumentar a produtividade, foram expandindo seus  
23 domínios. Dessa forma, hoje o maior percentual das terras jacuizinhenses está  
24 concentrado nas mãos de um seletivo grupo de latifundiários.

25 Com pouco incentivo à agricultura familiar e à policultura, os pequenos  
26 agricultores, “esmagados” pela monocultura, arrendam ou vendem suas terras, resultando  
27 num grave problema que afeta o município: a falta de emprego. Muitas famílias e grande  
28 parte dos jovens veem como única alternativa abandonar o interior e migrar para centros  
29 urbanos em busca de melhores condições de vida, caracterizando assim um alarmante  
30 quadro de êxodo rural.

31 Aos que decidem continuar no município, restam poucas opções empregatícias.  
32 Uma das mais acessíveis é o trabalho para os granjeiros, como são chamados os  
33 latifundiários da soja. No entanto, apenas uma minoria desses trabalhadores possui  
34 carteira de trabalho assinada, os demais trabalham sem nenhum registro, apenas com  
35 contratos “de boca”, tornando-se reféns dos abusos cometidos por seus empregadores, já  
36 que desconhecem seus direitos.

37 Contudo, as questões socioeconômicas estão longe de serem os únicos problemas  
38 potencializados pelo advento da soja. Com o crescimento das áreas de plantio da  
39 leguminosa, desequilíbrios ambientais como o desmatamento, até de matas ciliares, vêm  
40 se agravando a cada dia. Milhares de árvores são derrubadas sem licenciamento e a

41 poluição das águas por meio do uso exacerbado de agrotóxicos também tem se tornado  
42 um fator preocupante, prejudicando a vida humana e animal.

43 Outro fator que impacta negativamente no que tange aos mananciais é a drenagem  
44 dos banhados, uma das alternativas encontradas para ampliar as terras cultiváveis.  
45 Somam-se a isso os pivôs de irrigação, que, sobretudo, nos períodos de estiagem, retiram  
46 água do rio para irrigar as lavouras e garantir a produtividade.

47 O rentável grão, portanto, desenha em Jacuizinho um quadro semelhante ao que a  
48 mineração desenhou em Minas Gerais: o enriquecimento de um seletivo grupo, o  
49 empobrecimento da maior parte da população e a degradação ambiental. Tal cenário  
50 precisa ser revertido urgentemente através de políticas públicas que primem pelo  
51 desenvolvimento socioeconômico, incentivem o pequeno produtor a permanecer no  
52 campo e a diversificar sua produção e respeitem o meio ambiente.

53 Os Monges pagaram com suas próprias vidas o alto preço por lutarem por tais  
54 ideais. Enquanto isso, a semente do ouro reina cada vez mais absoluta, na ilusão de que é  
55 possível cobrir com dinheiro seu rastro de destruição.

O **conteúdo temático** refere-se, no artigo 1, à agricultura, em particular ao plantio da soja no município de Jacuizinho.

Com base nesse princípio, é possível identificar a referência do discurso e a atitude do locutor sobre um fato social atual. No texto em destaque, observa-se que esse princípio ganha vida por meio do assunto agrícola, tema que parece ser antigo na vida do município, mas que segue um problema permanente na realidade exposta.

Vale destacar que tal tópico é relacionado ao operador de análise da referência do discurso e das marcas que explicitam a posição do locutor, segundo os postulados benvenistianos, os quais são identificados ao longo de todo o texto: o título já menciona a agricultura, uma vez que cita a semente, isto é, já situa o assunto social que será debatido.

Há elementos ao longo de todo o texto que podem ser relacionados ao operador de referência, são os momentos em que o autor descreve a trajetória dos pequenos agricultores e suas famílias em comparação aos grandes agricultores, daí a necessidade de sustentar a tomada de posição.

Há marcas (ao longo do terceiro, do quarto e do quinto parágrafos, l. 17-30, por exemplo) que demonstram que, para o autor, existem dois lados da agricultura: o que é prejudicado, o lado do pequeno agricultor, e o que é beneficiado, o lado dos latifundiários.

Há, ainda, a menção a um trecho do hino da cidade na linha 2 (“Nas encostas do rio, esperança, um novo lugar para se viver”), menção que revela uma ideia de pertencimento ao local e, conseqüentemente, que o assunto se encontra na temática proposta pela OLP, “O lugar em que vivo”. Isso porque, além dos elementos anteriores, com trechos da história do “cidadão comum” que busca sobreviver em meio ao desamparo e dos Monges que lutaram no local, há uma referência a uma característica específica de uma localidade, que geralmente é conhecida por quem a habita, o hino.

Já a **construção composicional** – elemento bakhtiniano –, foi organizada pelo autor a partir de argumentos que buscam convencer o leitor: além de dados sobre o PIB, a retomada de histórias de cidadãos comuns e dos Monges demonstra a acentuação discursiva de uma relação, nesse caso com o leitor (locutor-leitor, para nos referirmos aos postulados de NAUJORKS, 2011), visto que este é incitado a atualizar o discurso num novo discurso a partir do seu “colocar em funcionamento a língua”.

A partir dos operadores de análise propostos nesta dissertação, observamos os procedimentos acessórios mobilizados e o aparelho de funções atualizado para situar a referência e impor a adesão do outro, conforme os postulados de Émile Benveniste. A

oposição entre “pequenos agricultores” (l. 25-26) e “grandes agricultores” (l. 22) é uma forma, proposta pelo aluno-autor, de reproduzir a dicotomia que se estabelece na cidade, uma vez que a prevalência dos “latifundiários da soja” (l. 32) em detrimento das pequenas fazendas produz o êxodo rural, visto que a população ou se submete a um trabalho mal remunerado, ou abandona a cidade.

Os exemplos acima situam referência e impõem uma resposta do outro (o leitor), **aspecto de intersubjetividade**. Além disso, a questão ambiental é amplamente citada como reforço ao argumento de que a “semente do ouro” prejudica a vida dos jacuizinhenses, seja relacionada ao desmatamento (l. 39), seja relacionada à questão hídrica (l. 43).

Ao final do artigo, na menção a políticas públicas, encontra-se o que Boff et al. (2009) apontam como situação-avaliação do artigo de opinião, parte também ligada à **construção composicional**.

O **estilo**, terceiro princípio metodológico, ancorado em Bakhtin, evidencia os índices específicos que colocam o locutor em relação com a sua enunciação, com o outro e com a sociedade. Em relação a esses operadores de análise, há o foco nos índices específicos de pessoa, tempo e espaço, além do uso do aparelho de funções para explorar o modo como é suscitada a resposta do outro, o que reforça o caráter intersubjetivo, conforme Benveniste, que observamos ser atualizado no artigo de opinião.

As formas a seguir auxiliam nossa análise. Em “Porém, **a meu ver**, certos estavam os Monges: a soja traz rentabilidade, mas **os prejuízos são superiores** aos lucros obtidos” (l. 18-20, grifo nosso), “os pequenos agricultores, ‘**esmagados**’ pela monocultura” (l. 25-26, grifo nosso), “**grave problema** que **afeta** o município” (l. 27, grifo nosso), “caracterizando assim um **alarmante** quadro de êxodo rural” (l. 29-30, grifo nosso), “tornando-se **reféns** dos abusos cometidos por seus empregadores” (l. 35, grifo nosso), percebem-se os esforços do locutor ao utilizar o aparelho formal para expressar sua atitude valorativa em relação ao tema.

A língua, nos trechos anteriores, é colocada em funcionamento ao serem escolhidos tais meios linguísticos para produzir-se sentido, meios que revelam a sintagmatização das formas como produtora de semantização no discurso.

É perceptível como as formas nominais, o uso do tempo verbal no presente, os instrumentos acessórios utilizados são meios de expressão do gênero do discurso analisado e reforçam o seu caráter intersubjetivo, conforme o terceiro operador de análise proposto.

Ademais, o paralelo proposto no penúltimo parágrafo (l. 47-52) a respeito da mineração no Estado de Minas Gerais coloca o locutor em relação necessária com o outro e com a sociedade, visto que explora uma resposta a partir da comparação proposta: tanto Jacuizinho quanto as cidades de Minas viveram o enriquecimento de poucos em detrimento da pobreza da população e da preservação ambiental. As escolhas do autor situam o outro na comunicação intersubjetiva, além de reforçarem a referência no discurso.

#### 4.1.2 Artigo de opinião vencedor no ano de 2019

O segundo texto escolhido para análise é vencedor da categoria artigo de opinião no ano de 2019 da OLP. Tal texto foi escrito pela aluna Laura Helena Amorim Pinheiro, sob a orientação da professora Nilda Meireles da Silva, da E. E. Dr. Alfredo Cardoso, em Piracicaba, no Estado de São Paulo<sup>16</sup>. O texto transcrito a seguir respeita o original:

##### **Femicídio: quando a possessividade fala mais alto que o amor<sup>17</sup>**

Junho de 2019, e na tela de LED da sala uma notícia preocupante. Piracicaba, que há apenas uma semana era palco de mais um feminicídio, agora, estrelava a reportagem da noite carregada de dados que alarmam a população: em apenas cinco meses, a cidade registrou um aumento de 43% no número de mulheres vítimas de violência, buscando proteção, desprovidas de seus direitos fundamentais.

Anos antes de essa problemática vir à tona, o município, conhecido pelo extenso rio que o corta ao meio, já contava com histórias que retratavam essa realidade. Conta uma antiga lenda que o rio Piracicaba, com suas águas até então serenas, enfureceu-se ao notar que sua deusa havia se apaixonado pelo moço mais bonito da cidade. Possesso, o mesmo se armou de abundantes correntezas ao desafiar o jovem à luta, e impiedosamente encarcerou a mulher em águas profundas, matando ambos.

Embora seja uma mera lenda, popularizada com intuito de manter crianças longe das águas, a história se mostra um exemplo claro da romantização que circula esse tópico, fato que dificulta uma discussão assertiva sobre o problema em questão, bem como

<sup>16</sup> Essas informações encontram-se em domínio público e foram divulgadas pela organização do concurso no site [escrevendoofuturo.org.br](https://www.escrevendoofuturo.org.br).

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/concurso/edicoes-antiores/2019>, p. 206-207. Acesso em: 20 mar. 2023.

16 contribui para a permanência ou até mesmo o aumento da violação dos direitos das  
17 mulheres. É imprescindível tomar conhecimento de que o feminicídio já deixou vítimas  
18 o suficiente, e de que algo precisa ser feito com urgência.

19 A princípio, é de suma importância ressaltar que o feminicídio e a violência contra  
20 a mulher são questões de segurança pública, que dizem respeito à nossa sociedade como  
21 um todo, não somente ao agressor e à vítima em debate. Portanto, noções populares como  
22 a de que “em briga de marido e mulher não se mete a colher” devem ser combatidas, pois  
23 são elas que omitem a real gravidade desses casos e permitem que essa atrocidade ainda  
24 seja vista como um crime excepcional, em que a paixão do agressor passou dos limites –  
25 “matou porque amava demais”. A possessividade é que mata, não o amor, portanto, é  
26 crucial tratar esse fenômeno pelo o que ele realmente é: um crime de ódio.

27 Em uma sociedade com suas raízes enterradas sob concepções machistas e  
28 patriarcais, onde há algumas décadas a violência doméstica e o feminicídio eram tidos  
29 como atos disciplinares, esse comportamento fatal pode ser justificado como de natureza  
30 masculina, afinal, segundo tais concepções, um homem tem de defender sua honra, sua  
31 masculinidade. Contudo, é inconcebível que esse comportamento ainda se reproduza nos  
32 dias atuais.

33 Além de ser problema crescente na região, o feminicídio e a violência doméstica  
34 são fenômenos assustadoramente democráticos: não escolhem cor, classe social ou idade,  
35 não há mulher imune à violência. Existe, entretanto, um perfil mais vulnerável a esses  
36 abusos, que se manifesta em mulheres de classe baixa, jovens e negras. É nesse perfil que  
37 se encaixa a vítima do mais recente caso de feminicídio em Piracicaba: com apenas 16  
38 anos, a adolescente teve sua vida tirada pelo ex-namorado dentro da própria casa. O autor  
39 do crime, onze anos mais velho, tinha um filho de 2 anos com a vítima, e fugiu do local  
40 antes que as autoridades chegassem, em um ato de covardia.

41 Embora o aumento das medidas protetivas possa ser visto como uma notícia  
42 positiva, é essencial não se dar por satisfeito com apenas esse passo, mas cortar o mal  
43 pela raiz, reconhecendo o feminicídio não como um crime gravíssimo, mas como  
44 fenômeno sociocultural, proveniente de costumes machistas cultivados ao longo do  
45 tempo.

46 Para isso, é crucial que sejam tomadas medidas de curto e longo prazo. As  
47 primeiras, focadas em aprimorar os serviços já existentes de apoio à mulher, ou seja,  
48 investir principalmente na preparação destes serviços, para que quando em situação de  
49 perigo, as mesmas sejam devidamente acolhidas; outrossim, órgãos públicos, como o

50 Ministério Público, têm o papel de fiscalizar o efetivo cumprimento das leis que as  
51 protegem, para que não saiam impunes aqueles que ousem cercear seus direitos.

52       Para as metas de longo prazo, é importante que se estabeleçam medidas de  
53 prevenção, promovendo a conscientização em escolas e nas ruas, de forma que o papel  
54 da mulher como propriedade seja desconstruído, evitando assim que esses abusos  
55 continuem assombrando as mulheres da região.

O primeiro princípio metodológico, o **conteúdo temático**, é identificado no sentido global deste artigo 2, o feminicídio. Esse assunto é de relevância social para a autora, uma vez que, já no primeiro parágrafo (linhas 02-06), fica clara a ideia da aluna ao trazer dados que justificam a necessidade do tema escolhido: “em apenas cinco meses, a cidade registrou um aumento de 43% no número de mulheres vítimas de violência” (l. 04-05). Ou seja, além da adequação discursiva ser identificada pelo aumento no índice de violência “no lugar em que vive” a aluna, a estratégia linguística de já iniciar o texto com dados faz com que o tema não tenha sua relevância questionada: é, portanto, necessário falar sobre isso.

Propomos que esse primeiro princípio, o tema, está em relação de complementaridade com o nosso primeiro operador que segue os elementos benvenistianos, definido, aqui, pela análise da referência do discurso e das marcas de posição do locutor. Por exemplo, é possível associar tal princípio e tal operador à escolha do título da aluna: “Feminicídio: quando a possessividade fala mais alto que o amor” (l. 01), porque se identifica, já na primeira linha do texto, o conteúdo temático proposto pela aluna-autora. Também vale destacar que o tema proposto pela OLP era “O lugar em que vivo”, o que abre espaço para que o feminicídio seja um assunto necessário ao debate que mobiliza o locutor, daí ser mais uma marca, uma atitude frente a um fato social atual.

Além disso, ao longo do texto, identifica-se a referência do discurso e as marcas de posição do locutor, aqui nomeado de *aluna-autora*. Isso ocorre porque há o esforço do locutor de instigar a discussão a partir do conteúdo referido, ao escolher tratar de um tema polêmico – um crime tipificado apenas em 2015, mas que há muito, infelizmente, faz parte da realidade brasileira.

Já a **construção composicional** é identificada na articulação dos argumentos para convencer o leitor. Esse elemento também está presente no texto: além do uso de dados, há as citações de lendas (segundo e terceiro parágrafos) e noções populares (l. 22), as quais revelam uma acentuação da relação discursiva – aspecto da intersubjetividade, atualizado também na construção composicional.

Percebe-se, na análise do segundo princípio proposto nesta dissertação, como o locutor agencia as formas no discurso para referir e produzir sentido. Exemplo disso pode ser observado no título ao utilizar os dois-pontos, que marcam uma explicação da palavra anterior, isto é, marcam o início do posicionamento de quem escreve. Sendo assim, tanto “possessividade” quanto “amor” são situados em lados opostos na construção da argumentação em relação ao tema que foi proposta pela aluna-autora.

Outro exemplo remete à organização dos argumentos. A menção da lenda sobre o rio da cidade (no segundo parágrafo – l. 07-12), bem como a menção do ditado popular “em briga de marido e mulher não se mete a colher” (l. 22), reitera como os índices específicos e a atualização do aparelho de funções estão explorados nesse modo de enunciação, que busca a adesão do leitor ao ponto de vista defendido. Por trazer elementos do “cotidiano geral” (como o ditado popular amplamente conhecido) e do “cotidiano regional” (com a lenda sobre o rio da cidade), a autora suscita uma resposta/adesão do outro (comunicação intersubjetiva), o que ilustra a realização dos dois elementos-base deste trabalho, a referência e a intersubjetividade de Benveniste.

A situação-avaliação, elemento proposto por Boff et al. (2009), encontra-se ao final do artigo, evidenciando possibilidades de resolução a curto e longo prazo, além de medidas preventivas que são sugeridas pela aluna-autora. Essa situação-avaliação faz parte da **construção composicional**, conforme Bakhtin (1992), aproximação proposta nesta pesquisa.

O **estilo**, princípio bakhtiniano, que provoca uma relação discursiva com o outro, salientado por Ohuschi e Barbosa (2011), é observado na seleção e na combinação dos instrumentos linguísticos, como os advérbios utilizados, operada ao longo do artigo de opinião.

Esse terceiro princípio metodológico proposto na presente dissertação é evidenciado ao longo da construção dos argumentos, assim como da construção composicional e do agenciamento dos índices específicos, procedimentos acessórios e aparelho de funções. As formas a seguir auxiliam nossa análise. Em “**É imprescindível** tomar conhecimento de que o feminicídio já deixou vítimas o suficiente, e de que algo precisa ser feito com **urgência**” (l. 17-18, grifo nosso), “**é de suma importância** ressaltar que o feminicídio e a violência contra a mulher **são questões de segurança pública**” (l. 19-20, grifo nosso) e “**é crucial** tratar esse fenômeno pelo o que ele **realmente é: um crime de ódio**” (l. 25-26, grifo nosso), percebem-se os esforços do locutor em utilizar o aparelho formal para expressar sua atitude valorativa em relação ao tema.

Além disso, observamos o predomínio do presente em enunciados assertivos. Tal **estilo** do artigo de opinião mostra que, nesse gênero, o predomínio da função sintática de asserção aponta que o locutor comunica certezas ao outro como modo de se situar no discurso e se incluir na sociedade enunciando sobre determinado fato social.

Logo, observa-se como a língua é colocada em funcionamento, por meio do tempo verbal no presente (l. 25-26) grifado anteriormente, além das marcas de intersubjetividade (l. 19), analisadas no terceiro operador de análise desta dissertação.

Outros trechos que merecem ser analisados à luz desse terceiro operador são os seguintes: “Em uma **sociedade com suas raízes** enterradas sob concepções machistas e patriarcais” (l. 27-28), “Além de ser problema crescente na região, o feminicídio e a violência doméstica são fenômenos **assustadoramente democráticos**” (l. 33-34) e os dois últimos parágrafos (l. 46-55), que se referem a possíveis medidas para minimizar o problema apontado no texto.

Em todos esses exemplos, identifica-se o modo explorado pelo locutor ao mobilizar a língua para influenciar, seja identificando, no texto em questão, as raízes do crime, seja atualizando o aparelho de funções para manifestar as sugestões de medidas a curto e a longo prazo para evitar novos casos de feminicídio.

Após as análises, passamos, na seção seguinte, à discussão dos seus principais resultados.

#### **4.2 Efeitos das análises: reflexões acerca dos principais resultados**

A relação de complementaridade entre Bakhtin e Benveniste nos sugere que filósofos e linguistas podem ser colocados em diálogo para a produção de novos saberes. A construção dos princípios metodológicos, segundo Bakhtin e a sua concepção de gêneros do discurso, assim como a operacionalização dos elementos benvenistianos para construir a análise proposta nesta dissertação, foi uma tarefa que, por vezes, pareceu-nos arriscada, mas que consideramos, neste final, produtiva, porque foi possível associar elementos gerais do gênero artigo de opinião ao funcionamento linguístico-enunciativo presente em cada um desses elementos.

Ao avaliar o objetivo geral deste trabalho (verificar como os artigos de opinião vencedores da OLP realizam as operações de intersubjetividade e de referência, isto é, verificar como o modo de enunciação atualizado em artigo de opinião fornece subsídios para ser empreendida uma análise benvenistiana), bem como os objetivos específicos (construir um aparato teórico, formular princípios metodológicos para a análise e, conseqüentemente, refletir acerca dos resultados obtidos), encontramos algumas respostas que nos parecem pertinentes ao compartilhamento com o leitor.

Tanto o primeiro artigo quanto o segundo foram analisados a partir do Quadro 9 construído nesta dissertação (p. 87), o qual serviu de base para a organização da análise. Os princípios bakhtinianos referentes aos gêneros do discurso, utilizados neste percurso para a análise do gênero artigo de opinião (conteúdo temático, construção composicional e estilo), ficaram evidentes ao longo do estudo e, além deles, também foi evidenciada a possível associação aos operadores benvenistianos.

O primeiro princípio, ligado ao conteúdo temático, foi relacionado à ideia de referência de Benveniste, bem como ao modo como a atitude do locutor se vincula ao tema e, por consequência, que tipo de relação valorativa o locutor estabelece com tal conteúdo.

O segundo princípio, ligado à construção composicional – organização, disposição e acabamento do enunciado –, foi associado aos procedimentos acessórios da enunciação como concebidos por Benveniste e ao modo como a relação de sintagmatização acontece para que a semantização ocorra no discurso, ou seja, como as formas se engendram no discurso para produzirem sentidos.

O terceiro princípio – o estilo – foi colocado em relação com os operadores benvenistianos, principalmente com o aparelho de funções. Isso foi possível, porque o predomínio de asserções marca a atitude do locutor de comunicar certeza sobre o tema (referência do discurso) ao outro. Com isso, vemos que o locutor se serve da língua para influenciar o leitor e para suscitar deste uma resposta, atualizando, desse modo, a comunicação intersubjetiva.

Dessa forma, observamos que tanto a referência quanto a intersubjetividade fazem parte do artigo de opinião, ou seja, essas operações enunciativas encontram-se atualizadas nos textos dos alunos. Com isso, pôde-se notar o quão indispensáveis essas operações são na construção da argumentação, característica importante do gênero artigo de opinião, além de serem indispensáveis para o locutor marcar sua atitude em relação ao que enuncia ao outro. Além disso, essas reflexões relacionam-se ao fato social e à posição do locutor no contexto analisado do artigo de opinião.

Vimos, assim, com as análises, que os elementos do gênero como teorizados por Bakhtin (conteúdo temático, construção composicional e estilo) podem ser interligados a operadores de análise benvenistianos, pois referência e intersubjetividade se atualizam em cada um dos elementos do gênero. Um tema de discurso torna-se referência de um artigo de opinião por estar ligado à atitude do locutor sobre um fato social. Eis a relação entre conteúdo temático (Bakhtin) e referência (Benveniste). Já a construção

composicional (Bakhtin) está vinculada ao engendramento de formas (sintagmatização) para produção de sentidos (semantização) entrelaçada ao estilo, o qual envolve as escolhas lexicais e gramaticais (principalmente asserções) para comunicar certezas ao outro e influenciar seu posicionamento, fato ligado à operação de intersubjetividade, conforme Benveniste. Assim, referência e intersubjetividade estão transversalmente presentes no modo de enunciação do gênero artigo de opinião.

Logo, esta pesquisa encontra abrigo nos recortes temático e teórico circunscritos a partir do ponto de vista aqui defendido: a interdependência humana em relação à linguagem.

De fato, a educação no Brasil necessita de amparo de diversas formas, uma das quais é a transposição do conhecimento acadêmico para a sala de aula, numa busca de transpassar caminhos que já deveriam estar unidos.

A análise desenvolvida neste trabalho reforça o que Silva (2007) postula acerca das relações de complementaridade entre campos diferentes poderem gerar efeitos produtivos no diálogo entre campos e perspectivas para a produção de novos saberes. Ainda que a autora disserte sobre o “vai e vem” entre os campos da Linguística da Enunciação e da Aquisição da Linguagem, deslocamos suas ideias para o contexto deste estudo e reiteramos a pertinência de se relacionar a filosofia da linguagem bakhtiniana com o pensamento linguístico benvenistiano. Para Bakhtin, a língua integra a vida e a vida entra na língua; para Benveniste, a enunciação é o que traz a língua à vida; daí considerarmos viável o ponto de vista metodológico (relação complementar entre os teóricos) proposto no presente estudo e ilustrado neste capítulo final.

Também é importante destacar, de uma parte, por que a Olimpíada de Língua Portuguesa foi utilizada como fonte dos textos selecionados, isto é, como subsídio do *corpus* analítico desta dissertação e, de outra parte, por que o gênero artigo de opinião foi aqui escolhido como objeto de estudo.

Em primeiro lugar, a OLP é um concurso que busca analisar a capacidade escrita dos estudantes brasileiros de escola pública por meio de um material disponibilizado na íntegra e muito bem pensado. Por isso, analisar os textos considerados vencedores é uma forma de entender as práticas de ensino propostas pelo concurso e os descritores pensados como meios de avaliação, além de ser uma forma de visualizar o modo como diversos estudantes brasileiros, independentemente da localidade em que vivem, expressam-se por meio de sua enunciação escrita.

Em segundo lugar, a escolha do gênero artigo de opinião deve-se a dois principais motivos. O primeiro motivo envolve o fato de tal gênero ser uma forma de expressar-se posicionamento na escrita, agenciando-se os assuntos do mundo que “tocam” o estudante e que, com por meio desse “tocar”, abrem espaço para debates sobre a realidade que o cerca. O segundo motivo envolve a curiosidade de verificar como esse gênero, que requer posicionamento no discurso sobre um dado fato social para influenciar o outro, atualiza a referência e constitui a comunicação intersubjetiva.

Esta dissertação buscou propor elementos que pudessem auxiliar na avaliação do gênero artigo de opinião, podendo compor os descritores propostos pela banca. Acreditamos que a avaliação por meio dos descritores relacionados tanto à adequação discursiva (p. 77) quanto às marcas de autoria (p. 78) pode ser reforçada pelos elementos aqui analisados nos textos selecionados. A referência pode ser vinculada ao primeiro descritor, enquanto a intersubjetividade pode ser atrelada ao segundo.

Por fim, mas não como o final desta pesquisa, e sim como o meio do caminho que nos incita a continuar os estudos, acreditamos que as práticas de sala de aula precisam estar alinhadas com as pesquisas que surgem no ambiente acadêmico. Ademais, entender que o estudo acadêmico tem como foco, também, a educação básica é primordial para auxiliar no processo de evolução do ensino brasileiro, por meio de práticas educacionais que levem em consideração a vida do aluno, seus desejos e suas escolhas, a fim de que o “conteúdo” de sala de aula produza sentidos para os sujeitos que participam desse processo e, assim, sirva para viver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação reúne interesses de pesquisa com os de ensino, pois os caminhos da docência, com as problemáticas do texto, levaram-me a este estudo.

Pensar o texto como o lugar de encontro do humano com o outro, via língua atualizada em discurso, conduziu-me ao tema deste estudo: intersubjetividade e a referência nos artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa 2016 e 2019.

Esse tema foi tratado por meio do seguinte *objetivo geral*: verificação de como os artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa (OLP) 2016 e 2019 realizam, nas enunciações escritas, as operações de intersubjetividade e de referência. A esse objetivo geral, vinculamos os seguintes *objetivos específicos*: 1) Constituir um aparato teórico para a análise das produções escritas vencedoras das OLP 2016 e 2019; 2) Formular princípios metodológicos para a análise das produções escritas vencedoras das OLP 2016 e 2019, modo de enunciação atualizado em artigo de opinião e 3) Analisar os artigos de opinião selecionados, discutir e refletir sobre os principais resultados. O cumprimento dos objetivos geral e específicos foi realizado por meio do desenvolvimento de questões teóricas, metodológicas e analíticas.

Para cumprirmos o objetivo geral e os objetivos específicos, estruturamos o trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, foram abordadas as noções enunciativas de intersubjetividade, referência e elementos do processo enunciativo relacionados a essas noções a partir da perspectiva enunciativa de Émile Benveniste. No segundo capítulo, foram apresentados os elementos do gênero do discurso, conforme propostos por Mikhail Bakhtin, e por estudiosos do artigo de opinião a partir de abordagem bakhtiniana.

A construção desse aparato teórico é proposta com vistas ao estabelecimento de relação de complementaridade entre os estudos benvenistianos e bakhtinianos para ancorar a análise das produções escritas vencedoras das OLP 2016 e 2019. A ideia de relação complementar entre Bakhtin e Benveniste deu-se a partir de dois pontos. O primeiro deles relaciona-se ao fato de os dois estudiosos, conforme apontam Flores e Teixeira (2009), terem sido precursores *stricto sensu* da Perspectiva enunciativa de linguagem. O segundo está relacionado ao fato de Bakhtin ser um filósofo da linguagem e Benveniste um linguista, permitindo, na análise dos artigos, a abordagem dos elementos

gerais dos gêneros, conforme Bakhtin e estudiosos do artigo de opinião, e abordagem de elementos específicos do processo enunciativo, envolvendo as noções de intersubjetividade e referência, conforme Benveniste.

No terceiro capítulo, delimitamos o objeto de estudo. Para isso, apresentamos a criação da Olimpíada de Língua Portuguesa, os objetivos dos organizadores com o projeto, a forma como é definido e avaliado o gênero artigo de opinião. Também, no capítulo metodológico, é apresentado um quadro com *os princípios metodológicos* e com *os operadores de análise*. Os princípios são relacionados ao gênero artigo de opinião, conforme postulados de Bakhtin e de estudiosos vinculados ao filósofo da linguagem. Os operadores são relacionados aos elementos do processo enunciativo, vinculados à perspectiva de Émile Benveniste.

No quarto capítulo, operacionalizamos a análise nos artigos de opinião vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa 2016 e 2019. As análises apontaram como resultados a possibilidade de o estudo subsidiar novas análises de artigos de opinião em concursos, como as Olimpíadas de Língua Portuguesa, e estudos de artigos de opinião em sala de aula de língua portuguesa, principalmente no Ensino Médio.

O nosso percurso teórico alicerçado, de um lado, na abordagem dos elementos do gênero a partir de Bakhtin e, de outro lado, na abordagem acerca dos elementos do processo enunciativo a partir de Benveniste, possibilitou-nos desenvolver uma concepção de artigo de opinião como um gênero com modo de enunciação específico. A reflexão de Bakhtin sobre os gêneros do discurso e a expressão modo de enunciação de Benveniste convocaram-nos a colocar em relação de complementaridade o filósofo e o linguista. Isso foi possível, porque Bakhtin defende que os gêneros estão ligados aos campos de atividade humana e Benveniste defende também a língua como prática humana e como expressão de certos grupos em relações espaço-temporais específicas determinantes dos modos de enunciação. Nessa linha, concebemos o artigo de opinião como um gênero de discurso (Bakhtin) que atualiza modos de enunciação (Benveniste) relacionados aos elementos do processo enunciativo, em que o locutor manifesta sua atitude sobre um fato social a outro e, com isso, situa-se no discurso e se inclui na sociedade. Nessa prática humana ligada ao modo de enunciação artigo de opinião, consideramos que as operações de *(inter)subjetividade* e *referência* são fundamentais, além de que perpassam os elementos do gênero (conteúdo temático, construção composicional e estilo).

Com efeito, as análises mostraram a possibilidade de explorar os elementos do gênero de Bakhtin (conteúdo temático, construção composicional e estilo) interligados aos operadores de análise benvenistianos, pois *referência* e *intersubjetividade* se atualizam em cada um dos elementos do gênero. Um tema de discurso torna-se referência de um artigo de opinião por estar ligado à atitude do locutor sobre um fato social. Eis a relação conteúdo temático (Bakhtin) e a referência (Benveniste). A construção composicional (Bakhtin) está ligada ao engendramento de formas (sintagmatização) para produção de sentidos (semantização) entrelaçada ao estilo, o qual se relaciona às escolhas lexicais e gramaticais (principalmente asserções) para o locutor comunicar certezas ao outro e influenciar seu posicionamento, fato ligado à operação de intersubjetividade, conforme Benveniste. Assim, referência e intersubjetividade estão transversalmente presentes no modo de enunciação do gênero artigo de opinião.

O conteúdo temático do artigo de opinião, em paralelo aos operadores de análise aqui organizados por meio da referência do discurso e das marcas que explicitam a posição do locutor, fez com que identificássemos a argumentação, característica primordial do gênero artigo de opinião.

Outro elemento bakhtiniano, associado a elementos de Benveniste, é a construção composicional, uma vez que os procedimentos acessórios (semantização e sintagmatização) e o aparelho de funções, principalmente as asserções, marcam a posição do locutor e, além de produzir sentidos no discurso, reforçam a busca do locutor pela adesão do outro, fatos que marcam a intersubjetividade característica do artigo de opinião.

Ademais, o estilo, terceiro elemento de Bakhtin estudado, é evidenciado com o uso de verbos, em sua maioria, no presente do indicativo, o que também sinaliza uma das marcas do gênero artigo de opinião relacionado à atualização de asserções. Também a posição do locutor comparece por meio das escolhas das formas nominais, advérbios e adjetivações.

Observar o tema, a construção composicional e o estilo, todos elementos bakhtinianos, em relação, respectivamente, à *referência* e à *intersubjetividade* de Benveniste – operações atualizadas via aparelho de funções, procedimentos acessórios e índices específicos –, foi importante neste estudo por viabilizar caminhos de interligação entre os elementos do gênero de Bakhtin e os elementos do processo enunciativo benvenistianos como possíveis de serem tratados em análises textuais nessa perspectiva de gêneros do discurso, em que está em jogo a estabilidade do gênero (funcionamento geral do artigo de opinião) e a instabilidade (singularidade de cada enunciação), em que

o locutor se implanta como tal na relação intersubjetiva com outro. Ainda que tenhamos explorado aspectos gerais do gênero artigo de opinião, relacionados aos elementos desse gênero e aos aspectos do processo enunciativo, assumimos o pressuposto, a partir de Benveniste, da singularidade de cada enunciação escrita atualizada em determinado gênero de discurso, no caso desta dissertação, o artigo de opinião.

O ponto de chegada deste trabalho, ainda que não esgote as possibilidades de seguir por este percurso e por novos outros que possam vir a surgir, procurou unir a pesquisa teórica à prática do texto: caracterizar o gênero artigo de opinião, em especial os textos avaliados como vencedores da OLP, a partir da relação de complementaridade entre Benveniste e Bakhtin, pode ser um complemento tanto para a criação de sistemas avaliativos da banca de concurso, como o analisado, quanto para as práticas propostas em sala de aula, visto que a análise leva em consideração pontos importantes das reflexões desses estudiosos sobre a linguagem.

Assim como Diego, no conto “A função da arte/1”, de Eduardo Galeano, fica sem conseguir falar por causa da beleza e da imensidão do mar e pede ajuda a seu pai para que consiga olhar tudo o que estava à sua frente, a linguagem o é para o homem: um “sem fim” que nos atravessa, nos constitui, nos possibilita ganhar vida.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1991.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BOFF, O. M. B.; KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. **ReVEL**, v. 7, n. 13, 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CENPEC. **Pontos de vista**. Caderno virtual do Professor. São Paulo, 2021. 7ª Ed. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/10738/caderno-artigo-de-opiniao.pdf>. Acesso em: fev. 2023.
- CUNHA, D. de A. C. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. R. BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- DESSONS, G. **Émile Benveniste: l'invention du discours**. Éditions in Press: Paris, 2006.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, v. 1, n. 2, p. 143-164, 2009.
- FLORES, V. do N. A enunciação escrita em Benveniste: notas para uma precisão conceitual. **D.E.L.T.A.**, v. 34, n. 1, p. 395-417, 2018.
- GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Editora L&PM, Porto Alegre, edição de bolso, 2005.
- GUEDES, P. C. **Da redação escolar ao texto: um manual de redação**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- KNACK, C. **Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação**. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In.: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. (Orgs.). **Escola e literatura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009, p. 99-112.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A.; MACHADO, A. R. (Orgs.). **Gêneros textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MELLO, V. H. D. de. **A sintagmatização-semantização: uma proposta de análise de texto**. 145f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2012.

NAUJORKS, Jane da Costa. **Leitura e enunciação: princípios para uma análise do sentido na linguagem**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientação: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre, 2011.

NORMAND, C. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATO, E. M.; RABELLO, S. (Orgs.) **O Falar da Linguagem (Série linguagem)**. SP: São Paulo. Lovise, 1996.

OHUSCHI, M. C. G.; BARBOSA, F. S. O gênero artigo de opinião: da teoria à prática em sala de aula. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, v. 33, n. 2, p. 303-314, 2011.

Regulamento. Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. 5ª edição. 2016. Regulamento. Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. 6ª edição. 2019. CENPEC. Pontos de vista. Caderno virtual do Professor. São Paulo, 2019. 6ª Ed. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/8148/caderno-artigo.pdf>. Acesso em: fev. 2023.

Textos finalistas 2016. (Coleção da Olimpíada) 2016. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/9766/textos-finalistas-2016-completo.pdf>. Acesso em: fev. 2023.

Textos finalistas 2019. (Coleção da Olimpíada) 2019. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/9161/textos-finalistas-2019.pdf>. Acesso em: fev. 2023.

SILVA, C. L. da C. 2007. 293 f. **A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem**. Porto Alegre. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVA, C. L. da C. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.